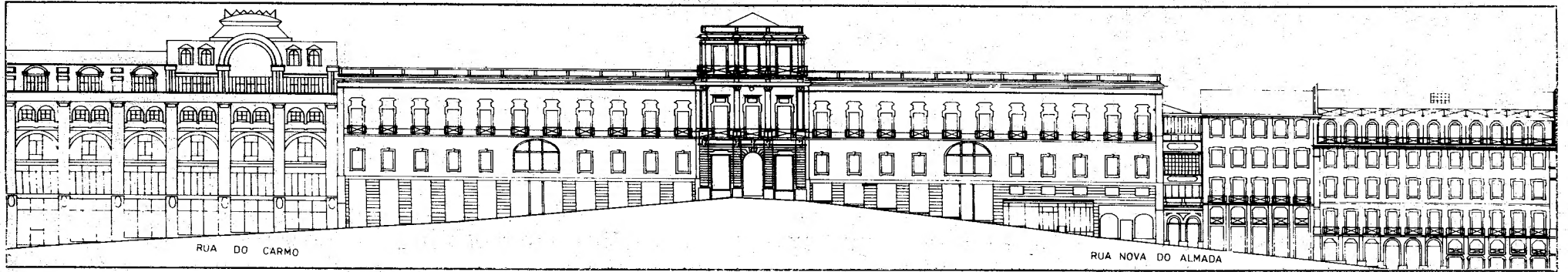


Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23267

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 25 JUNHO 90 70\$00



Chiado: plano para avançar

Siza Vieira cumpriu. O plano e as normas de reconstrução do Chiado estão prontos. A vereação mais não fez esta manhã do que analisá-los, em sessão extraordinária da Câmara Municipal de Lisboa. Sampaio deu um forte empurrão neste processo ao desbloquear uma verba de cerca de cinco milhões de contos do Fundo de Apoio à Reconstrução, que o Governo cativava.

A máquina municipal, que continua perra, ainda não deu uma resposta célere ao processo e, por falta de condições jurídicas e técnicas prévias ao dispor dos proprietários dos edifícios, não é possível prever com segurança a data do arranque das obras. Ainda não estão contratados empreiteiros e arquitectos, ainda se fazem testes sobre a consolidação de alguns edifícios e os artesãos que hão-de realizar restauros até agora não foram preparados, embora Siza (que vemos na foto ao lado do eng. Pessanha, director do gabinete do Chiado) nos tenha dito, à

entrada para a sessão, que já começou a negociação para a escolha do empreiteiro que há-de realizar as obras dos dois primeiros blocos.

O plano de Siza garante a reconstituição da traça geral da zona consumida pelo incêndio e introduz-lhe algumas alterações funcionais para dar animação humana à zona, com a instalação de dois hotéis e algumas dezenas de casas de habitação, e inovações com o sentido de melhorar a circulação, tais como corredores e escadas que estabelecerão uma relação pedonal entre a parte mais alta e a parte baixa da cidade com a área intermédia do Chiado.

Na reunião desta manhã participaram os presidentes das juntas de freguesia da área, dos Mártires, Sacramento e São Nicolau, que disseram ao DL irem apresentar um pedido de alargamento da área crítica da Chiado a zonas que se encontram em forte estado de degradação.

Págs. 2 e 3



Mundial de futebol

Lazaroni põe Brasil a chorar

□ Otel Saraiva de Carvalho escreve sobre a derrota do «escrete canarinho»

□ José Palla e Carmo explica o seu favoritismo pela «squadra azzurra»

O Brasil está a chorar. Desde ontem. E tudo porque o escrete canarinho foi posto fora do Mundial de Itália por uma selecção argentina que, não sendo brilhante, foi mais eficaz. Pior de que tudo foi que o Brasil não se viu neste Mundial: um futebol descharacterizado, uma equipa desunida, longe, muito

longe das selecções que deram grandes alegrias ao povão que, limpas as lágrimas, voltará a preocupar-se com o plano Collor. Quanto aos craques, que tanto barulho fizeram em Itália e que tanto discutiram entre si, ficaram como o cruzeiro: com baixa co-tacção.

Págs. 6, 22, 23, 24 e 25

Cimeira dos Doze em Dublin

Portugal sem pressa na união europeia

Avançar rumo à união política europeia, sim, mas com os pés bem assentes na terra. Portugal integra o grupo de países da CEE que quer analisar em profundidade o problema antes de tomar uma decisão. Esta posição, que Cavaco vai defender na Cimeira de Dublin, iniciada hoje na cidade irlandesa, reúne, aparentemente, o consenso das diversas forças políticas portuguesas.

Págs. 4 e 8

Na nova ordem do Mundo

África tem medo de ser esquecida

Págs. 16 e 17

O DL em Jerusalém

«Digam lá fora o que estão a fazer-nos»

Crónica do nosso enviado especial, Duarte Calvão

Pág. 10



PORTE
PAGO

Totoloto: emigrante ganha 184 mil contos

Pág. 26

Coreias: primeiros-ministros vão reunir-se

Pág. 10

Walesa abandonado por dezenas de conselheiros

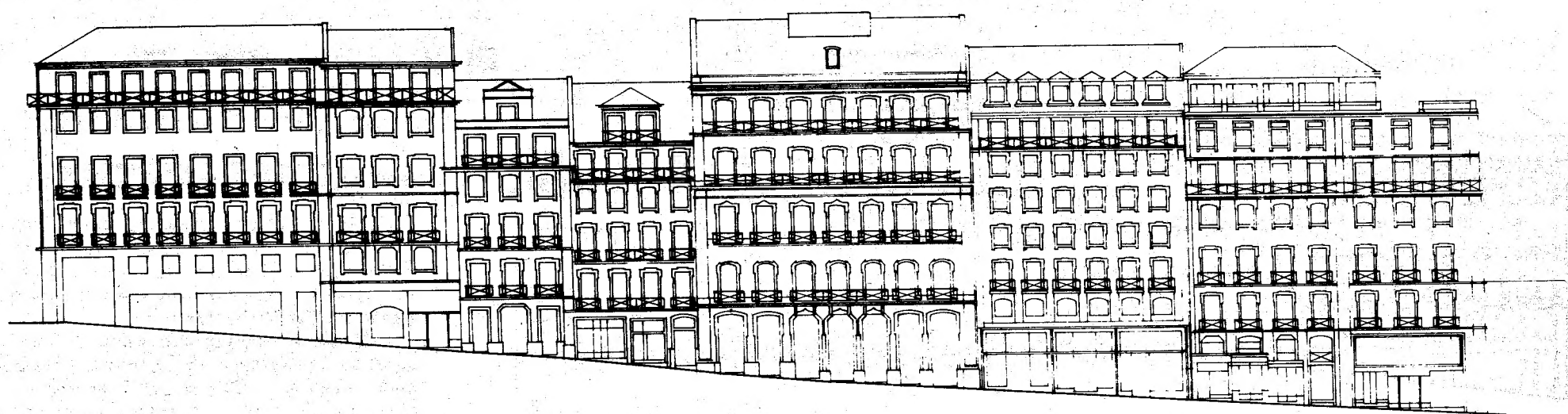
Pág. 8

Alfama ganhou o concurso de marchas populares

Pág. 12

Trabalhadores em luta pelas 40 horas semanais

Pág. 11



RUA DO CARMO

O desenho de Siza para os edifícios das Ruas Nova do Almada e do Carmo fronteiros aos armazéns do Chiado e do Grandella

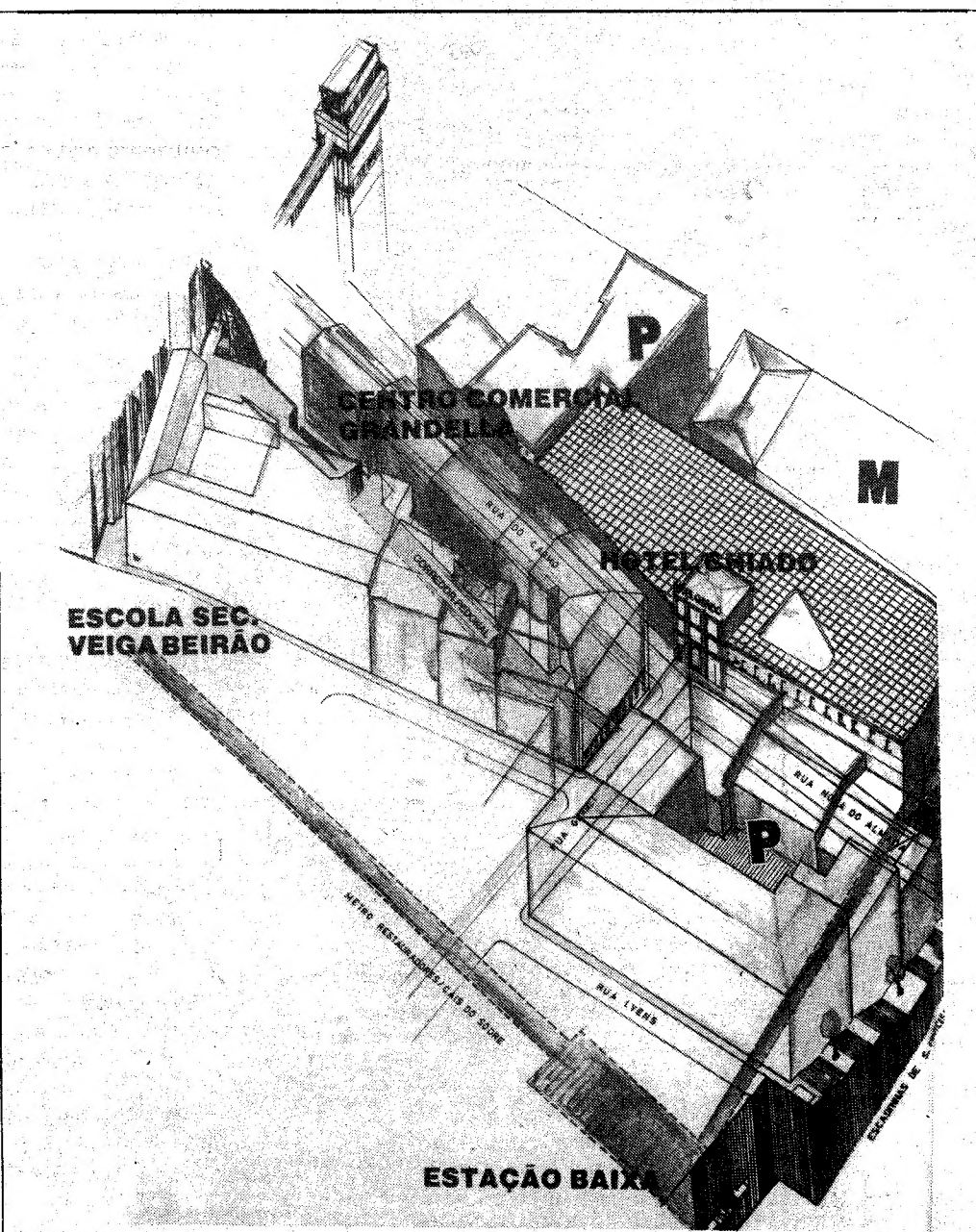
Chiado: a ferida começa a sarar

O Plano de Pormenor para Recuperação da Zona Sinistrada do Chiado é hoje apreciado durante uma reunião extraordinária da vereação da Câmara Municipal de Lisboa. Estamos em Junho de 1990 e, passados quase dois anos após o incêndio que consumiu grande parte do centro histórico da cidade, ainda não existem certezas quanto ao arranque prático das obras de reconstrução. Pessanha Viegas, optimista, alvitra a hipótese de em Setembro os estaleiros começarem a funcionar.

«Aprovado o Plano, os proprietários podem começar as obras 'ontem'», ironizava o responsável pelo Gabinete do Chiado quando falava ao «DL». De facto, tudo poderia começar 'ontem' se não se tivessem interposto obstáculos que causaram alguns engulhos e que só agora começam a ser ultrapassados. O desbloqueamento do acesso aos cinco milhões de contos do Fundo Especial de Apoio à Reconstrução do Chiado, FEARC, foi um deles. Só em meados de Abril de 1990 se resolveu este problema que se arrastava há alguns meses. Para o vereador Rui Godinho «tratou-se de um dos grandes méritos da nova equipa que entrou para a Câmara conseguir resolver esta situação em tão pouco tempo».

Rui Godinho destacou ainda o camarão do novo elenco camarário ter chegado a acordo com relativa facilidade com os proprietários, dos 18 edifícios destruídos pelo incêndio no que diz respeito às linhas gerais do programa de recuperação de Siza Vieira. Na opinião da maioria dos técnicos municipais, o ritmo a que tudo se tem processado é pelo menos satisfatório.

Ao transeunte que diariamente sobe e desce o passadizo e olha para as paredes chamuscadas e ferros retorcidos, alguns já ferrugentos, do que outrora foi o grande pólo comercial lisboeta custa a crer que dentro de pouco tempo (os três anos oficialmente anunciados) ali



Nesta planta de Siza se podem observar algumas das inovações propostas: o metro que vai da Velga Beirão à estação da Baixa (M), situada na esquina da Garrett com a Rua Ivens, metro que tem um outro ponto de entrada na rua do Crucifixo (M); o percurso pedonal entre a porta lateral da Igreja do Carmo, ao longo do muro da Velga Beirão, até à Rua do Carmo; dois parques de estacionamento cobertos (P), um no interior do quarteirão do edifício do Eduardo Martins e outro em pisos do Grandella

renasça o novo Chiado saído do atelier de Siza Vieira.

Apointa-se o bloqueio ao FEARC como um factor que retardou o processo de recuperação. Não obstante, verificou-se que algumas operações essenciais para o arranque dos trabalhos só há pouco começaram. É o caso dos testes destinados a analisar a resistência das paredes, 22 meses após o sinistro. Na

verdade, só se iniciaram em Abril deste ano e ainda não terminaram.

É natural que o cepticismo reine junto dos que esperam novidades. Pessanha Viegas, como acima deixa transparecer é mais optimista. «Assim que o Plano de Pormenor for aprovado na Câmara e proprietários dos blocos A e B já sabem com o que podem contar, tal como os arquitec-

tos que vão tratar principalmente dos interiores dos edifícios, pois no Plano vêm referidas determinadas regras, a que têm de obedecer», disse o director do Gabinete do Chiado ao «DL».

Segundo o responsável pela recuperação de Angra do Heroísmo depois do sismo de 1980, agora à frente da reconstrução do Chiado,

os donos daqueles edifícios, associados nos blocos A e B que abrangem o quarteirão da Rua Nova do Almada, Garrett e parte da Rua do Carmo, foram aconselhados a escolher um único empreiteiro como forma de acelerar o andamento das obras, pois o bloco que incluem Chiado e Grandella serão reconstruídos à parte. Se não houver consenso rápido quanto a esta questão novos armazéns poderão surgir, para não falar já nos meses de Julho e Agosto.

Paulo Fernandes, um dos administradores dos armazéns Eduardo Martins, disse-nos: «o que interessa agora aos proprietários é saber como ter acesso às verbas do FEARC. Quanto ao que pretendemos que seja construído no lugar do Eduardo Martins, temos ideias claras: reconstituir os armazéns que lá estavam, já que nós éramos donos da loja e também do prédio.»

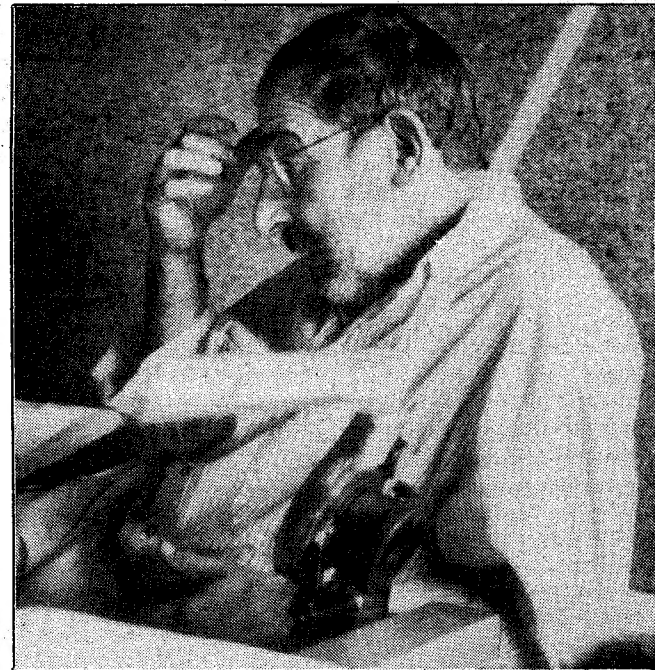
Estas são as intenções de um dos proprietários. As de Siza Vieira, apontam para a existência de comércio nos pisos térreos, de terciário nos andares intermédios e de habitação nos últimos andares. Este último aspecto revela-se importante, uma vez que a aposta na revitalização daquela zona assenta

nos 30 por cento de habitação que ocuparão os prédios reconstruídos.

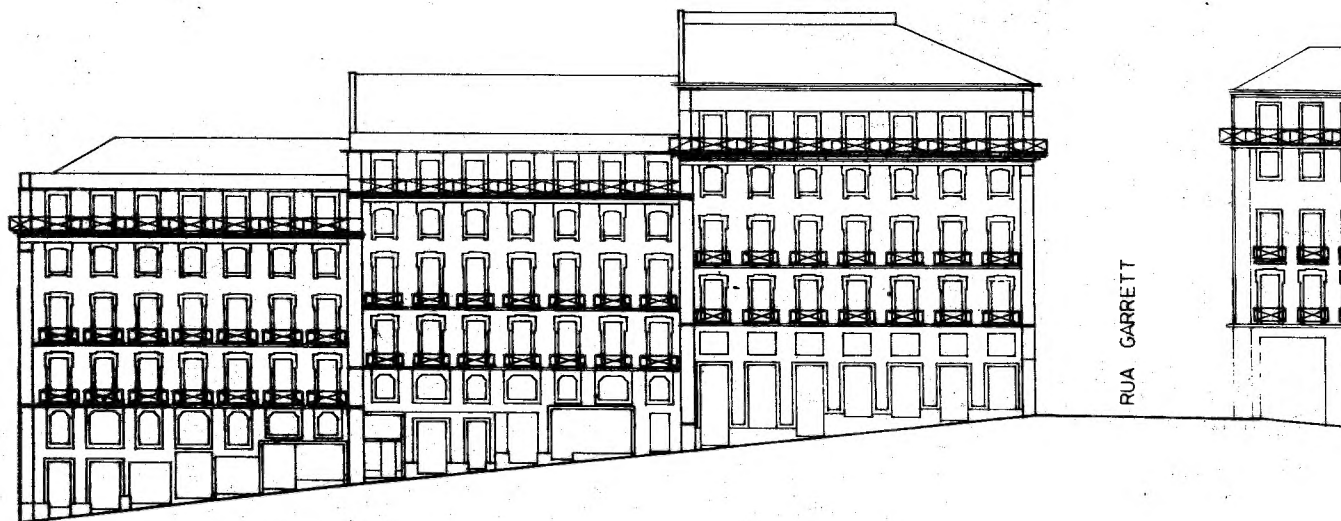
As grandes novidades desta intervenção de Siza Vieira no Chiado são a abertura de um percurso pedonal nas traseiras da Escola Veiga Beirão (que deverá ser transformada num aparthotel) com acessos através de rampas à porta lateral sul da Igreja do Carmo e ao prédio do Martins e Costa; a reabertura de um percurso por escadas entre as Ruas do Crucifixo e Nova do Almada; o aparecimento de um túnel, com passadeira rolante, entre a futura estação de Metropolitano (localizada no cruzamento das Ruas Garrett e Ivens) e as Ruas do Crucifixo e do Carmo; o regresso do trânsito, ainda que condicionado, à Rua do Carmo; a transformação do edifício dos Grandes Armazéns do Chiado em hotel de luxo e a passagem do Grandella a centro comercial e cultural com um parque de estacionamento incluído.

O mesmo Chiado ou outro Chiado

Com todas estas inovações o Chiado será o mesmo, perguntar-se-ão os lisboetas. Quanto a fachadas podem estar descansados os que



Siza Vieira



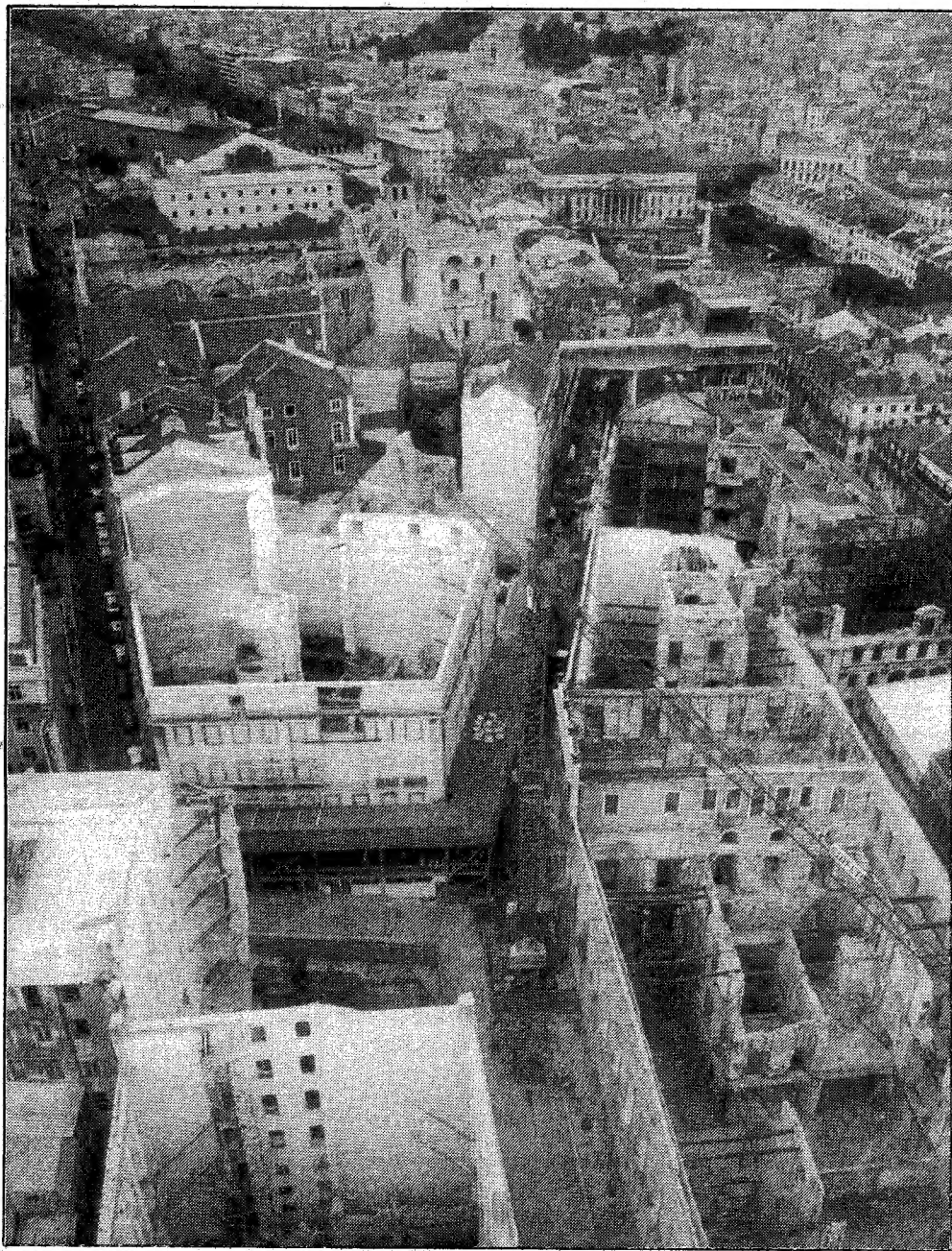
RUA NOVA DO ALMADA

GRANDE ANGULAR

temiam uma mudança radical. O arquitecto do Porto, no seu plano defende «a recuperação ou reconstrução das fachadas existentes ou demolidas mantendo as características arquitectónicas originais» e a traça pombalina que sempre dominou a zona. As cêrceas não deverão sofrer grandes alterações tal como as cotas de piso das construções.

A lufada de ar fresco vem, literalmente, dos novos espaços públicos que resultam do aproveitamento dos logradouros dos prédios. A saber: traseiras do Eduardo Martins e, como acima referimos traseiras da Veiga Beirão. Surgem assim dois novos pólos de animação com as esplanadas. Se tudo andar conforme o previsto daqui a três anos já terão sido gastos cerca de 11 milhões de contos com a reconstrução do Chiado, mas em compensação os lisboetas e os outros que visitam a capital poderão passar através dos portais marcantes e sentar-se nas esplanadas da nova rua que Siza Vieira idealizou depois de um passeio inspirado pelas ruínas, pouco tempo após o incêndio.

Luísa Alexandra Botinas



Temos o dever de sarar estas feridas com desvelo e cuidados

Siza Vieira regenerador

«Não será uma ilha de yuppies»

O homem escolhido para fazer renascer das cinzas o Chiado que desapareceu no dia 25 de Agosto de 1988 não pensa só em termos de alçados, esquisos, cêrceas ou cotas. É claro que as pessoas são o mais importante. Por isso, o seu carácter humanista e sóbrio apaziguou os receios de alguns que antes de saberem quem seria o arquitecto responsável pela difícil tarefa, temiam intervenções que desvirtuassem o ambiente da zona.

No ano passado, em entrevista que concedeu ao «DL», no seu atelier do Porto, Siza Vieira garantiu que o Chiado não se transformaria numa

ilha de yuppies. «As casas do Chiado serão de prestígio. Mas foi preocupação do projecto não fazer dali uma ilha na cidade. Privilegiaram-se os aspectos da relação com as zonas envolventes e não vejo que uma zona de passagem se transforme numa ilha de yuppies. As pessoas que lá viverem nessas 70 casas não serão determinantes nesse enquadramento do Chiado», disse-nos.

Relativamente às fachadas dos edifícios, assunto que gerou alguma polémica quando na altura se discutiu a recuperação parcial ou total do Chiado, Álvaro Siza

tem ideias claras. Uma será de recuperar, outras pelo seu fraco valor estético, não terão o mesmo destino. «A reconstrução, milímetro a milímetro, se não for acompanhada por causas bastante fortes do Chiado futuro arrisca-se a ser uma espécie de romantismo mumificante que não me agrada por inteiro.

Mas se algumas lojas quiserem a recuperação total dos interiores, como é o caso da Perfumaria da Moda, aí haverá a possibilidade de restauro minucioso», afirmou Siza Vieira.

Cingindo-se também às contingências da zona, Siza

Vieira respeitou a atmosfera pombalina. A marca da sua passagem ficará perceptível nos portais que darão acesso à nova rua resultante da abertura do logradouro entre as traseiras da Escola Veiga Beirão e os prédios com frente para a Rua do Carmo e Garret. «O estilo deste dois portais estabelece uma ruptura na continuidade das fachadas. Não será um capricho de arquitecto, será antes a escala e o desenho apropriados a um facto novo. Trata-se de uma intervenção forte, não espalhafatosa.»

L.A.B.

B R E V E S

As calamidades regeneradoras

Corridos dois anos sobre o medonho incêndio do Chiado já temos o desenho do seu futuro. No papel e pela decisão burocrática e política temos um plano de reconstrução e normas para a sua execução. Siza Vieira cumpriu.

A Câmara e aos proprietários dos edifícios resta agora cumprir com rigor, minúcia e alguma audácia a parte que lhes cabe no fazer renascer das cinzas da dor e também do silêncio o que a incúria e a imprevidência de todos entregou à lambarice das chamas.

Da incúria e da incapacidade de defender e renovar uma zona histórica nasceu a tragédia. E só a calamidade acabou por fazer nascer a energia para empreender uma reconstrução que o senso municipal deveria ter realizado numa tranquila gestão urbanística. Lisboa parece fadada a regenerar-se por impulsos trágicos. Aconteceu com o terramoto de 1755 e com vários incêndios de várias proporções.

O incêndio do Chiado foi uma tragédia e um susto. Levianos, nem o medo nos guardou de persistir na imprevidência. Dos arquivos jornalísticos do evento ainda pode ser recortado o contributo que os jornalistas deram à descoberta das causas profundas do incêndio. Essas causas continuam presentes no resto da Baixa. O que se fez?

A reconstrução do Chiado não chega para apagar a memória de uma perda, para pagar uma dívida afectiva que não saldamos com a nossa cidade.

O futuro do Chiado quem o debateu? Habitados ao providencialismo dos homens tutelares, deixamos o arq. Siza Vieira sozinho, e nunca mais se falou disso. Do seu génio se espera tudo. E onde está o seu marquês de Pombal para executar o projecto, nem sequer pautado pela inovação, mas pelo respeito da conservação de uma atmosfera urbanística. Executar com rigor e com coragem, nesta idade de liberalidade de negócios imperantes?

A história da cidade diz-nos que só alguns despostismos iluminados deram lugar à coragem das utopias. Recordamos o marquês de Pombal e Duarte Pacheco. Como se faz isto em democracia?

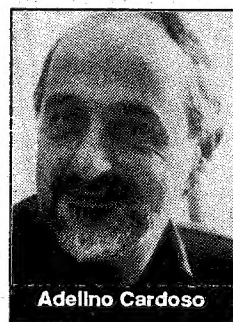
Apesar do génio e da humildade com que Siza se limita a repor o valor ambiental, histórico e arquitectónico do Chiado, sem exhibir o traço do seu lápis renovador, duas ou três coisas me preocupam:

A ideia de Siza de restituir o tráfego automóvel à rua do Carmo é preocupante. A doutrina já fixada diz que um tráfego intenso provoca a rápida degradação dos núcleos históricos. Veja-se o actual espectáculo de estacionamento na rua Garret. Como se vai restituir às ruas as funções de abertura e passeio pedonal e de animação cultural?

A escolha das actividades para a zona, sobretudo a do comércio, não é inocente. Se a Casa Batalha, as Pastelarias Bénard e Ferrari constituíam símbolos nobres do Chiado, qualquer introdução de comércio estandarizado abrirá feridas no seu estilo e na sua harmonia. Já agora, sendo o Chiado um local de passagem e de visita, porque não pensa a Câmara reservar para si um espaço cultural, uma galeria dedicada à exposição de Lisboa?

Que garantias temos de o traço regenerador de Siza vir a ser respeitado pelos arquitectos mandados pelos proprietários? Como vamos evitar que a

febre do betão não agrida o carácter cultural e histórico da zona? Está garantida a formação de artesãos e de técnicos de reconstrução, aliás necessários para as tarefas que hão-de se empreender noutras áreas históricas? Entre o projecto de Siza e a sua concretização há um apuramento oficial e uma preservação de filosofia que cabe à administração municipal garantir. Este é também um exame perante o qual ela vai estar à prova.



Adelino Cardoso

POLÍTICA

POSTO DE ESCUTA

Carlos Melancia

Transição

«O período de transição até 1999 deve ser entendido como início de uma nova era, dotando Macau em todas as grandes áreas de uma autonomia própria. Daí a estratégia de grande dinâmica»

Desenvolvimento

«Macau pode vir a ser, face ao que está em curso, um centro importante de desenvolvimento regional, com um peso decisivo no natural desenvolvimento do Delta do Rio das Pérolas»

Receitas

«Em matéria orçamental, as receitas do território provêm, em cerca de metade, das taxas aplicadas sobre o jogo. Daí a necessidade de diversificar as fontes de receita e promover os grandes empreendimentos. Estes, não devem estar, mas pela natural concretização dos compromissos assumidos pelos Estados»

Cultura

«A preservação dos valores culturais, históricos e patrimoniais portugueses só é possível se, nos próximos anos, a língua e a presença portuguesa se afirmarem e tornarem úteis»

China

«Estamos a trabalhar para o futuro da República Popular da China, sem dúvida, mas fundamentalmente para o futuro das relações entre os dois Estados»

Hong Kong

«Se a nossa estratégia fosse a mesma das autoridades de Hong Kong, os interesses portugueses não poderiam ser defendidos adequadamente»

Jogo

«Citar o jogo como exemplo de prosperidade é esquecer, por exemplo, que a prosperidade e desenvolvimento de Hong Kong tiveram por base o comércio do ópio»

Aprender

«Não faço mais do que aprender com a história para manter um bom relacionamento com a China»

Tostão

«A República Portuguesa não gasta um tostão com os grandes empreendimentos. E só gastará a iniciativa privada que vir nisso interesse estratégico para os seus negócios»

Autofagia

«Tudo o que se fizer em Portugal que afecte a estabilidade de tudo o que está em curso no território é uma estratégia autofágica. Não é concebível que se ponham os interesses pessoais acima dos interesses do País»

ENTRE NÓS, Rádio Comercial, 24.06.90, Carlos Melancia entrevistado por Jorge Gonçalves e António Lázaro

Cimeira de Dublin começou hoje

Cavaco com reservas à união política

Portugal vai defender, durante a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo que hoje começou em Dublin, uma maior reflexão em torno da construção da união política europeia, que o Governo considera não estar ainda suficientemente amadurecida.

Esta leitura da situação parece recolher o consenso entre as principais forças políticas portuguesas, a avaliar pelos resultados do encontro de Cavaco Silva com a oposição, realizado na sexta-feira.

Então, os diversos líderes manifestaram posições globalmente coincidentes, nesta como noutras matérias em apreciação na reunião na capital irlandesa.

Jorge Sampaio fez chegar ao primeiro-ministro, no próprio dia do encontro, um documento fortemente crítico relativamente à união económica e monetária, no qual acusa o Executivo de comportamento eleitoralista no que concerne à integração europeia.

Porém, em declarações à agência Lusa, admitiu a necessidade de aprofundar o debate em torno da união política, salvaguardando que as divergências se situam a nível do ritmo a adoptar.

Avançar «de forma gradual, por etapas e com prudência» - eis a posição de Freitas do Amaral, que considera fundamental o reforço da legitimidade democrática das instituições comunitárias. Carlos Carvalhas, que repre-

sentou o PCP no encontro com Cavaco, alinou teses já conhecidas: os comunistas são favoráveis ao reforço de poderes do Parlamento Europeu (em detrimento da Comissão) e dos parlamentos nacionais, além de preconizarem uma maior cooperação entre eles.

Posição evoluiu

As reticências que o nosso País vai apresentar neste encontro de Dublin face à união política fundamentam-se em receios de perda de soberania, particularmente nas componentes política externa e segurança. Cavaco Silva já considerou inaceitável que «um país com oito séculos de história alguma vez possa ser entendido como uma qualquer autonomia regional no quadro de uma confederação de estados europeus».

É pouco provável, porém, que esta postura cautelosa do Governo português venha a ser contrariada em Dublin, embora o nosso país esteja entre a minoria de membros da CEE que colocam reservas ao processo. Segundo a Lusa, o documento em apreciação, da autoria dos ministros dos Estrangeiros dos Doze, mantém a questão em aberto, remetendo uma decisão final para análise posterior.

Partilha de soberania e o Leste

No centro da discussão vão estar, ainda assim, questões tão importantes como a par-

tilha de soberania, que, na óptica dos arautos da união política não significa o condicionamento de posições.

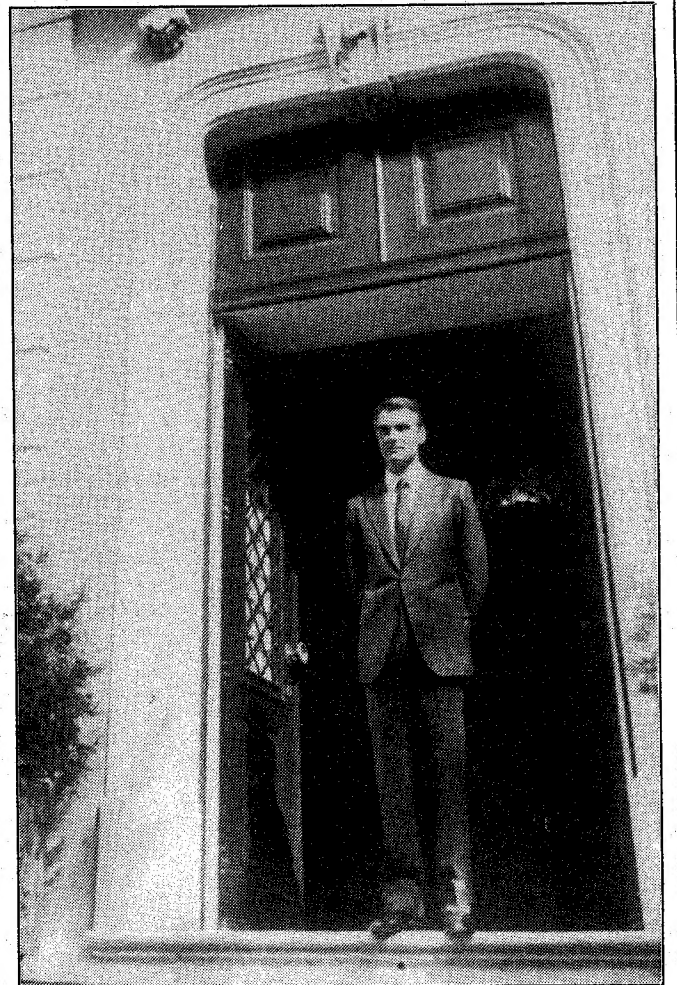
Estes lembram a participação na NATO, que não tem reduzido a influência política dos seus membros, e chamam a atenção para o facto de a união ser, para os países pequenos, precisamente o único caminho para sair do isolacionismo.

Portugal alterou, aliás, ligeiramente a sua posição, nas últimas semanas. Depois de defender a separação da discussão - primeiro a união económica e monetária, depois a união política - passou a admitir a simultaneidade.

Quanto aos poderes dos órgãos comunitários, o Governo sustenta o reforço de competências do Conselho, alargando o voto por maioria a assuntos que até agora careciam de unanimidade. Paralelamente, o Executivo defende que o Conselho de Assuntos Gerais é «por excelência» o Conselho de Ministros da CEE.

Nesta 43ª Cimeira Europeia outras questões fazem parte da agenda. Além do posicionamento face à África do Sul, em relação à qual a CEE mantém sanções económicas, os líderes dos Doze vão debater, até amanhã, a política a adoptar face ao Leste, particularmente a União Soviética (ver texto na página 8 desta edição).

Redacção «DL»/Lusa



Cavaco Silva não põe em causa união política, mas quer ponderar a questão

Sesimbra contrária à presença de Le Pen

A prevista reunião da extrema-direita europeia, liderada pelo francês Le Pen, que se tem distinguido por ataques à presença de emigrantes no seu país, está a provocar naturais reacções e alguns receios. O encontro vai decorrer num hotel de Sesimbra, entre 2 e 4 de Julho. Na sexta-feira a Assembleia Municipal daquela vila aprovou duas moções de protesto, da CDU e do PS.

A CDU protesta «contra a estada em Sesimbra de figuras representativas de um período da história da humanidade, que se repudia», enquanto a moção do PS «repudia todas as atitudes totalitárias e racistas e apela à população de Sesimbra para que não responda a quaisquer provocações».

Entretanto, segundo a Lusa, os comerciantes de Sesimbra estão preocupados com possíveis manifestações e distúrbios que possam vir a ocorrer durante os dias da reunião.

Uma fonte partidária citada pela mesma agência declarou que, «tendo em conta a vinda de antigos elementos das «Waffen SS», é provável que os serviços secretos israelitas tentem qualquer acção, assim como também podem haver acções de apoiantes nazis».

O eurodeputado do PSD Carlos Pimenta disse no final de um debate sobre ambiente, na Câmara Municipal de Setúbal, organizado pela UGT e pelo Secretariado Europa 92, que pessoalmente está contra aquela reunião, acrescentando que, «por um lado, são deputados do Parlamento Europeu, são pessoas que foram eleitas e têm o direito de se reunirem», mas o grupo social democrata do Parlamento Europeu não lhes dará qualquer apoio.

«São pessoas que defendem princípios de carácter racista, fascista, e que espalham o ódio aguçando os sentimentos mais baixos das pessoas», acrescentou Carlos Pimenta.

O grupo utilizou no entanto as estruturas de apoio oficiais. As reservas no Hotel do Mar, onde se realizará a reunião, foram efectuadas pela agência de viagens do Parlamento Europeu.

O «DL» apurou, entretanto, que até esta manhã o Governo não tinha conhecimento oficial da reunião.

Embora os parlamentares europeus não necessitem de autorização especial para se reunirem em qualquer dos Estados membros, um encontro deste tipo coloca no entanto problemas especiais de segurança às autoridades portuguesas.

Fontes oficiais contactadas pelo «DL» consideram estranho que, a uma semana da reunião, nenhuma comunicação tenha sido feita.

No Conselho Nacional

CDS denuncia «aflições» do PSD

O Conselho Nacional do CDS, reunido durante o fim-de-semana, criticou certas acções do Governo que, em prejuízo da estabilidade económica e da integração europeia de Portugal, considera que mais não visam do que «acalmar as aflições eleitorais do PSD».

Em comunicado, o CDS refere que a sua preocupação é sustentada por várias circunstâncias e para as quais procura alertar a opinião pública. «Em primeiro lugar, a imagem de rigor e de seriedade do ministro das Finanças tem vindo a ser degradada constantemente pelos sectores que ditam a estratégia do Governo. Sempre que o dr. Miguel Beza anuncia medidas de contenção das despesas públicas, com a finalidade de combater a inflação, logo são anunciados novos e maiores gastos, ao serviço da demagogia e das preocupações eleitoralistas» - refere o comunicado.

O CDS considera que tais acções apenas servem para confundir os cidadãos comuns e os agentes económicos, pondo a nu graves conflitos internos no Governo. Segundo o Conselho Nacional do CDS, «o défice comercial vem crescendo progressivamente e há indícios de que a execução do orçamento vai

produzir também um agravamento do défice orçamental, apesar do crescimento contínuo das receitas fiscais».

Tais indicadores são factor de desilusão, quando adicionados ao disparo assustador da inflação: «os sacrifícios do sector privado, a quem tem sido limitado o recurso ao crédito e a quem têm sido exigidos cada vez mais impostos não são acompanhados de rigor da administração, pelo que os mesmos sacrifícios se tornam quase inúteis para o combate à inflação».

Tudo isto faz com que o CDS tema que as opções fundamentais que se colocam a Portugal, como a adesão ao Sistema Monetário Europeu (SME) e a participação na União Económica e Monetária, «estejam a ser determinadas não por uma visão de Estado, mas por preocupações eleitorais de conjuntura».

O CDS referiu ainda que «não pode tolerar que as dificuldades que o desafio europeu representam sejam agravadas pelos esforços de manutenção no poder do PSD, nem pode permitir que o eleitoralismo descarado daquele partido afaste o nosso país dos seus parceiros europeus».

Redacção «DL»

POLÍTICA

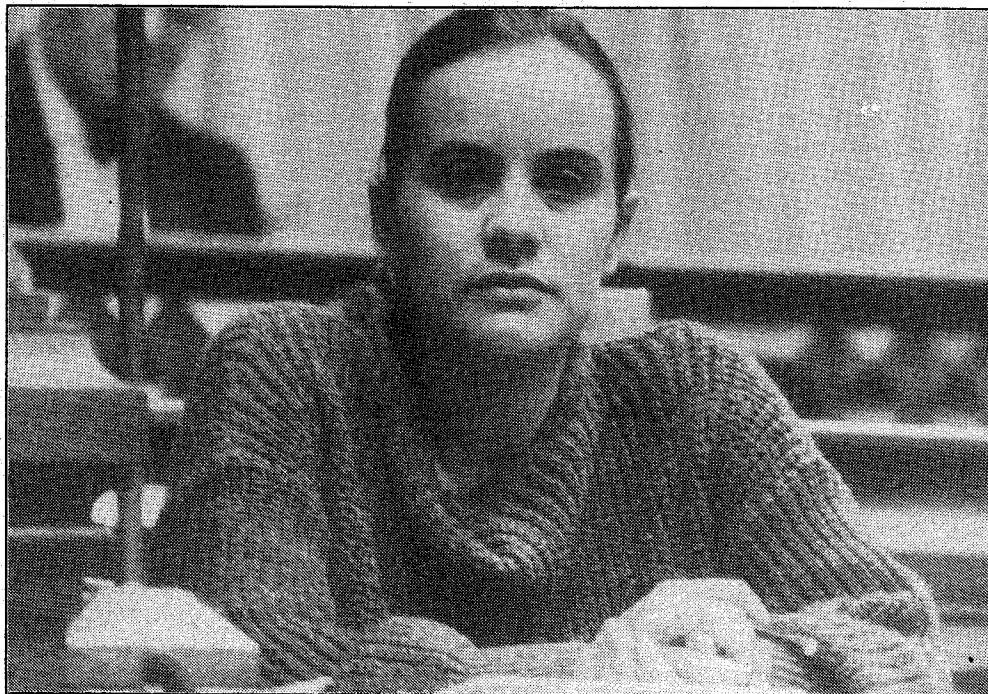
Depois do Conselho Nacional de sábado

Verdes com espectro de cisão

O espectro da cisão abateu-se sobre «Os Verdes» na sequência dos acontecimentos do Conselho Nacional de sábado passado. A possibilidade é colocada pelos dois grupos em confronto, os defensores da prossecução da aliança com o PCP e os que admitem denunciá-la.

A reunião de sábado do Conselho Nacional, em Lisboa, prometia ser, à partida, marcada pela polémica. Da agenda de trabalhos, além da eleição de nova Comissão Executiva e da marcação de uma Convenção Nacional Extraordinária, constava um tema que já na anterior reunião do órgão, na Covilhã, fora controverso: as Presidenciais. Por outro lado, era difícil evitar o confronto entre os dois grupos, mais a mais após a entrevista de Maria Santos ao «Expresso», na qual a eurodeputada admitia pela primeira vez publicamente a possibilidade de uma aliança com os comunistas ser renegociada.

Entre as dez da manhã e as seis da tarde, os ecologistas não conseguiram sequer eleger a mesa, em função do aparecimento de eleitos «que ninguém conhecia», segundo um membro da tendência «fundamentalista». Os estatutos do partido prevêem que, aos 35 membros do Conselho Nacional eleitos em Convenção se associem 16 representantes regionais. Porém, na reunião de sábado, ainda segundo aquele informador, apareceram pessoas



Maria Santos abandonou os trabalhos do Conselho Nacional

supostamente eleitas em regiões onde não existem núcleos do PEV, como Beja, Évora e Mirandela.

Posição distinta perfilha Isabel Castro, membro da Assembleia Municipal de Lisboa. Em declarações, esta manhã ao «DL», afirmou que, se se tomar como exemplo os outros partidos, «Os Verdes» não têm estrutura organizada em lado nenhum», sustentando a legitimidade dos representantes regionais.

Isabel Castro considerou que, apesar de conselheiros como Maria Santos e Herculan Pombo terem abandonado os trabalhos ao fim da

tarde, a reunião foi legal, tendo mesmo abordado a questão da realização de uma Convenção Extraordinária do partido. Leitura diferente tem Porfírio Alves Pires, membro da Comissão Executiva (CE), afecto ao grupo que preconiza o distanciamento em relação do PCP. Na impossibilidade de efectuar a necessária verificação de mandatos, competência da CE, uma das saídas, na sua óptica, passa pela confirmação dos membros do Conselho Nacional junto do Tribunal Constitucional.

Enquanto o diferendo não é ultrapassado, as duas tendências vão realizar en-

contros com a Imprensa. Para amanhã, o Conselho Nacional reunido no sábado marcou um. Quarta-feira, é a vez da Comissão Executiva. Ambas estão de acordo num ponto: há que resolver a questão «com os custos políticos mínimos». Um dirigente do grupo «fundamentalista» afirmou ao nosso jornal que «a hipótese de ruptura não está afastada», em função do posicionamento do grupo adversário. Para Isabel Castro, porém, não é a política de alianças que está em causa, mas «a forma menos correcta como se têm situado certos membros do partido».

Paulo Martins

JSD defende criação de Provedor Militar

A Juventude Social Democrata anunciou ontem, em Coimbra, a sua intenção de apresentar uma proposta, na Assembleia da República, no sentido de se criar uma figura de «Provedor de Justiça Militar».

O presidente da Comissão Política Nacional, Passos Coelho, salientou que, para ocupar o referido cargo, «deverá ser escolhida uma personalidade não militar. Esta figura funcionará como uma instância de recurso para jovens que prestem serviço militar».

Apelar ao ministro da Defesa no sentido de uma «rápida divulgação pública» dos estudos realizados sobre a redução do serviço militar obrigatório, bem como o estabelecimento da sua data de entrada em vigor, foi outra das decisões tomadas durante o Conselho Nacional desta Juventude.

Entretanto, o secretário-geral da Juventude Socialista, António José Seguro, criticou já a proposta da JSD a propósito da criação desta figura.

«A JS entende que o que há a corrigir são as condições de serviço militar obrigatório, não havendo necessidade de se arranjar uma figura de Provedor de Justiça Militar, a menos que, a JSD queira colocar mais um seu dirigente a receber dinheiro do Estado ou a promover a sua política» - referiu este dirigente.

António José Seguro acrescentou ainda que amanhã se irá encontrar com o ministro da Defesa com o propósito de o questionar sobre o andamento do estudo encomendado às chefias militares, por parte do Ministério que tutela, no que respeita à eventual redução para quatro meses de prestação do serviço militar obrigatório.

Secretariado poderá ter Comissão Permanente com seis ou sete elementos

PS distribui pelouros

A distribuição de pelouros no Secretariado Nacional do PS tem lugar esta tarde. Fonte socialista afirmou ao «DL» que a principal novidade vai ser a constituição de «uma comissão permanente no seio do Secretariado do partido».

A comissão teria seis ou sete elementos e «seria uma espécie de task force para contrapor ao grupo de estratégia do PSD que todos os dias define as prioridades políticas daquele partido».

Jaime Gama, Jorge Lácio e Alberto Martins deverão ser alguns dos nomes a incluir nesta «comissão permanente» que deverá passar a decidir a estratégia política diária do Partido Socialista.

A quase totalidade dos pelouros do Secretariado Nacional vai continuar nas mesmas mãos. A excepção será o caso do pelouro de ligação às federações, distribuído a António Costa, agora ausente deste órgão dado o seu envolvimento na Federação da Área Urbana de Lisboa, FAUL.

Fontes socialistas contactadas pelo «DL» afirmam que o relacionamento com as federações, poderá ficar a cargo do chefe de gabinete de Jorge Sampaio, António Manuel, saltando as-

sim das atribuições do Secretariado.

António Costa com maioria da FAUL

A eleição de delegados para o congresso da FAUL decorreu este fim de semana. António Costa, subscritor da moção «Ganhar 91», conseguiu já a eleição da maioria dos 640 delegados. Rui Cunha, que apresentou a moção «Activar a FAUL», não deverá contar com mais de 25 por cento dos apoios. São cinco as moções globais de estratégia que concorrem ao congresso desta federação a realizar no próximo sábado. Entretanto, Armando Vara foi eleito este fim de semana coordenador distrital da federação do PS de Bragança.

O deputado socialista obteve 66 por cento dos votos, enquanto o seu mais directo opositor, Fernando Peixinho, ficou pelos 34 por cento.

António Martinho foi reeleito primeiro responsável pela federação de Vila Real, depois de ter disputado o congresso com 15 moções sectoriais. «Quero levar o PS à vitória em 1991, quer na região, quer no país» - disse à Lusa António Martinho no final do congresso.

PCP discute presidenciais

A comissão política do PCP vai hoje fazer uma primeira análise da questão das presidenciais, tendo em conta a hipótese aberta no seu último congresso de apresentação de um candidato da área comunista. Em discussão estarão também as acções desenvolvidas pelo secretariado do Comité Central (CC) do partido com vista à venda do terreno contíguo à sede principal do PCP em Lisboa, na Rua Soeiro Pereira Gomes. Contudo, o ponto principal da agenda de trabalhos será a preparação de uma reunião do CC, marcada para 6 de Julho, onde se definirão as diferentes áreas de responsabilidade dos membros da comissão política em função das alterações que este organismo sofreu.

Carlos Carvalhas na AR em Outubro

O secretário-geral adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, vai ser substituído por Sérgio Ribeiro no Parlamento Europeu, regressando à Assembleia da República no próximo mês de Outubro.

Carlos Melancia em Lisboa

Chega esta tarde a Lisboa o governador Carlos Melancia para uma visita de cinco dias. O governador vai ter encontros com o Presidente da República e com o primeiro-ministro. Na agenda das conversações figuram as relações Portugal-China, nomeadamente a possibilidade de um incremento da cooperação bilateral. Carlos Melancia vem acompanhado pelo secretário-adjunto para os Assuntos da Transição, João de Deus Ramos.

Macário Correia contra clandestinos em Portimão

O secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, considerou «preocupante» a situação que se verifica no litoral de Portimão, tendo dado o exemplo do que se vive em algumas praias da zona de Alvor. Depois de ter visitado no sábado a Praia dos Três Irmãos, Macário Correia disse que os restaurantes ali existentes ocupam aquele local de forma «abusiva e tecnicamente incorrecta» e acrescentou que se vai bater pela demolição daquelas construções.

Beleza não regressa à vice-presidência

O vice-presidente do PSD, Fernando Nogueira disse em Loulé que o lugar de Leonor Beleza na vice-presidência do partido não deverá ser preenchido. Nogueira acrescentou que não deve ser provável qualquer alteração na composição daquele órgão. Para o número dois do PSD «é possível ao partido reeditar a maioria absoluta». Rejeitando a ideia de que se entrou já em clima de campanha eleitoral, acrescentou: «as eleições só se realizarão daqui a um ano e não faz sentido afirmar que a acção política do PSD se insira numa estratégia eleitoralista».

JCP quer contestação juvenil contra o Governo

A Juventude Comunista Portuguesa, cuja direcção nacional se reuniu em Lisboa durante o fim de semana, considerou que «perante o abismo existente entre a política governamental e os reais interesses dos jovens, se coloca a existência de condições para a contestação juvenil». Os jovens comunistas apontaram uma série de pontos negativos à actuação governamental: «a inexistência de um plano nacional de formação profissional que tenha em conta as necessidades do País, o desemprego, a instabilidade e precariedade e a ausência de uma política de acesso ao ensino superior».

Soares almoçou com Aristides Pereira...

O Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, terminou ontem a sua visita de «escala» a Portugal, depois de se ter encontrado com «velhos amigos»: Mário Soares e Ramalho Eanes. Antes de partir, Aristides Pereira referiu que se tratou de uma visita «estritamente pessoal, de amigos que aproveitam as oportunidades para se reencontrarem». O Presidente de Cabo Verde chegou a Lisboa na sexta-feira, após uma viagem à Áustria e à França, onde participou como observador na primeira actual Franco-Africana.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luisa Alexandra Botinas, Lurdes Faria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luís Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134, Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 95315661 - Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00

FORUM

A MÁ CRIAÇÃO CÍVICA

Conta-se neste jornal que, numa esplanada em Braga, o presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro não se levantou para cumprimentar o Presidente da República, quando este, num acto que o dignifica, se instalou entre os seus compatriotas para participar na vida normal de todos nós.

Não conheço as cores políticas do certamente ilustre presidente da Câmara, nem de facto isso me interessa. O que está em causa, uma vez mais, é não só a ética política, mas a própria estrutura das instituições políticas nacionais.

Certamente o sempre ilustre presidente da Câmara considera o dr. Mário Soares como um simples militante do Partido Socialista, esquecendo-se que o mandato do Presidente da República emana da manifestação democrática da vontade popular. Se bem que o Presidente da República continue a ser um homem como os mais, com as suas qualidades, os seus defeitos, as suas mazelas, é ele sobretudo o representante de uma

consensualidade nacional que todos devem respeitar.

Algumas pessoas sabem que o dr. Mário Soares me não perdoa alguns comentários que, a respeito do seu trabalho político, publiquei em alguns jornais ou revistas europeias. Sinto-me, por isso, plenamente à vontade para manifestar a minha surpresa perante semelhante situação. Quem, em Inglaterra, deixaria de cumprimentar a rainha pelo simples facto de ser republicana? Ou quem, em França, nem que fosse Jean-Marie Le Pen, iria deixar no ar a mão estendida de François Mitterrand?

Pode compreender-se perfeitamente que um anarquista ou um niilista manifestem a sua repulsa pelas instituições e pelos seus representantes, insultando-os, injuriando-os, recusando aceitar as regras do protocolo republicano. Embora me pareça que, hoje, se ultrapassaram as condições políticas que permitiram ou exigiram tentativas de liquidação física dos responsáveis pela direcção política.

O que já não se pode aceitar é que um dirigente político que solicitou e obteve os votos de uma fracção da população do seu

concelho, possa assim pôr em causa a cordialidade mínima que se deve exigir e esperar dos representantes políticos. Ou será que o presidente da Câmara Municipal de Terras do Bouro pensa ter recebido um mandato para governar contra as autoridades nacionais? Haverá em Terras do Bouro um movimento municipal cuja iconoclastia lhe permita furtar-se às regras mínimas da cordialidade política?

É certo que o ilustre presidente da Câmara já tinha maltratado a natureza da serra do Gerês em nome dos interesses imediatos de não sei que vendedores de banha de cobra seus amigos, mas isso não o devia autorizar a confundir o Presidente da República com o dr. Mário Soares.

Não tenho tempo de explicar a alguém, que o devia ter aprendido na Faculdade, a diferença entre a instituição e o indivíduo, ou a pessoa. Ou será que o sempre ilustre presidente da Câmara recebeu do seu partido a delicada missão de ofender publicamente

o Presidente da República, pondo em causa, por essa via, a própria coerência das instituições em que se inscreve?

Num País realmente democrático, onde os partidos exigissem dos seus militantes uma vida pública mais condigna, já teria havido certamente um comunicado para explicar que o sempre ilustre presidente da Câmara sofria de uma cegueira momentânea, que lhe tinha anestesiado os sentimentos políticos, assim como o sentido das conveniências. Se estas pertencem ao arsenal burguês, a verdade é que a autoridade pertence, entre nós, e que se saiba, à burguesia.

Deve-se, pois, censurar asperamente o comportamento a-político, a-cívico deste ilustre presidente camarário, tal como se deve exigir que os partidos digam aos seus militantes, aos seus dirigentes, que as regras da vida civil impõem, pelo menos, a boa educação pessoal. Prolegómenos indispensáveis à boa educação política.



Alfredo Margarido

QUE PAÍS PREFIRO QUE GANHE O CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL?

Por José Palla e Carmo

A pergunta que constitui o tema deste depoimento é aquela que, neste momento, milhões de pessoas formulam. Embora alguns países possam já considerar-se excluídos, este artigo foi pensado antes disso, razão pela qual a resposta considera ainda 24 candidatos.

Na época em que vivemos, com o nosso saber sintético e sincrético, para se poder responder com rigor interior à pergunta há que ter em conta factores ou critérios não só puramente desportivos como também políticos, geográficos, históricos, económicos, ideológicos e culturais.

Dada a vocação universal de Portugal, não se podem afastar, *ab initio*, os países não-europeus só pelo facto de o serem. Dos cinco continentes, só a Oceania não está representada. Em relação à América, temos a do Norte, a Central (Costa Rica) e a do Sul (Brasil, Colômbia e Argentina). Não vemos razão de peso para querer que a Argentina ganhe: o seu presidente eleito, Meném, além de ter umas patilhas assustadoras, não está a cumprir as suas promessas eleitorais. Por seu lado, a Colômbia, que é um dos maiores (se não o maior) produtores de droga dura do mundo, não pode ser aceite no convívio civilizado das nações enquanto não se curar desse vício. A Costa Rica, na América Central, chegada à Nicarágua (que lhe diz: encosta, rica), hesita em adop-

tar uma política clara da identidade nacional. Ficam os Estados Unidos da América e o Brasil. Os primeiros, enquanto teimarem em chamar football a uma coisa que, quando muito, faz lembrar vagamente o rugby, não merecem o título de campeões do mundo do futebol a que chamam soccer; além disso, a doutrina de Monroe, embora passada, ainda está na mente de muitos dos naturais dos outros quatro continentes.

Merece parágrafo novo o caso do Brasil, sem dúvida o mais delicado para os portugueses. Seria bom para Portugal e para os PALOPS que o campeão fosse um país de fala portuguesa. Simplesmente, ao mau gosto das anedotas antiportuguesas do presidente Incollor de Mello junta-se o nosso justificado rancor acumulado por muitos anos de telenovelas ao almoço e ao jantar e por numerosas incursões da Fafá de Belém (de Belém só gosto de Jesus Cristo e de Mário Soares). Mesmo assim, eu estaria disposto a negociar com os brasileiros o meu voto, mas só a troco de qualquer coisa importante, como o seu apoio na questão de Timor Leste.

De África compareceram o Egipto e os Camarões. O Egipto, porém, já tem as pirâmides e a esfinge, mais do que suficientes para o resto da sua história, e os Camarões só ficam bem no Verão se forem acompanhados por uma imperial bem tirada. Do Médio-Oriente vêm os Emiratos Árabes Unidos, simpático em princípio mas oriundos de uma região onde as desigualdades sociais são

ainda escandalosas. Acresce que foram treinados por brasileiros, se bem que não pela Fafá de Belém. A Ásia enviou ao Campeonato a Coreia do Sul, que mais devia chamar-se a Coreia de Seul. Apoiar a Coreia do Sul é assumir uma atitude hostil em relação à Coreia do Norte, posição que Portugal, que tem uma Curia mais ao Norte que ao Sul, não deve adoptar sem perigo para a sua diplomacia.

Eis-nos, pois, limitados à Europa. Logo surgiria, como candidata ideal, a pátria do futebol - a Inglaterra -, não nos lembrássemos nós de que, durante muitos anos, a algo pérfida Albion não se considerou europeia. Isto para não falarmos na sua primeira-ministra, cuja inteligência e competência não estão em causa, mas que de imediatamente cativante só tem o sotaque. A Escócia oferece um risco sério: se ganhasse a Taça, talvez mandasse o monstro de Loch Ness recebê-la a Roma, ainda para mais a transbordar de whisky. A Irlanda já não é grã-bretã, mas Oscar Wilde, W.B. Yeats e James Joyce foram demasiadamente irónicas para que ela pudesse receber o prémio sem eles darem uma reviravolta nas sepulturas. Descando-nos para a Europa Central, a Áustria, pela sua notória independência em relação aos blocos antagónicos, poderia ser uma forte concorrente. Todavia, já alguém se lembrou de quantas vezes teríamos de ouvir o Danúbio Azul se ela ganhasse? A Checoslováquia, graças a Havel, não desmereceria, mas proporcionaria um tenebroso problema

étnico: ganhariam os checos ou os eslovacos? O mesmo, *mutatis mutandis*, aconteceria quanto à Bélgica: dava-se a Taça aos valões ou aos flamengos? Ainda na Europa eis-de-Leste, hoje do Centro, surge-nos a Roménia: como poderia a FIFA, caso ela ganhasse, furtar-se a entregar a copa aos mineiros? Mais para o Oriente, o torrão natal de Gorbachev e da Perestroika seria digno vencedor, mas daqui até ao jogo final ainda pode haver mais repúblicas a exigir a independência e depois podia já não haver URSS a quem dar a Taça. Ao Norte da Europa está a Suécia, mas esta já é famosa no mundo inteiro devido à ginástica sueca. Ginástica e futebol seria excessivo para um país só! A Alemanha apresenta o crucial problema da unificação: a fusão monetária está prevista para 1 de Julho. A Taça será conferida depois dessa data. Dava-se o prémio a 61 milhões de alemães-federais ou a 78 milhões de alemães unificados? Mas como, se 17 milhões de alemães ex-democráticos não concorreram? Ora bem: aqui mesmo ao lado empertiga-se a Espanha. Os argumentos contra o iberismo são, contudo, por demais conhecidos para valer a pena invocá-los.

Resta, pois, a Itália. Acho que, já que teve o trabalho - o trabalho - de organizar e realizar o Campeonato, deve ser ela a ganhá-lo. Tanto mais que, destes 24 países, foi até hoje o único que me deu uma condecoração. Não é que eu me deixe subornar, mas essas coisas não esquecem.

FORUM

O PÓS-COMUNISMO

Quando alguns dos chamados críticos do PCP reivindicaram, há alguns meses, a realização de um Congresso Extraordinário, demonstraram como vogavam numa dimensão que não tem nada a ver com o partido a que pertencem. Como era previsível, a direcção comunista - e o seu sumo-sacerdote Álvaro Cunhal - facilmente lhes fez a vontade. Na verdade, o Congresso do PCP existente seria sempre por um lado, uma ocasião para se proceder aos ajustamentos impostos pela actual conjuntura, por outro mais uma grande missa necessária à alimentação da fé.

Velho príncipe, Cunhal sabe - como o herói de Lampedusa - que quando os alicerces da ordem existente abalam, é preciso mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma. Mas ele sabe ainda mais: que o PCP, como aliás o comunismo globalmente considerado, é irreformável, pelo que há que proteger os dogmas da heterodoxia que abala a confiança e as convicções dos crentes, para impedir o descalabro que noutros horizontes se observa.

Não vale a pena, pois, insistir excessivamente sobre o XIII Congresso dos comunistas que recentemente teve lugar. Escapa à análise crítica e racional o que entra no domínio da fé. Só assim se percebe que homens inteligentes pretendam iludir a decomposição de sistemas e regimes que fundamentavam a acção política e as bases programáticas essenciais do seu partido, com argumentos como o de que esse facto se deve a «desvios» e a «erros» que, aliás, dizem agora haver «desconhecido».

Só assim se percebe aquela forma patética como se agarram ao carácter «revolucionário» da *perestroika* considerada ainda etapa para o comunismo. Só assim se percebe que haja dirigentes que usem tais argumentos e militantes que os aceitem e aplaudam, numa cegueira dramática e dogmática perante as mais gritantes evidências do mundo em que vivemos.

O caminho dos críticos é, pois, o

apontado por Vital Moreira, ou então o da travessia sofridora de heréticos detestados pela grande massa dos seus correligionários, insistindo na luta inglória pela regeneração de um comunismo - segundo eles - se deveria tornar democrático, aceitável, humanizado, como se de facto uma coisa pudesse ser ela e o seu contrário.

Claro que o PCP continuará ainda a mediatizar uma base social de militantes e eleitores que, por determinadas razões sociológicas, nele encontram a visão voluntarista e messiânica da acção histórica e política, que lhes compensa humilhações, alimenta expectativas e cria ilusões de uma solução providencial aos males do mundo e a esperança numa sociedade terminal.

Mas, na lógica da evolução social e no contexto histórico actual, essa base tenderá a reduzir-se, a esgotar-se. Por isso a tarefa de Carlos Carvalhas e da geração que ele encarna, de militantes disciplinados e calculistas, também não é particularmente empolgante. Como os críticos, também estes herdeiros do príncipe terão de seguir uma via dolorosa, tentando manter acesa a fé num mundo onde dela só restam ruínas.

Esta realidade que pareço tratar com certa ironia levanta, no entanto, várias questões extremamente sérias.

Uma delas é a de que aumentam as responsabilidades do PS, ou seja, da esquerda democrática, reformista e gradualista.

Na verdade, se se olhar para o que se passa na Europa, o descalabro do comunismo e o esvaziamento do marxismo-leninismo, são fenómenos inseridos num processo mais amplo de desaparecimento de referências culturais e políticas positivas, de rotinização tecnocrática e pragmática das democracias, de desgaste de metas sociais e de valores essenciais como os da solidariedade e da fraternidade. E, assim, se na verdade a Democracia parece afirmar-se mais do que nunca, simultaneamente renascem velhos monstros nacionalistas, racistas, xenófobos, tensões ocul-

tas que ilusoriamente pareciam ter sido superadas há muito.

Dito de outro modo, não basta o pluripartidarismo mais economia de mercado mais corrida para o consumo para preencher as sociedades modernas. Os próprios partidos socialistas têm de se libertar da rotinização tecnocrática e pragmática referida atrás, e de reinventar as utopias possíveis e necessárias para que se encontre o sentido, que parece perder-se, para a vida das pessoas enquanto cidadãos, já que o sentido para a vida das pessoas enquanto pessoas - isto é, a sua felicidade -, não deve pertencer ao domínio da política.

Voltando ao caso mais restrito do nosso país, o PS perante uma situação cheia de potencialidades mas que o obriga a um salto qualitativo, no plano estrutural, dos programas e dos projectos, dos métodos e da cultura política. Isto para que a esquerda não seja só uma referência circunstancial, mas um modo de ser e de agir para o qual na realidade nunca contribuíram os comunistas e agora ainda menos podem contribuir, já que perderam os mitos que lhes restavam. Isto para que o PS, de facto, possa constituir a alternativa ao PSD em 91, mas não se limitando a ser a alternância, ou seja, não se satisfazendo em passar pela conjuntura que se adivinha a partir dessa data, sem deixar marcas de uma diferença que têm de ser as da diferença de um projecto.

O PCP entrou na decrepitude do pós-comunismo e dele nada a esperar que abra horizontes de futuro nem com ele nenhum caminho os socialistas têm para percorrer numa perspectiva estratégica. Ao PS cabe desbravar novas pistas de democracia e solidariedade, de convergência comunitária, de transformação exigente e participada com e para os cidadãos, contribuindo para um necessário esforço mais geral de desconjuração dos demónios da intolerância que renasce na Europa e no mundo.

Conseguirá o PS desempenhar tal papel? Eis o desafio que o deve mobilizar.



Fernando Perelra Marques

CARTAS NA MESA

O problema da droga

Dirigida à directora-adjunta do «DL», Diana Andringa, recebemos a seguinte carta:

Lendo-se o seu editorial, tão confuso de palavreado como confuso é o seu apelido, fica-se com a impressão de que não é só o ministro que não está dentro do problema da droga.

Bastaria perguntar-lhe em que é que ele se baseia para nos dizer que a maioria dos viciados são das classes abastadas. De pequenos-burgueses para cima, com todas as facilidades de vida até entrarem na droga, sim.

Quantos centros de internamento, de preferência rurais, foram feitos até hoje? «Projecto Vida» nem Vida nem Projecto. «Linha aberta» só conversa.

Como vê, tão poucas palavras bastavam. Quem me dera, em vez das já tão batidas «cartas ao director» poder isto mesmo escrever num local tão valioso aonde vinha o seu editorial.

Germano Braz Montelro, leitor de Oeiras

Unidade nos seguros para revisão dos CTT

Recebemos do Sindicato dos Profissionais de Seguros de Portugal (Sisep), a seguinte rectificação à notícia publicada pelo DL no dia 29/5/90, sob o título «Unidade nos Seguros para revisão dos CTT»:

1. «O Sisep não apareceu na cerimónia da tomada de posse da nova direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte porque não foi convidado, contrariamente ao que se publicou e como, de resto, aquela própria direcção reconhece em carta de 90.06.01 que nos dirigiu. Se tivéssemos sido con-

vidados, teríamos tido muito gosto em estar presentes».

2. O Sisep é um sindicato rigorosamente independente como, aliás, os seus estatutos consignam, acolhe no seu seio trabalhadores de todos os quadrantes ideológicos e não está filiado em nenhuma das centrais sindicais existentes».

N.R. A informação de que o Sisep fora convidado para a citada cerimónia mas não se teria feito representar foi prestada ao DL pelo próprio presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte, Fernando Oliveira.

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Alguns problemas subsistem por enquanto, e um deles é o das minorias alemãs que vivem na zona que, depois da guerra, passaram a integrar a nação polaca. Estabelecidas em 1945 pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial as novas fronteiras segundo as quais se integrava na Polónia uma faixa territorial que pertencera à Alemanha, muitos alemães foram forçados a abandonar os lugares onde viviam, ao serem considerados estrangeiros em terra que fora sua.

As cicatrizes destas expulsões do novo território polaco estão vivas ainda, e Genscher observou às autoridades de Varsóvia a necessidade de elas garantirem que a identidade dos alemães residentes em áreas sob a sua dependência não será afectada. A ideia da reunificação das duas Alemanhas provocou sempre, como não poderia deixar de o fazer, alguns receios, não só na Polónia como na própria União Soviética.

Os fantasmas da última guerra mundial não se desvaneceram ainda no horizonte. Daí que a integração de uma Alemanha reunificada na NATO, em face de mudanças em profundidade que esta pretende introduzir nas suas estruturas e como resposta ao que foi decidido pelo Pacto de Varsóvia, só agora seja encarada como susceptível de não continuar a suscitar uma oposição tão forte como até aqui por parte da URSS.

24 Junho 90

PUBLICO

Artigo de Rogério Martins:

No dia de Santo António, o «Herald Tribune», na sua página económica, destacava que, na opinião dos banqueiros, «Portugal, tendo medo de perder o comboio da integração europeia, não consegue decidir-se sobre quando se juntar ao mecanismo de taxas de câmbio que liga as moedas da CEE».

(...) O País tem o direito de exigir que os epígonos do partido governamental assegurem a Miguel Beza as condições políticas deveras permitam que «o mais depressa possível» seja «o mais possível depressa».

Com efeito, o tempo foge e é de decisão política que se precisa. O tempo foge: na CEE só três moedas estão fora do mecanismo de câmbio. Uma é a grega, e meridional que também somos, temos todo o interesse em distanciar a nossa imagem e posição da Grécia, um país que só é Estado há século e meio. Apesar da nossa actual crise de identidade, sempre temos por cá memórias e coerência de velha ex-potência à escala do Mundo.

(...) Mas a decisão política que em Portugal se impõe exige um senso de eficácia, de coragem partidária e de disciplina administrativa raros por cá.

24 Junho 90

Expresso

Crónica de José António Saraiva:

(...) Tenho para mim, portanto, que, a ter havido burla, Leonor Beza não foi cúmplice dela - e, se formalmente a avalizou, fê-lo de modo involuntário.

Assim, a ex-ministra da Saúde não terá sido agente de uma fraude - mas, exactamente ao contrário, terá sido vítima dela, perdendo em sua consequência os cargos que detinha. Resta saber quem foram os autores do crime e o modo como o praticaram (...)

24 Junho 90

Semanário

Editorial de Victor Cunha Rego:

Em quinto lugar, a conferência de Imprensa em que o PSD declarou serem antagónicas as posições do seu partido e de Mário Soares quanto à união política europeia, expressas, estas últimas, no discurso presidencial de 10 de Junho. A intervenção do PR, na véspera de um debate parlamentar ideológico e internacionalista suscitado pelo PS, foi um erro. O debate do PS proporcionou ao 1.º Ministro um impressionante e bem articulado discurso de cores nacionalistas.

Na opinião pública ficou, entretanto, a ideia de que se está a assistir às escaramuças que precedem, normalmente, as grandes batalhas. Que se saiba, não estava prevista nenhuma entre Belém e S. Bento, para já. Se estivermos enganados é porque muita coisa está a mudar ou vai mudar no quadro da sucessão presidencial.

23 Junho 90

INTERNACIONAL

Eleições na Andaluzia

PSOE reforça maioria absoluta

O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), no poder desde 1982, obteve pela terceira vez consecutiva a maioria absoluta nas eleições para o Governo da Andaluzia que decorreram este fim-de-semana naquela região de Espanha.

Marcadas por uma forte abstenção (44,51 por cento) e pela campanha «agressiva e suja» levada a cabo pelos opositores do PSOE, as eleições de sábado não apenas confirmaram como ampliaram a maioria absoluta do partido de Gonzalez.

Segundo os resultados definitivos divulgados ontem de manhã, o PSOE obteve 49,58 por cento dos votos (mais três pontos do que nas anteriores eleições regionais), elegendo 61 dos 109 deputados que constituem o Parlamento andaluz. O Partido Popular (conservador), principal formação da oposição, pelo contrário, desceu de um ponto em relação às últimas eleições, obtendo 22,18 das preferências e 27 assentos. A coligação Esquerda Unida, encabeçada pelo PCE, também regrediu para 12,67 por cento perdendo oito deputados no Parlamento andaluz, e cinco dos sufrágios.

A semelhança do que se passou nas recentes eleições autárquicas na Itália com as «Ligas», o Partido Andaluzista, a formação política regionalista que se define de centro-esquerda, quintuplicou o seu número de deputados, passando de 5,77 por cento das eleições de 86 para quase 11 por cento apurados este fim-de-semana.

As atenções dos analistas políticos concentraram-se principalmente sobre o alto nível de abstenção que, apesar de não ter afectado a maioria absoluta do PSOE, representa o sinal inequívoco do descontentamento da população em relação aos contínuos escândalos políticos que têm ofuscado a imagem do PSOE e do PP. Pelo contrário, a confirmação da maioria absoluta do PSOE, aliás prevista pelas sondagens, foi entendida também como um voto de confiança no partido que, apesar de se encontrar enlameado no já famoso «tráfico de influências», proporcionou a essa região, uma taxa de crescimento económico superior ao do resto do país.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Manifestação nacionalista apoia soberania moldava

Uma cadeia humana de 200 quilómetros uniu ontem a Roménia e a república soviética da Moldávia para protestar contra a anexação, pela URSS, dos dois territórios da Moldávia e da Bukovina do Norte, de acordo com o pacto germano-soviético estabelecido há 50 anos. Dezenas de milhares de romenos e moldavos forçaram a abertura de passagens fronteiriças entre os dois países poucas horas depois de o Soviete Supremo moldavo aprovar uma declaração de soberania. No documento, o Parlamento daquela república soviética proclama com propriedade exclusiva da Moldávia a terra, os minerais e todos os seus recursos naturais, assim como os bens económicos, científicos e técnicos.

A declaração determina que a Constituição e as leis da Moldávia, com 4,2 milhões de habitantes, prevaleçam sobre as da URSS e afirma que as disposições legais aprovadas pelo Soviete Supremo da União Soviética só entrarão em vigor depois de ratificadas pelo poder legislativo da república.

Os deputados moldavos exigem ainda que a sua declaração de soberania seja respeitada no novo tratado da União que o Governo soviético se comprometeu a redigir nos próximos meses. Esse tratado, segundo o presidente soviético, Mikail Gorbachev, deverá modificar as actuais relações de submissão das 15 repúblicas e criar as bases de uma confederação.

A declaração de soberania moldava assemelha-se às adoptadas pelos Parla-mentos da Federação Russa e do Uzbequistão, de menor alcance que as dos Parla-mentos da Estónia, Letónia e Lituânia, as três repúblicas bálticas.

Também uma comissão do Parlamento da Geórgia está a preparar uma declaração de independência da URSS.

Lusa/AFP

Ajuda à URSS subalterniza união política e económica

Cimeira dos Doze enfrenta intransigência de Thatcher

A cimeira europeia, que hoje se inicia em Dublin, está sobretudo centrada na atitude a adoptar pelos Doze em relação à Europa de Leste e, em particular, à União Soviética.

Tudo indica que a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher vai travar uma difícil batalha com os seus colegas da Comunidade Europeia sobre o pacote de cinco mil milhões de contos de auxílio à URSS. Thatcher parece decidida a tentar bloquear essa ajuda, por considerar que a União Soviética não avançou tanto, como as outras nações do bloco de Leste, para uma verdadeira democracia.

A firme decisão da primeira-ministra britânica sobre este assunto coloca-a em oposição ao chanceler Helmut Kohl, da RFA, cujo desejo de auxiliar Moscovo colocou este assunto no topo da agenda da cimeira da Comunidade, podendo mesmo ofuscar o debate sobre a união política e monetária.

Charles Haughey, primeiro-ministro da República da Irlanda, que preside à cimeira, também não concorda com Thatcher, afirmando que espera longas discussões sobre a maneira de a Comunidade Europeia «ir em auxílio da economia soviética».

Na sexta-feira, o Presidente François Mitterrand e o chanceler Helmut Kohl lançaram um apelo aos parceiros da Comunidade para uma ajuda à URSS, tendo em vista facilitar as reformas de Mikhail Gorbachev.

A RFA passou já à acção, concedendo à União Soviética um crédito de cinco mil milhões de marcos. A Itália, por seu turno, que tem investido



Margaret Thatcher considera que a URSS não avançou o suficiente no caminho da democracia

bastante na economia soviética, veria com bons olhos uma ajuda comunitária que lhe permita limitar os riscos financeiros.

Entre estes dois pontos de vista, as outras capitais interrogam-se.

A Grécia, com dificuldades económicas, assim como Portugal e Espanha, são favoráveis a uma ajuda, mas receiam que as suas próprias necessidades sejam esquecidas.

Thatcher também se deverá sentir isolada nos seus esforços para levantar as sanções contra a África do Sul.

A posição de Thatcher sobre a União Soviética também deverá, pois, causar grandes desavenças, pois Jacques

Delors, presidente da Comissão Europeia, afirma que a CE tem de preparar o seu futuro antes das conversações Leste-Oeste, nos fins desde ano.

O facto de Delors parecer ter conseguido que os planos de John Major, ministro britânico das Finanças, para um «Ecu forte» sejam apenas considerados marginalmente não agradará a Thatcher, e deverá reforçar a sua posição contra a união económica e financeira da Comunidade.

Integração por etapas

A cimeira, segundo o programa proposto pelo primeiro-ministro Haughey, consagra hoje menos de duas horas para decidir relativa-

mente à convocação, para Dezembro, de uma conferência intergovernamental incumbida, segundo a expressão de um diplomata, de desenvolver as tarefas da «tecnologia política».

Segundo os observadores, a integração europeia tem estado a ser construída por pequenas etapas, que incluem encontros com calendários apertados.

O debate será, com efeito, bastante aceso no que se refere aos poderes que os Estados-membros estão prestes a perder, em benefício de instituições supranacionais, e sobre os meios de democratizar essas instituições, para evitar que a «tecnocracia de Bruxelas» imponha as leis europeias.

Margaret Thatcher também não concorda com este projecto. Mas não deverá, a este respeito, levantar grandes obstáculos, limitando-se a insistir no aperfeiçoamento das instituições já existentes, segundo fontes inglesas.

A conferência sobre a união política deverá assim ser lançada, assim como a que deve preparar a união económica e monetária, que, na perspectiva de Londres, não traz vantagens à Grã-Bretanha.

A França insistirá na manutenção do Parlamento Europeu em Estrasburgo, contrariando o desejo dos belgas, que já começaram a construir um hemiciclo em Bruxelas. A Irlanda pedirá uma declaração solene sobre esta matéria; a Grécia debruçar-se-á sobre Chipre e a Itália ocupar-se-á do Médio Oriente.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Críticas a Mazowiecki retiram apoios a Walesa

O líder da central sindical polaca «Solidariedade», Lech Walesa, foi duramente criticado durante uma reunião dos principais dirigentes da antiga oposição, que ontem se realizou em Varsóvia. Em consequência, 63 dos duzentos e cinquenta membros que integram a Comissão Nacional dos Cidadãos subscreveram uma carta pedindo a dissolução daquele organismo ao mesmo tempo que apresentaram a sua demissão.

A decisão provocou uma autêntica ruptura no seio do «Solidariedade», nomeadamente entre os sectores que apoiam Lech Walesa, por um lado, e os que apoiam o actual primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki, por outro. A carta dirigida a Lech Walesa, presente na reunião, denunciava o autoritarismo do presidente do «Solidariedade» e consid-

era que a Comissão Nacional dos Cidadãos, «já não tem razão de existir». A Comissão Nacional de Cidadãos, recorde-se, foi fundada em 1988 por Lech Walesa, para formar um «governo sombra», quando os comunistas estavam no Poder. Entre os subscretores da carta encontram-se nomes sonantes da oposição, tais como Bronislaw Geremek, presidente do grupo parlamentar do «Solidariedade», Adam Michnik, chefe de redacção da «Gazeta», órgão próximo da central sindical, Jacek Kuron, ministro do trabalho e fundador do antigo «Comité de Defesa dos Trabalhadores», Wladyslaw Frasyniuk, presidente do comité regional do «Solidariedade», em Wrocław, no Sudoeste do país e Zbigniew Bujak, antigo membro da oposição na clandestinidade.

Iliescu prepara polícia anti-motins

A Roménia de Iliescu vai ter uma nova força anti-motins que será integrada na polícia e composta por «jovens determinados e moralmente isentos de qualquer suspeita», precisou o sucessor de Ceausescu numa entrevista hoje publicada pelo diário britânico «The Times». Para o presidente romeno, a polícia e o exército do seu país encontram-se, desde a revolução de Dezembro, «psicologicamente» incapazes de controlar qualquer manifestação. «Os polícias nem sequer dispararam tiros intimidatórios para dispersar os manifestantes», frisou Iliescu.

INTERNACIONAL

Segundo Jacques Delors

Relações Leste-Oeste são «um teste» para os Doze em Dublin

A atitude dos Doze sobre as relações Leste-Oeste na cimeira europeia de Dublin constituirá «o teste principal para a CEE, numa altura em que a Comunidade se prepara para a adopção de uma política exterior comum», afirmou o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors.

A cimeira, que decorre hoje e amanhã, deverá confirmar a convocação de uma conferência sobre a união económica e monetária e a união política, em princípio prevista para os dias 13 e 14 de Dezembro, em Roma.

A este propósito, Delors não excluiu a hipótese de uma «surpresa dos chefes» de Estado e de Governo, sem precisar no entanto os temas em questão.

A ideia de uma ajuda ocidental maciça à União Soviética será também debatida. Mas o presidente da Comissão não está certo, sobretudo, relativamente à posição que os Doze vão adoptar com vista à cimeira da CSCE (Conferência de Segurança e Cooperação na Europa), que reagrupa todos os países europeus - com excepção da Albânia -, mais os Estados Unidos e o Canadá.

A reunião da CSCE, no fim do ano em Paris, será uma «ocasião para a CEE verificar se pode fazer uma análise comum e tomar posições comuns», declarou Delors, durante uma conferência de Imprensa, em Bruxelas.

«Terei também oportunidade de saber se a Europa tem uma posição firme e convicta, para além das questões económicas e monetárias», disse, acrescentando: «Se, paralelamente, os Doze conseguirem um acordo sobre as suas relações económicas com a URSS, isso será perfeito.»



Delors: «não admito que alguém ponha em causa a minha independência»

Delors precisou que tinha recebido há pouco mais de uma semana a carta enviada pelo chanceler alemão-federal Helmut Kohl aos aliados ocidentais, pedindo-lhes que ajudassem a URSS.

«A Comissão está preparada para esta hipótese, embora não tenha recebido nenhum pedido da URSS» mas frisou que «a decisão política cabe aos Doze». Por outro lado, a ajuda à URSS será igualmente abordada na cimeira dos sete países mais industrializados, que se realiza em Houston de nove a 11 de Julho.

A cooperação económica não pode ser dissociada da cooperação política, sublinhou. Delors disse que tinha recebido uma carta do ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze, sobre a questão da CSCE.

Considerando «irrealista» um eventual afastamento dos EUA, Canadá e URSS das discussões sobre o futuro da Europa, o presidente da Comissão interrogou-se sobre as reacções dos Doze «às múltiplas iniciativas tenden-

tes a institucionalizar» a CSCE. Algumas dessas iniciativas «carecem de realismo», outras são «contrárias aos interesses da Comunidade tal como é concebida», considerou ainda, manifestando a esperança de que os Doze saibam resistir às «sereias».

«Temos bastantes exemplos no passado de instituições criadas precipitadamente», insistiu, advertindo contra o risco de se repetir a experiência da Sociedade das Nações, entre as duas guerras mundiais.

Delors quis reservar aos Doze a adopção das ideias que a Comissão defende sobre a matéria. Adiantou apenas que elas se organizam em torno de três conceitos fundamentais: «solidariedade entre todos os Estados europeus», «vigilância face às ameaças do presente e do futuro» (entre as quais a disseminação de armas nucleares e químicas, os conflitos regionais ou o integrismo) e «a independência da Europa».

Distanciamento em relação à França

O presidente da Comissão,

na mesma conferência de Imprensa, manifestou o seu distanciamento relativamente à posição francesa, na controvérsia sobre a sede do Parlamento. Criticou a vontade francesa de bloquear um acordo no sentido da repartição das sedes de várias instituições novas da CEE, uma vez que os Doze não reconheceram Estrasburgo como a sede do Parlamento.

«Se o problema for visto apenas por um dos lados do prisma ou se se puserem condições não se chegará a uma solução global deste dossier».

Interrogado sobre o papel que poderá desempenhar na procura de uma solução, o antigo ministro francês reagiu vivamente: «Durante os cinco anos e meio em que me encontro aqui (à cabeça da Comissão Europeia), não há um único caso em que eu tenha colocado na posição de conluio com a França», ex-

clamou. «Além do mais, acrescentou, se sou mal visto politicamente no meu país, é por causa disso».

A questão é que não tenho uma concepção curta da minha independência e não admitirei que alguém a ponha em causa».

Para Delors, é preciso «ter em conta as preocupações de Estrasburgo, Luxemburgo e Bruxelas», que actualmente partilham as actividades do Parlamento.

No que se refere às novas instituições (entre as quais a Agência Europeia para o Desenvolvimento), Delors defende a ideia de que elas devem ser instaladas nos países que ainda não abrigam instituições comunitárias.

Os desacertos britânicos

No que se refere à união monetária e europeia, Delors revelou um «ligeiro desacerto» entre a posição do

chanceler britânico do Tesouro, John Major e a da primeira-ministro Margaret Thatcher.

A proposta de Major de criar um «ECU forte» paralelamente às divisas nacionais existentes «traduz uma evolução positiva e encorajante» na medida em que não rejeita o objectivo final de uma moeda europeia única, segundo Delors.

Mas «há um ligeiro desacerto entre os discursos há dias proferidos por Major e Thatcher» na Câmara dos Comuns.

A Grã-Bretanha foi até agora o único dos doze países da CEE a recusar as conclusões do Plano Delors que prevê a criação de um Banco Central Europeu, a instauração de paridades fixas entre as divisas nacionais e finalmente o lançamento de uma moeda europeia única.

Redacção «DL»/AFP

Defende Baron Crespo

Mais poderes para o Parlamento Europeu

O Parlamento deverá ter o mesmo peso legislativo que o Conselho Europeu, preconizou o presidente do Parlamento Europeu, Baron Crespo, no âmbito de uma visita a Atenas. Segundo as declarações deste político, no futuro, o Parlamento Europeu deveria ainda eleger o presidente da Comissão executiva, dar-lhe o seu voto de confiança no Governo da CEE podendo assim controlá-lo de maneira eficaz.

Por outro lado, Baron Crespo pronunciou-se contra a criação de uma terceira instituição além do Conselho de Ministros e do Parlamento Europeu, admitindo porém a hipótese da transformação do Conselho de Ministros num Senado, caso os chefes de estado da CEE estivessem de acordo.

Apesar de a Espanha não poder participar dessa reunião, a hipótese será discutida na próxima conferência intergovernamental a realizar em Dezembro.

Durante a visita, o presidente do Parlamento Europeu manteve conversações com as autoridades gregas, nomeadamente sobre os problemas da unificação política europeia e da evolução em curso nos países de Leste.

O ministro dos Negócios Estrangeiros grego, aproveitando esta visita, pediu a Baron Crespo que o Parlamento redigisse um relatório pormenorizado sobre as economias das diversas regiões da CEE e as previsíveis consequências da abertura das fronteiras em 1993.

Redacção «DL»/AFP

cambridge school

INGLÊS

FRANCÊS

ALEMÃO

PORTUGUÊS

CURSOS DE VERÃO

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

LISBOA - Av. da Liberdade, 173 - 1200 LISBOA - Tel. 554780/554789/521352
 - Av. Guerra Junqueiro, 8-1º-Dtº - 1000 LISBOA - Tel. 8484544/899601
 - Av. do Uruguai, 6-1º - 1500 LISBOA - Tel. 7141824/7143170
 ALMADA - Pr. do MFA, 12-1º - 2800 ALMADA - Tel. 2760234/2753218
 PORTO - R. Duque da Terceira, 381-1º - 4000 PORTO - Tel. 560380/561130
 COIMBRA - Pr. da República, 15 - 3000 COIMBRA - Tel. 34969/29285
 FUNCHAL - R. da Carreira, 240-1º - 9000 FUNCHAL - Tel. 43718/41067

6A 90 - grat

INTERNACIONAL

Sismos no Irão

Mortos poderão ascender a 70 mil

Equipas iranianas de socorro começaram ontem a desistir das tentativas de encontrar com vida mais sobreviventes do terramoto que, na última quinta-feira, fez pelo menos 50 mil mortos no país. Mais de três dias depois da catástrofe, numerosas povoações do noroeste do Irão permanecem isoladas do resto do país, desconhecendo-se ainda a verdadeira extensão do desastre. O número de cadáveres descobertos no meio do entulho em que se converteram numerosas cidades e vilas do país aumenta a cada instante. As autoridades iranianas, inicialmente relutantes em divulgar os números reais da tragédia, prevêem que, nas próximas horas, o balanço ascenda a 70 mil mortos e 300 mil feridos. Os sobreviventes continuam a abrir enormes valas comuns para enterrar pilhas de cadáveres em decomposição que já ameaçam contaminar o país de graves epidemias.

Outros sismos, de menor intensidade, sucederam-se ao primeiro, que atingiu 7,3 pontos na escala de Richter, causando novos desabamentos de terra e bloqueando as estradas. Mais de 60 tremores de terra foram registados nas últimas 20 horas na zona noroeste do Irão. O total de abalos ocorridos desde quinta-feira eleva-se a 360. Ontem, o Centro de Geofísica de Teerão registou mais dois sismos de intensidade razoável. O primeiro, de uma magnitude de 4,9 na escala de Richter, teve o epicentro situado 500 quilómetros a sul de Teerão e afectou as regiões de Farsan, Chaharmahal e Bashtiar às nove horas locais. Cerca de quatro horas depois, um segundo abalo, com a magnitude de 5,7, atingiu Rasht, capital da já devastada província de Gilan.

Os dirigentes de Teerão anunciaram que todo o auxílio material é bem vindo - como medicamentos, alimentos, tendas, cobertores e geradores portáteis - mas instaram as equipas estrangeiras de salvamento a abandonar o país, alegando que os iranianos são suficientes para resolver a situação.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Conflitos na zona turística de Jerusalém

Intifada agrava-se nos territórios ocupados

Do nosso enviado especial

De repente as ruas da cidade velha de Jerusalém ficam desertas. Estamos em plena «Via Dolorosa» e começa-se a ouvir o barulho de vidros partidos. Ao fundo avista-se um grupo de adolescentes que atiraram raivosamente pequenas garrafas de refrigerantes por uma ruela transversal. Estão vestidos como qualquer adolescente, com calças de ganga, sapatos de ténis e «T-Shirts» de cores garridas. A diferença está num turbante palestino que lhe cobre completamente a cara, só deixando os olhos de fora. São os protagonistas da Intifada.

Passamos por eles apressadamente e só depois de prévia autorização. Continuam virados para a ruela transversal, na qual concentram toda a atenção. Subitamente a agitação volta a crescer e, entre gritos, voltam a atirar garrafas no meio de um grande frenesi enquanto se preparam para fugir. No entanto os soldados israelitas, aparecem inesperadamente no alto das ruas. Vêm a apontar as armas e só os nossos gritos («tourist, tourist») os impendem de atirar. Uma mulher árabe acena na nossa direcção e escapamos da linha de fogo para uma passagem transversal. Ouvimos as botas dos soldados na «Via Dolorosa» a correr atrás dos jovens palestinos. Logo depois tiros.

«Não se esqueçam do que viram aqui hoje. Digam lá fora o que eles estão a fazer-nos». A mulher despede-se de nós, enquanto abre uma porta que dá para outra rua.

Foi esta a experiência concreta da Intifada que a dele-



Os israelitas só controlam os territórios ocupados pela força das armas

gação do Partido Socialista português, que terminou hoje uma visita a Israel, acompanhada pelo «DL», teve no sábado à tarde. Uma «aventura» inesperada num simples passeio antes do jantar na zona turística de Jerusalém.

Oitocentos e cinquenta mortos

Nos últimos três dias, mais quatro mortos vieram-se juntar aos cerca de 850 que já provocou a Intifada, desde o seu início, há aproximadamente dois anos e meio. Três das vítimas eram jovens com menos de 20 anos, atingidos na cabeça por balas israelitas. Não se sabe se se de borracha, de plástico ou de alta velocidade. A quarta vítima era um homem de cerca de 50 anos que morreu sufocado por gás lacrimogénio.

Há inúmeros feridos, entre os quais alguns soldados.

Que ninguém tenha dúvidas. Quer em Jerusalém Oriental (a parte árabe que Israel anexou), quer na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, a situação é de permanente revolta entre os ocupados e de permanente vigilância e repressão entre os ocupantes. Helicópteros, tiros, viaturas militares, patrulhas constantes, postos, tendas, tudo contribuiu para mostrar que os israelitas estão, realmente, numa zona que só controlam pela força das armas.

Tensão constante

Em Jerusalém Oriental, o convívio entre judeus e palestinos é marcado pelo olhar de desprezo mútuo, e

uma tensão que pode explodir a qualquer momento com apedrejamentos de casas, carros ou pessoas, esfaqueamentos, manifestações ou greves. Durante os dois dias que estivemos na parte árabe de Jerusalém não havia uma única loja aberta em protesto pelos mortos da Intifada.

Enquanto a radicalização cresce entre os palestinos, na medida em que as perspectivas de soluções pacíficas vão diminuindo, os israelitas continuam sem ceder um milímetro, não obstante as pressões dos EUA para apresentarem propostas nas conversações do Cairo. Por outro lado, os extremistas dão mostras de moderação, com ministros «duros», como Ariel Sharon e Tuviah Neiman, a assegurarem que não instalarão judeus soviéticos nos territórios ocupados. Acredita-se que tais declarações contra tudo os que tinham pregado, se devem ao temor que a URSS ponha entraves à emigração.

Mas a psicose de segurança em que vivem os israelitas (em parte justificada por anos de atentados terroristas) teve sábado à noite motivos para aumentar. Depois da tentativa de desembarque, a 30 de Maio, de um comando da FLP de Abul Abbas, em praias israelitas (que esteve na origem da decisão dos EUA de suspenderem o diálogo com a OLP), houve no sábado à noite uma nova tentativa de novo frustrada pela Marinha. Até ao momento, ninguém reivindicou este novo atentado cujo único objectivo parece ser pôr israelitas e palestinos cada vez mais afastados das mesas de negociações.

Duarte Calvão

B R E V E S

Governo da Serra Leoa medeia conflito liberiano

Inicia-se hoje, em Freetown, a capital da Serra Leoa, a segunda ronda de conversações entre a delegação do Governo e da guerrilha liberiana, para pôr fim ao conflito que dura há mais de seis meses. A primeira fase de negociações realizou-se a 16 de Junho na embaixada dos EUA, na Serra Leoa, sem no entanto se conseguir um acordo de cessar-fogo. As partes limitaram-se a estabelecer os princípios de um entendimento, visando «restringir o uso da força». Ontem, chegou também a Freetown uma delegação da OUA.

Fang Lizhi abandona a China

O dissidente chinês Fang Lizhi e a mulher, que se encontravam refugiados na embaixada norte-americana em Pequim, deixou o país para receber tratamento médico, anunciaram as autoridades chinesas. Segundo a agência oficial chinesa «Nova China», o cientista Fang Lizhi e a mulher, Li Shuxiang, foram autorizados a deixar o país «tendo em conta os sinais de arrependimento, a sua doença e por razões humanitárias. O Ministério da Segurança Pública, citado pela «Nova China», não disse qual o destino do casal.

Viragem inesperada da Coreia do Norte

Seul aceita proposta de Pyongyang para reinício de conversações

A Coreia do Sul aceitou hoje formalmente a data proposta pela Coreia do Norte para retomar as conversações sobre as fronteiras dos dois países, informaram fontes governamentais em Seul.

Numa mensagem a Pyongyang, o Governo de Seul propõe enviar uma delegação à localidade fronteiriça de Manmunjon, a 3 de Julho, para preparar uma reunião, sem precedentes, entre os primeiros-ministros dos dois países.

Na semana passada, e contrariando a política que até agora tem seguido, o Governo norte-coreano propôs o reinício das conversações.

Pyongyang criticou a recente reunião entre o Presidente da Coreia do Sul, Roh Tae-Woo, com o líder soviético, Mikhail Gorbachev, e rejeitou todas as propostas de diálogo com o Sul.

Neste encontro, o Presidente Tae-Woo sugeriu a Gorbachev que pressionasse o Governo comunista de Pyongyang a introduzir reformas democráticas no país.

Em Fevereiro, Pyongyang rompeu as conversações sobre fronteiras com Seul, em protesto contra as manobras militares, de norte-americanos e sul-coreanos, na península, dividida

desde a segunda Guerra Mundial.

Pacto com os Estados Unidos

Também hoje, a Coreia do Sul e os Estados Unidos assinaram um pacto que prevê que Seul pagará os custos da transferência do comando do Exército norte-americano do centro da capital até ao final de 1996, anunciou o Ministério sul-coreano da Defesa.

O general Louis Menetrey, comandante do oitavo divisão do Exército dos Estados Unidos, e o ministro sul-coreano da Defesa, Lee Sang-Hoon, assinaram esta manhã um memorando de acordo, pondo fim à primeira fase de meses de negociações sobre a transferência do quartel-general, uma das várias questões em litígio nas relações entre os EUA e a Coreia do Sul.

O Pacto foi assinado no 40º aniversário do início da Guerra da Coreia, em que os Estados Unidos combateram ao lado da Coreia do Sul. A guerra de três anos terminou em 1953 com uma trégua, apesar de as duas Coreias continuarem tecnicamente em guerra.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

★★★★★
VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre na praça do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Os funcionários autárquicos estão hoje em greve, dia em que se inicia a «semana de luta» da CGTP pela redução do horário de trabalho. Os maquinistas da CP, por sua vez, terminam as paralisações parciais com uma garantia: «A próxima será total»

Câmaras em greve

Os serviços prestados pelas autarquias sofrerão hoje algumas perturbações, devido à paralisação de 24 horas dos trabalhadores da administração local. «Baseados nos contactos que fizemos com os trabalhadores, esperamos uma adesão muito grande», afirmou ao DL José Simões, dirigente do STAL. À hora de fecho desta edição, o sindicato ainda não possuía dados concretos.

A greve, convocada pelo Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL-CGTP) segue-se à da administração central e tem os mesmos objectivos: exigir ao Governo a revisão dos salários, descongelamento dos escalões (tendo em conta a antiguidade e as diuturnidades), revalorização das carreiras e aplicação do novo sistema retributivo aos funcionários que ainda não foram abrangidos por ele.

Para a Federação é «fundamental» que o Governo repense a recusa em negociar uma actualização salarial este ano pois, afirma, os vencimentos «estão aos níveis de

Janeiro de 1989 devido aos baixos aumentos e à elevada taxa de inflação».

Os funcionários autárquicos englobam-se nos «mais de 300 mil trabalhadores» que, no âmbito da semana de luta pela redução do horário máximo de 40 horas semanais promovida pela CGTP, a partir de hoje «farão greve às horas que excedam aquele limite».

Plenários de empresas e sectores, concentrações, desfiles e acções de sensibilização dos órgãos de soberania são algumas das formas de que se revistirá a «semana de luta» e que, segundo Manuel Lopes, da direcção da central, contarão «com a participação de milhares de outros trabalhadores».

Metalúrgicos, gráficos, empregados de hotelaria, têxteis, construção civil, fabricantes de material eléctrico e electrónico, profissionais de farmácia e águas minero-medicinais e de mesa são alguns dos trabalhadores que durante esta semana farão greve. Também no sector dos transportes se farão sentir

alguns transtornos, com os sindicatos da CGTP e da UGT (Sitra e Sindfer) a participarem na «semana de luta».

A CGTP apelou à UGT e aos sindicatos nela filiados para que apoiassem a «semana de luta». A central da Buenos Aires, embora não participando directamente, manifestou apoio aos seus sindicatos que decidiram aderir.

Em comunicado, a CGTP afirma considerar «prioritária a redução do horário de trabalho», pois disso depende a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores. Além disso, «Portugal é o país da Europa onde mais horas se trabalha»; a duração média é de 45 horas nas indústrias de calçado e mobiliário e de 44 horas no vestuário, cortumes, madeira, cortiça e construção e obras públicas.

A CGTP recorda que «no ano passado foram apresentados na Assembleia da República dois projectos de lei e uma proposta de lei insistindo na necessidade urgente de ser agendada a discussão e votação dos referi-

dos projectos de lei».

«É nesse sentido que o movimento sindical está a fazer chegar à Assembleia petições, abaixo-assinados e telegramas», acrescenta a central em comunicado.

E no dia em que se inicia a semana de luta da CGTP, termina a greve parcial dos maquinistas da CP. Em declarações ao DL, o presidente do Smaq, Castelo Lopes, adiantou que a luta dos seus filiados «prosseguirá brevemente e de forma mais dura».

«Depois de termos conhecimento da decisão - favorável para nós - do Tribunal de Trabalho quanto à questão dos serviços mínimos decretados pela CP, decidimos endurecer as formas de luta. Vamos, muito provavelmente, convocar uma greve geral, estando agora por decidir a sua duração», disse Castelo Lopes ao DL, acrescentando que o intervalo entre a paralisação que hoje termina e a próxima «será mais pequeno do que habitual, porque queremos resolver rapidamente o conflito».

E.A.

B R E V E S

Ferry-boat encalha devido a nevoeiro

O ferry-boat «Miratroia», que faz as carreiras fluviais entre Setúbal e Tróia, encalhou hoje junto à Ponta do Adoxe, devido ao nevoeiro. Segundo um administrador da Transado, embora o barco disponha de radar «não foi possível evitar o encalhe». Os passageiros foram retirados através duma lancha mas os veículos ficaram retidos. Os seus proprietários aguardam que a subida da maré, cerca das 14 horas, possibilite o desembarque. Não se registaram danos pessoais.

Socorro da Cruz Vermelha cria ramo marítimo

O salvamento de pessoas que se encontrem em perigo nas águas litorais ou interiores e o apoio humanitário às gentes do mar são as acções prioritárias das novas unidades de socorro criadas pela Cruz Vermelha Portuguesa. Esta organização pretende, assim, colaborar com as entidades que em Portugal têm a seu cargo tais tarefas e preencher as eventuais lacunas que se verifiquem. O ramo marítimo prolongará a acção da Marinha de Guerra e da Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, dando a mais ampla cobertura ao estipulado pelo Convenção de Genebra de 12 de Agosto de 1949.

Libertados quatro condenados do caso GAL

Quatro dos cinco elementos considerados, pelo tribunal de Viana do Castelo, como membros dos Grupos Anti-terroristas de Libertação (Gal), que os condenou a penas de prisão, já foram libertados, informou a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais. Este organismo referiu ainda que apenas se mantém preso o francês Jean-Philippe Labade, tido como um dos principais dirigentes dos Gal e que no seu país foi condenado a prisão perpétua.

Encontro de desempregados reivindica protecção

O I Encontro Nacional de Desempregados propôs que os jovens inseridos em acções de ocupação temporária e de formação profissional tenham direito à protecção social, nomeadamente subsídio de desemprego. O encontro concluído sexta-feira em Setúbal preconizou que se estudem formas de protecção aos desempregados involuntários, nomeadamente pelo encerramento ou falência da empresa.

Dirigente da CGTP reclama reforma social

O coordenador da Comissão Executiva Nacional da CGTP, Carvalho da Silva, reclamou, no Porto, uma «reforma social profunda», para Portugal. Aquele sindicalista falava no encerramento do 3º Congresso da União de Sindicatos do Porto (USP), que decorreu sexta-feira e sábado, na sala de um cinema português. Carvalho da Silva considerou existirem condições objectivas para fazer essa reforma, dado haver dinheiro e crescimento económico. Defendeu ainda, que «Portugal assumia como reivindicação a implementação da dimensão social na Comunidade Económica Europeia».

Acidente de viação provoca sete mortes

Um acidente entre dois veículos ligeiros, um deles uma carrinha, e um camião TIR provocou, sábado, sete mortos e um ferido grave, ao colidirem na Estrada Nacional nº 1, em Amieira, próximo de Rio Maior. A identidade da vítima fornecida pela CNR é a seguinte: Fernando Jorge Marques Duarte, de 29 anos; Deolinda de Jesus Marques, de 60, residente em Troviscal, Oliveira do Bairro; Pedro Augusto de Jesus Neves, de 33, residente em Valadares, Vila Nova de Gaia; Raul Jorge Santos, de 17, residente em Bairro do Mogo, Oliveira do Bairro; Hdeberto de Campos Marques, de 56, condutor da carrinha; Zaida Pires Duarte, de 53 e Celina Rosa Neves Ferreira Duarte, de 17, residentes em Oia, Oliveira do Bairro. O acidente terá ocorrido quando a carrinha perdeu o controlo, e, de repente, se atravessou na estrada, provocando a colisão das restantes viaturas.

Soares no Porto

Mário Soares, acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal do Porto, Fernando Gomes, foi ontem saudado por populares, à sua chegada à Ribeira, onde assistiu à partida da corrida de barcos rabelos. Na manhã de hoje, o Presidente da República visitou uma exposição sobre Camilo Castelo Branco e outra sobre a alfândega do Porto. Depois, entregará diplomas na Universidade Católica e assistirá à conferência de Emmanuel Levinas sobre «A transcendência e o mundo». Na foto Soares é saudado por uma popular, na noite de sábado, com a tradicional martelada de S. João.



Associação apoia vítimas de infracções penais

«A vítima vai sentir-se muito mais apoiada, quer a nível psicológico, quer económico», disse esta manhã ao DL o ministro da Justiça, Laborinho Lúcio, um dos fundadores da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que, a partir de hoje, acolhe as pessoas com dificuldades em pagar custas judiciais, problemas relacionados com infracções, desânimo moral ou desconhecimento de tramites legais.

Trata-se de uma instituição particular de solidariedade social cuja constituição oficial ficará formalizada numa cerimónia no salão nobre do Ministério da Justiça.

De âmbito nacional, a APAV, associação semelhante a

outras congéneres europeias, ficará com a sede na rua do Comércio, em Lisboa. Segundo Laborinho Lúcio, «este pode ser um primeiro passo para a formação de outras associações do género, ligadas ou não a esta. Sempre que acontece um crime, deparamo-nos com duas realidades: a do delinquente e a da vítima. Cada uma tem o seu próprio tratamento».

Entre os fundadores da APAV contam-se o director do Centro de Estudos Judiciários, Armando Leandro, o catedrático de Direito em criminologia, Figueiredo Dias, o director do Instituto de Medicina Legal, José Pinto da Costa e o presidente nacional da Cruz Vermelha, Gonzaga Ribeiro.

Alegoria das Descobertas dá vitória a Alfama

Pondo a desfilar moiras e marinheiros do seu passado quinhentista, Alfama conquistou o prémio das Marchas Populares de Lisboa

Explorando o tema «Moirama e Descobertas», o bairro de Alfama ganhou destaque no concurso deste ano das Marchas Populares de Lisboa, de acordo com a decisão ontem tornada pública pelo júri.

Um guarda-roupa de fatos estilizados de mouros, em tons de azul, verde e amarelo, com

sequins dourados, e de marinheiros do tempo das Descobertas, nas mesmas cores e com chapéu de manta genovês, «à D. Henrique», valeu ainda à representação daquela velha zona de Lisboa o prémio de figurino, informou a Câmara Municipal de Lisboa.

Terceira distinção merecida pela marcha de Alfama con-

templou-lhe a cenografia, referiu a mesma entidade, organizadora do concurso.

Em segundo e terceiro lugares classificaram-se, ambas com 153 pontos, a 17 da primeira, as marchas do Castelo e de Marvila, respectivamente.

A do Castelo corporizava uma fantasia de damas e ofi-

ciais do século XVIII, que desfilaram a um compasso com ressonâncias militares, reforçadas por tambores, obtendo o prémio de coreografia.

Quanto a Marvila, adotou como tema a Primavera, numa evocação dos tempos em que era um bairro de quintas e solares, e a sua



Uma jovem «Severa» da Mouraria



A marcha vencedora na Avenida: uma festa de azul, verde e amarelo

composição pretendia constituir uma alegoria às flores e ao sol.

A decisão do júri das Marchas Populares foi divulgada horas depois de se ter apresentado no Pavilhão Carlos Lopes um último conjunto de seis dos dezêto agrupamentos concorrentes.

Além das exibições no Pavilhão, as Marchas desfilaram, na noite de 12 para 13 de Junho, na Avenida da Liberdade, entre outras artérias da cidade.

Depois das três primeiras, classificaram-se, por esta ordem, as representações da

Bica, com 141 pontos, Mouraria, com 137, Campolide, com 136, Alto do Pina, com 131, Carnide, com 130, Madragoa, com 127, Penha de França, com 124, S. Vicente, com 120, Benfica, com 116, Bairro Alto, com 108, Graça, com 105, Ajuda e Alcântara, com 104, Campo de Ourique, com 97, e Olivais, com 85.

O prémio de Musicalidade não foi atribuído.

A notícia dos resultados do concurso foi saudada com foguetório, na madrugada de domingo, por habitantes do bairro vencedor.

Dia do Ardina: tradições em vias de extinção

Para além de outras proezas, aqui se dá conta de como, em vertiginosa corrida, foram descidas as Escadinhas do Duque até ao Rossio e de como, num duro encontro de futebol, foi revelado um temível Valderrama português...

Os ardinias à moda antiga são poucos mas bons, uma espécie em vias de extinção: já não se vai a correr ao Rossio para ir buscar os jornais; estes já não são atirados para as varandas de um quinto andar; já não se joga futebol com uma bola de trapos; já não se apregoa; já não se salta do eléctrico em andamento, de costas ou de lado carregado de jornais...

Foi para manter viva a lembrança daquela figura típica e das suas práticas que se realizou ontem, pela quarta vez consecutiva e integrado nas Festas da Cidade, o Dia do Ardina (seguido de um por certo bem regado... - almoço no Ribatejo).

Muita coisa mudou no quer diz respeito aos jornais, à sua feitura e à sua venda. É natural. Mas, como referiu Jorge Sampaio, presidente do município lisboeta, ontem de manhã no Rossio, a propósito daquela figura, «o ardina é

uma tradição na cidade. Desempenha um papel muito importante na divulgação de certos meios de comunicação social. As tradições têm de se manter e desenvolver».

Presentes estiveram alguns ardinias famosos, figuras lisboetas de que todos já ouvimos falar. De entre eles gostaríamos de salientar dois: Carlos dos Jornais e António Milheiro.

O primeiro, famoso pelas suas quadras (em curta conversa com o jornalista produziu duas, eis uma delas: «Num ambiente tão querido/Na sua simplicidade/Uma quadra a seu pedido/É querer-lhe felicidade»), apesar dos seus 75 anos de idade, mantém o seu quiosque.

Acerca do local de venda daquele ardina, Jorge Sampaio disse que era visitado porque «é um lugar de passagem, de convívio e de pequena discussão; e isso é importante».

Quanto a António Milheiro, ele é, «apenas», o mais antigo vendedor de jornais «em exercício de funções». Tem 79 anos e começou a vender jornais com sete. Entre muitas e gratas memórias, lembra-se de ter vendido o primeiro número do «DL» a um

vintém.

É curioso referir que António Milheiro ainda chegou a trabalhar com João Mortágua (o ardina representado na estátua do jardim de São Pedro de Alcântara).

Houve corridas com os sacos de jornais às costas, para

ardinias veteranos e a vitória coube a Quim, num conjunto de nove participantes.

Refira-se que um dos concorrentes à difícil prova, outro famoso ardina, António Chaves, «O Moído», justamente célebre por «moer» todos os adversários nas cor-

ridas, teve de abandonar, por dificuldades de preparação física...

Depois de uma corrida para populares vencida por Joaquim Ferreira, de 20 anos de idade e de um concurso de arremesso de jornais para uma varanda improvisada numa escada Magiruz, cujo vencedor foi Orlando, teve lugar o esperado encontro (?) de futebol.

Tratou-se de um viril, mas não violento, exercício futebolístico.

Manecas, 58 anos, reformado, foi a estrela do encontro, esteve em todo o terreno e, inclusivamente, apesar das dificuldades impostas pela indumentária de senhora (sapatos incluídos), marcou golos.

Pela cabeleira postiça e pela postura em campo bem poderíamos apelidá-lo de Valderrama português.



Jorge Sampaio, Carlos dos Jornais, Manecas e António Milheiro

M.R.

Fauna heterogénea, ânimos pacientes

Acto comemorativo na noite lisboeta

Podia perfeitamente ser um anúncio da Dim, a sugerir que a rapariga de traseiro redondo e com meias de renda brancas fica de gritos. Contudo, correspondia a um convite para a festa de aniversário do Frágil, essa instituição da vida nocturna lisboeta que cumpriu oito anos de idade.

As circunstâncias impunham uma nova maquilhagem e Manuel Reis aproveitou o pretexto, introduzindo no recinto algumas alterações, pois tem aversão à monotonia. «Já estava farto das riscas», declarou.

No afã de mudança substituiu o antigo reposteiro por uma cortina de borracha, mandou forrar os balcões dos bares com chapa pintada de azul e transferiu a escultura de aço para o centro da sala maior. Há paredes, uma delas forrada a folha de ouro, e outra coberta com tinta branca fosforescente, que brilham como os fatos de lamé numa amálgama de luzes e sombras.

Meia Lisboa compareceu na festa de anos do Frágil que, apesar de ter nascido em 1982, continua ali para as curvas, em pleno apogeu. Clientes assíduos e ocasionais, muitas figuras do mundo artístico e intelectual participaram no acto comemorativo.

A certa altura da noite, tornou-se impossível a circulação nos metros quadra-



Um olhar onde se lêem ardentes promessas

dos que constituem o recinto. Ei-lo repleto, a rebentar pelas costuras: corpos comprimidos contra corpos. Se uma pessoa se descuida, acaba prensada pela marabunta, sem conseguir mexer-se ou com alguém a servir-lhe de mochila.

Em tais ocasiões, não convém nada vestir a melhor roupa, assim evita a contingência de apanhar com uma bebida em cima.

Uma multidão, concentrada na Rua da Rosa, aguardava que a imponente Guida, guardiã do templo, acendesse a luz verde do acesso. Heterogénea se manifestava a fauna, pacientes os ânimos e divertida a convivência entre aqueles que esperavam a oportunidade de tranpôr a barreira dos filamentos de borracha. A páginas tantas, a festa transbordou para o exterior, lá

fora também passaram a circular as bandejas de bebidas e os tabuleiros de bolinhos, para consolo dos que se encontravam afastados do epicentro das operações.

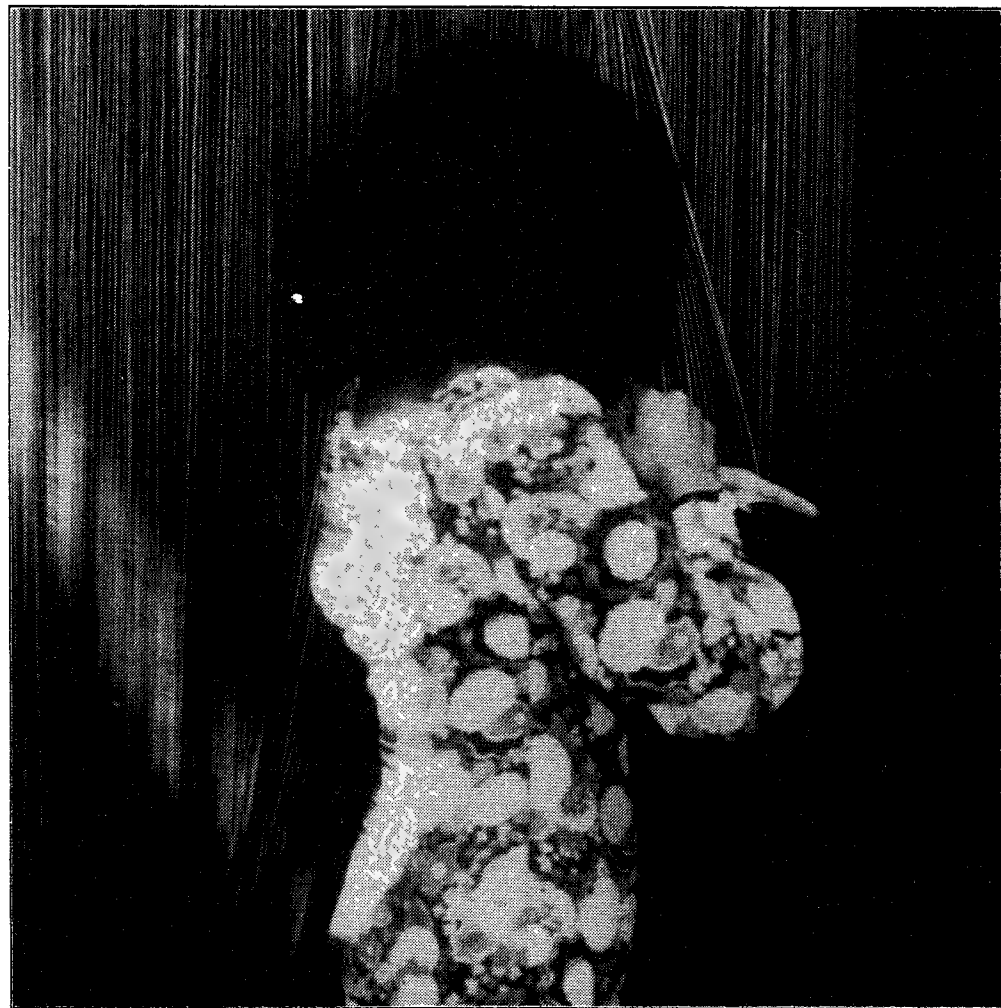
Antes da avalanche, insinuavam-se as poses de quem vai a uma festa com o intuito de ver e ser visto. Para onde se dirige o olhar incendiário da morena de cabeleira farta e crespa? Nele transparecem vulcânicas promessas, um claro discurso de sedução salta do negrume das suas pupilas.

Determinada a fazer estragos, a destroçar corações, esta mulher é um perigo para a tensão arterial das hostes masculinas.

Alguém se lembrou de oferecer a Manuel Reis, o pai da «criança», um ramo de flores. No papel de criador e dinamizador do bar mais civilizado de Lisboa, ele merece este gesto de simpatia.

Um elogio para a elegância dos empregados que vestiam bonitas fardas da autoria de Manuela Gonçalves. Os casacos eram de gregorão de algodão azul-escuro com riscas quase imperceptíveis e mangas de popeline. Estabelece-se um diálogo entre dois materiais, duas texturas aparentemente inconciliáveis. Solícitos, sempre a fornecer combustível, contribuíram para que os noctívagos inveterados só saíssem do Frágil às sete e trinta da manhã.

Quando a claridade já tinha vencido as trevas e o vigor dos corpos se rendia à derrota



Esta cortina de borracha proporciona uma série de jogos

Pirolitos sem açúcar

O mercado português de refrigerantes está à beira de viver a grande voga das chamadas *lights*, ou seja, as bebidas sem açúcar, prevê-se na revista de promoção comercial «Distribuição hoje».

Num artigo assinado por A. Baptista Cruz sobre as *soft drinks*, bebidas refrigerantes sem álcool, apoia-se a previsão na circunstância de o mercado português apresentar neste particular um claro paralelismo com o francês, onde o consumo das referidas bebidas atravessa uma fase de rápido crescimento.

A analogia dos dois mercados é acentuada pelo articulista quando observa que, sendo a França, tal como Portugal, uma consumidora tradicional de vinho e cerveja, apresentou em 1987, no que se refere a *soft drinks*, números rigorosamente iguais ao nosso País: 22 litros *per capita*. Secundariamente, assinala-se outra coincidência: a preferência, quanto a sabor, pela laranja.

De acordo com o mensário, a análise do mercado francês revela três grandes etapas evolutivas, balizadas por três inovações tecnológicas, a saber: a embalagem Tetra Pak, em cartão especial (1979); a embalagem de 2 litros, em plástico (1983); e, finalmente, as linhas de produto *light*, em que os edulcorantes substituíram o açúcar (1987/88).

«Dado que o mercado português» — observa Baptista Cruz — «já viveu ou está vivendo aqueles dois primeiros momentos, parece pertinente analisar em mais detalhe o que resultou, para o mercado francês, da introdução dos *lights*».

O principal aspecto relevado é o de o produto não concorrer com os restantes refrigerantes, afirmando-se como uma opção de adultos, sobretudo do sexo feminino, em vez de crianças.

Segundo a «Distribuição hoje», os *lights* representam já em França 5 por cento do mercado de bebidas à base de fruta, tendo o seu florescimento acelerado de forma explosiva assim que a legislação francesa, «vencido o peso do lobby açucareiro», permitiu a utilização da frutose como edulcorante, abrindo a voga do que lá se designa por produtos *allégés* ou *diététiques*, ligeiros ou dietéticos. Foi então que as grandes marcas se lançaram na exploração do negócio, com destaque para a Coca-Cola, que, só de Junho a Novembro de 88, alcançou uma quota de mercado de 30 por cento.

O artigo acentua a distância a que o consumo dos franceses, como o dos portugueses, com os seus 5 por cento, se encontra dos padrões europeus, exemplificáveis pelos 20 litros dos suíços e 30 dos alemães ocidentais.

Pelo menos no caso francês, porém, aquele número traduz um crescimento vultoso nos últimos dez anos, crescimento que o autor decompõe percentualmente, tendo o êxito maior sido conseguido pelos sumos de fruta e néctares, cujo consumo em 88 aumentou 22 por cento. Seguiram-se as bebidas gasosas, à base de fruta, com 11 por cento, e as não gasosas, com 5 por cento.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO



ACADEMIA MILITAR

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA CANDIDATOS CIVIS

Está aberto concurso para admissão de candidatos civis ao Curso Geral (1.º Ano) da Academia Militar, devendo a entrega de documentos ser feita de 18 de Junho a 06 de Julho de 1990.

Para informações contactar a Academia Militar (Paço da Rainha, 1100 — LISBOA — Telef. 56 39 91 Ext. 213) ou qualquer Unidade ou Estabelecimento Militar.

Informação

CP - CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ALTERAÇÕES AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 05.00 HORAS DO DIA 90/06/15 E AS 24.00 HORAS DE 90/06/25, RESULTANTE DA GREVE REALIZADA PELO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO, NOS DIAS 15, 17, 19, 21, 23 E 25 DE JUNHO DE 1990

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 05.00 horas do dia 90/06/15 e as 24.00 horas do dia 90/06/25, a CP concretizará o seguinte programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. COMBOIOS A REALIZAR NO EIXO LISBOA/PORTO/BRAGA E BRAGA/PORTO/LISBOA NOS DIAS 15, 17, 19, 21, 23 E 25 DE JUNHO

1.1 Comboios rápidos especiais:

Nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25 de Junho a CP vai realizar, neste percurso, os seguintes **COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS (T 130)** com paragens em **POMBAL, COIMBRA, AVEIRO e VILA NOVA DE GAIA** e as seguintes horas de partida e chegada:

LISBOA	PORTO	BRAGA
07.20	10.55	
17.05	20.40/20.52	21.57
20.30	00.05	-
BRAGA	PORTO	LISBOA
-	07.20	10.55
15.50	17.15	20.48
-	20.38	00.08

Estes **COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS** realizam o percurso **LISBOA-PORTO** em 03.35 horas.

O comboio **RÁPIDO ESPECIAL** com partida de Lisboa às 17.05 horas tem seguimento a **BRAGA**.

O comboio **RÁPIDO ESPECIAL** que tem paragem no **PORTO** às 17.15 horas tem a sua origem em **BRAGA** às 15.50 horas.

São suprimidas todas as circulações **ALFA** e **INTERCIDADES** deste eixo nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25.

Em todo o período de 15/06 a 25/06 são suprimidos os **INTERCIDADES 520 e 521 (AVEIRO/LISBOA e volta)**.

1.2 Comboios Inter-Regionais

A CP assegura a realização dos comboios **INTER-REGIONAIS 825 e 827** com partidas de **LISBOA** às 11.55 e 15.25 e também os comboios 824 e 828 com partida do **PORTO** às 12.00 e às 18.45 horas.

1.3 Comboios Regionais

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS DURANTE TODO O PERÍODO DE 15 A 25 DE JUNHO

2.1 Eixo Lisboa/Guarda

2.1.1 São **SUPRIMIDOS OS COMBOIOS INTERCIDADES 510, 511, 512 e 513**.

2.1.2 São realizados **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **LISBOA e GUARDA**, com paragens em **CELORICO DA BEIRA, MANGUALDE, NELAS, OLIVEIRINHA-CABANAS, SANTA COMBA DÃO e PAMPILHOSA**, com partida da Guarda às 07.15 (com destino a Lisboa) e 17.35 (com destino a Coimbra) e de Lisboa às 18.55 e de Coimbra às 10.15 horas (destinados a Guarda).

Os comboios 810 e 813 serão realizados apenas entre Coimbra e Guarda.

2.1.4 **Serviço Regional**: realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.2 Eixo Lisboa-Covilhã

2.2.1 São suprimidos os comboios **INTERCIDADES 540, 541, 542, 543/545**.

2.2.2 Serão realizados **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **LISBOA e COVILHÃ**, com paragem em **ENTRONCAMENTO, ABRANTES, ALFERRAREDE, RÓDÃO, CASTELO BRANCO e FUNDÃO** com partida de **LISBOA** às 07.25 e 19.07 e de **COVILHÃ** às 07.10 e 15.00 horas.

2.2.3 **Serviço Regional**: realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.3 Eixos Lisboa/Leiria/Figueira da Foz/Porto/Régua/Tua e Porto/Viana do Castelo/Valença

2.3.1 São **SUPRIMIDOS OS COMBOIOS INTERCIDADES LISBOA/CALDAS DA RAINHA/LEIRIA (500, 501, 502 e 503); PORTO/RÉ-GUA (560/561) e NINE/VIANA DO CASTELO (550 e 551)**.

2.3.2 **Comboios Inter-Regionais e Regionais**

Serão realizadas nestes **EIXOS** as circulações que se revelarem possíveis.

2.4 Eixo Lisboa-Faro/Lagos

2.4.1 São suprimidos os comboios **INTERCIDADES LISBOA/FARO 580 e 581 e LISBOA/FARO/LAGOS 582 e 583**.

2.4.2 Serão realizados os **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **BARREIRO e FARO** com paragens em **TUNES e ALBUFEIRA** e com partida do **BARREIRO** às 15.00 e 18.50 e de **FARO** às 07.30 e 14.15 horas.

As ligações de e para **LAGOS** serão asseguradas por **COMBOIOS REGIONAIS**.

2.4.3 **Serviço Regional**: serão realizados os combios que se revelarem possíveis.

2.5 Eixo Lisboa/Alentejo

2.5.1 São suprimidos os comboios **INTER-CIDADES 590 e 591**.

2.5.2 Serão realizados dois comboios **Inter-regionais especiais** entre **Barreiro e Évora/Beja** (um em cada sentido) com paragem em **Pinhal Novo, Vendas Novas, Torre de Gadanha, Casa Branca, Vilã Nova de Baronia e Cuba** e com partida do **Barreiro** às 19.35 e de **Beja/Évora** às 8.05.

2.5.3 Serão realizados os comboios **INTER-REGIONAIS e REGIONAIS** que forem possíveis.

2.6 Eixos não expressamente mencionados

Serão asseguradas as ligações possíveis.

3. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS

3.1 Serão realizadas a maioria dos comboios **Inter-Regionais e Regionais** com supressões pontuais.

4. SERVIÇO INTERNACIONAL

Durante o período de 15 a 25 de Junho todas as ligações **Internacionais** serão asseguradas, com excepção do **PORTO/VIGO**.

5. SERVIÇO SUBURBANO

5.1 Comboios a realizar nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25 de Junho

5.1.1 LINHA DE SINTRA

Prevê-se a realização do serviço normal com algumas supressões pontuais.

O Serviço Ferroviário poderá, em caso de necessidade, ser complementado por todovia, a anunciar nas respectivas Estações.

A carreira n.º 46 E da **CARRIS** é reforçada e prolongada até à Amadora.

Todos os comboios têm paragem em Campolide.

5.1.2 Linha de Cascais

Será assegurado o serviço normal.

5.1.3 Lisboa/Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

5.1.4 Barreiro/Setúbal/Praias do Sado

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.5 Via Fluvial

Lisboa/Terreiro do Paço.

Será praticado o serviço normal.

5.1.6 Cacém/Torres Vedras

Realizar-se-ão as circulações que se revelem possíveis, sendo ainda efectuados alguns serviços complementares rodoviários entre **Torres Vedras/Caldas da Rainha** e vice-versa.

5.1.7 Porto/Marco, Porto/Guimarães, Porto/Braga e Porto/Aveiro.

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.8 Porto/Póvoa

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.9 Coimbra/Figueira da Foz e Coimbra/Serpins

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

SOLICITA-SE AOS SENHORES PASSAGEIROS QUE CONTACTEM AS ESTAÇÕES OU SECÇÕES DE INFORMAÇÕES DA CP PARA A OBTENÇÃO DE ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES SOBRE A EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS A PRESTAR.

Informação Divulgada pela Divisão de Relações Públicas
90 Junho 13



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

QUOTIDIANO

A política leiteira da CEE leva a Região a repensar toda a sua agricultura

«Ciclo da vaca» moribundo nos Açores

A agricultura açoriana vive, há dezenas de anos, o «ciclo da vaca», hoje incompatível (ou muito dificilmente integrável) com a entrada do País para a CEE e com os novos desafios e as novas necessidades que se apresentam não apenas a Portugal como ainda à própria Região Autónoma.

Em 1 de Janeiro do próximo ano, Portugal entra na segunda etapa de transição agrícola, que estará terminada apenas em 1996. Nesta nova fase, o problema específico para os Açores será o das quotas leiteiras. Ao que se supõe, Portugal poderá vir a ter uma quantidade de referência que oscile entre 1,8 e 2 milhões de toneladas e os Açores deverão conseguir desse total uns 20 por cento, o que significa 360 milhões de litros. O ideal, para os responsáveis locais, seriam os 400 milhões, um quantitativo que se supõe possível atingir.

Na verdade, uma política dinâmica de escoamentos e a introdução de estabilizadores alteraram totalmente o panorama leiteiro europeu em apenas três anos, depois de uma dramática acumulação de excedentes a que ninguém sabia o que fazer. Em Dezembro do ano passado existiam apenas 23 mil toneladas de manteiga nos armazéns da CEE e os stocks de leite em pó rondavam somente as 5000 toneladas.

De qualquer maneira, esta pode vir a ser apenas uma situação transitória e a actual campanha leiteira começa já a apresentar sintomas preocupantes, com uma sobprodução já estimada em pelo menos 0,5 por cento, com números muito mais elevados para a Bélgica e para a França.

Diversificar

Um encontro de engenheiros técnicos agrícolas da Região Autónoma apontou, perante esta situação, a ne-

cessidade de diversificar a agricultura açoriana, que terá de processar-se, a partir de agora, em moldes intensivos. Dadas a fertilidade dos solos e as condições climáticas das ilhas, a evolução da agricultura açoriana dependerá do aproveitamento das potencialidades naturais para a diversificação.

Esta mudança dará lugar à libertação de terras e factores de produção «para uma viragem no sentido de outras culturas, que, em novas condições de mercado, encontrarão possibilidades de maior expansão», consideraram os técnicos.

Este é mesmo um problema independente da fixação das quotas leiteiras pela CEE, já que a diversificação das culturas «terá de ser irreversível e a sua evolução inevitável».

Preconizadas foram a introdução de culturas forrageiras em terras baixas, de prados temporários e forragens anuais, em rotação com outras culturas arvenses, em lugar de pastagens permanentes.

Defendeu-se, igualmente, a expansão das culturas industriais, de modo a permitir o equilíbrio e a subsistência dos agro-industriais existentes em S. Miguel. Advogada, ainda, a expansão da batata de semente, atendendo às condições favoráveis do solo e do clima.

Quanto à floricultura e plantas ornamentais, numa perspectiva de mercado, definiu-se que deverá ser inventivada uma produção organizada e economicamente significativa, pois as ilhas possuem excelentes possibilidades nesta área.

Também a horticultura e a fruticultura (casos do ananás e do maracujá) deverão ser incrementadas, atendendo às condições favoráveis ao ar livre e em estufa para os produtos que são insuficientes para o abastecimento dos mercados locais.

Câmara da Moita financia construção de escola

A Câmara Municipal da Moita comparticipará com 30 por cento do custo total da construção de uma escola na Baixa da Banheira com capacidade para 30 turmas do 5º ao 9º ano, cuja entrada em funcionamento está prevista para Setembro de 1991.

A autarquia, que celebrou com o Ministério da Educação o acordo de colaboração, cede o terreno para a construção do estabelecimento de ensino, encarrega-se dos arranjos exteriores, do campo de jogos e respectivos balneários, da instalação de águas e esgotos, electricidade e gás e ainda do mobiliário e material didáctico.

Entretanto, aquele Município da margem esquerda do Tejo promove os habituais passeios no rio em barcos tradicionais, os varinos e os botes, sempre a partir do cais da Moita.

ECONOMIA

Reforço da informatização para EDP servir melhor

Atendimento mais personalizado, maior rapidez e desburocratização são os objectivos do novo sistema de gestão comercial

Atendimento mais personalizado, mais rápido e mais eficiente é o objectivo do novo sistema de gestão comercial da Electricidade de Portugal (EDP), que se insere na cada vez mais necessária linha de atendimento e serviço correcto ao consumidor. O objectivo deste sistema informático é também limitar ocorrências dos chamados erros humanos, justificação habitual para as queixas apresentadas pelos consumidores.

O sistema, de que está a ser feito o carregamento informático e que tem a unidade central instalada no Centro de Cálculo da EDP, em Sacavém, poderá não impedir todos os erros humanos mas, segundo afirma a empresa, assegura meios para a sua rápida correcção, desde que o cliente apresente a sua reclamação.

Este novo sistema está a ser instalado não só tendo

em consideração o cidadão pagante, como também as vantagens decorrentes para a EDP, forma indirecta de beneficiar o cliente, já que permite um encurtamento do ciclo de operações leitura-facturação-cobrança e irá melhorar os fluxos financeiros.

A empresa pretende, assim, passar a controlar e a receber melhor e mais rapidamente as dívidas dos utentes.

O processamento permitirá, também, que sejam emitidas diariamente facturas para um determinado segmento de clientes, o que permitirá aliviar a pressão actual em certos períodos de cada mês, sendo opinião da EDP que tal irá permitir um alívio nos balcões e facilitar um melhor atendimento.

Desburocratização e funcionamento

Este sistema permitirá, ao

cliente, tratar dos seus assuntos no balcão da EDP que mais lhe convier, independentemente da área em que se encontra, o que, em termos práticos, significa a possibilidade de qualquer utente pedir explicações sobre dúvidas surgidas com as facturas ou pagar as suas contas, mesmo estando de férias.

Outras facilidades irão surgir, nomeadamente a do cliente poder contactar a alimentação eléctrica, da sua nova casa na localidade onde ainda reside, ou mesmo propor o dia em que queira que seja feita uma ligação, tendo de imediato a confirmação quanto à disponibilidade dos serviços.

Para que tudo possa funcionar pelo melhor, o leitor da EDP passará a dispor de um terminal portátil de leitura, um micro computador que contera não só elementos relativos à localização dos

contadores que vão ser ligados, como o historial de consumos de cada um dos clientes.

A leitura é registada directamente nesse terminal, que verifica a plausibilidade do consumo encontrado, possível mediante o confronto entre a leitura efectuada e a média dos consumos desse cliente.

O computador central contém também uma fase de controlo que permite detectar e eliminar casos anómalos, remetendo para uma equipa de análise as leituras que se mostrem estranhas, em função do historial e hábitos dos consumidores.

Caso continue a haver erro ou se o cliente tiver dúvidas, uma deslocação a um balcão da empresa, ou um telefonema, poderá desbloquear a questão e, a haver correcção, será emitida, «on line», uma nova factura.

CIP: Ferraz da Costa foi reconduzido

Pedro Ferraz da Costa foi reconduzido na presidência da Confederação da Indústria Portuguesa, após acto eleitoral a que concorreu apenas uma lista. Como novidade mais destacada, o facto de Ludgero Marques, dirigente máximo da AI Portuense, passar a ocupar o cargo de presidente da assembleia geral da CIP.

LAR: forte aumento da facturação

O volume de negócios da LAR-Transregional foi de dois milhões e 565 mil contos em 1989, o que representa um aumento de 84 por cento relativamente a 1988. Esta evolução resultou fundamentalmente do acréscimo de passageiros, que se situou na ordem dos 60 por cento, atingindo mais de 365 mil pessoas transportadas.

Novo presidente para Setenave

António Baptista Duarte Silva substituiu Óscar Felgueiras Mota na presidência da Setenave, estaleiros navais que recentemente foi concessionado, para exploração, ao consórcio Solisnor, composto pela Soponata, Lisnave e o grupo norueguês Barber International.

Centro de Design para a região Sul

O Centro Português de Design para a região Sul do País teve a sua apresentação institucional. Entre os seus objectivos estão: a melhoria da competitividade internacional da indústria; o aumento do valor acrescentado; a melhoria da qualidade dos produtos e processos; criação de um ambiente inovador; e melhoria da imagem das empresas e dos produtos.

Marcação directa à extensão

A Telecom e a Compta instalaram em Portugal o primeiro serviço de marcação directa à extensão, que liga a central telefónica da Portucel (24 linhas de rede e 304 extensões) à central pública digital de Aveiro, permitindo aos utilizadores da rede telefónica nacional fazer chamadas directamente a qualquer extensão da referida empresa, sem intervenção de telefonista.

Ligeira quebra das acções na Bolsa de Lisboa

Os títulos nominativos da Marconi e da Inapa foram os únicos, de entre as 30 acções mais líquidas da Bolsa de Lisboa, que viram valorizada, embora ligeiramente, a sua cotação na semana passada (respectivamente 0,3 e 0,7 por cento).

Cerca de 60 por cento das acções mais líquidas tiveram quebras nas cotações, as quais variaram entre os 0,6 e os 2,6 por cento.

Este comportamento de quebra foi suavizado nas duas últimas sessões da semana, com a procura de títulos a suplantarem a oferta, o que provocou uma melhoria geral dos preços.

Estrangeiros

Entretanto, foi anunciado que, nos primeiros dois meses deste ano, os investidores estrangeiros compraram nas bolsas portuguesas cerca de 35 milhões de contos de títulos, mais do que triplicando os valores de igual período de 1989. Segundo o Banco de Portugal, no final de Fevereiro os estrangeiros detinham cerca de 270 milhões de contos de títulos portugueses.

Durante Fevereiro, os investidores estrangeiros foram responsáveis pela transacção de 25,3 milhões de contos de títulos, o que representa 40,6 por cento do volume total de negócios das bolsas portuguesas.

São as acções que representam a vertente mais aliciante para os estrangeiros, tendo transaccionado em Fevereiro 22,6 milhões de contos (15,1 milhões respeitantes a compras e 7,5 milhões a vendas).

Os britânicos são os que fazem maiores aplicações em Portugal (37 por cento do total em Fevereiro), seguidos dos alemães (12 por cento), e dos suíços (11 por cento).

No final de 1989, a carteira de títulos portugueses na posse de estrangeiros ascendia a cerca de 263,8 milhões de contos, mais 181 milhões do que em 1987.



Verba da CEE contra a pobreza Um orçamento aproximado de 1,7 milhões de contos foi estabelecido para quatro projectos portugueses que integram o programa comunitário Pobreza 3, que decorrerá até Julho de 1994. A participação da CEE será de 4,7 milhões de ecus (cerca de 850 mil contos). Esta verba corresponde a cerca de metade dos projectos nacionais que integram o conjunto do programa de luta contra a pobreza, que não pretende substituir os programas nacionais, mas complementá-los, conforme foi afirmado na sessão de apresentação, onde estiveram presentes Bruto da Costa e Maria Joaquina Madeira (na foto), consultores do Centro de Investigação sobre a Economia Portuguesa (CISEP). Os projectos versam três acções-modelo nacionais, duas rurais e uma urbana, bem como uma iniciativa inovadora, a decorrer em Lisboa e que será feita com jovens delinquentes ou pré delinquentes. Estes projectos foram aceites de uma forma condicionada até Setembro, para que os promotores possam fundamentar as propostas a apresentar à Comissão Europeia.

COTAÇÕES



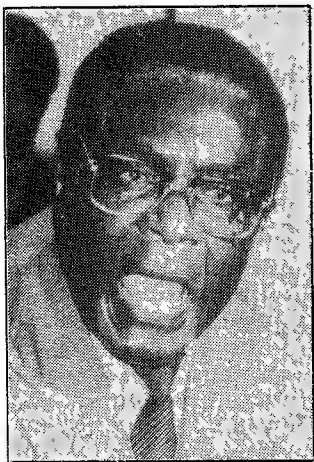
Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39\$05	45\$05
ALEMANHA FED. (marco)	86\$70	87\$90
ÁUSTRIA (xelim)	12\$30	12\$50
BÉLGICA (franco)	40\$33	45\$28
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$45	125\$95
(notas de 5 a 1000)	123\$95	126\$45
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	15\$72	15\$92
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$65	149\$15
(notas de 5 a 1000)	146\$15	149\$65
FINLÂNDIA (marka)	36\$85	37\$45
FRANÇA (franco)	25\$80	26\$50
HOLANDA (florim)	77\$05	78\$15
IRLÂNDIA (libra)	233\$45	237\$45
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (itene)	\$899	\$954
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	252\$70	257\$20
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUIÇA (franco)	102\$85	104\$35
VENEZUELA (bolívar)	24\$30	34\$30

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

AS FERIDAS DE ÁFRICA



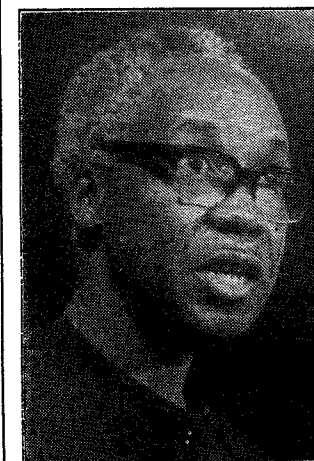
Robert Mugabe



Daniel Arop Moi



Kim Il Sung



Julius Nyerere

Motins no Gabão, graves incidentes nos Camarões, intensificação da guerrilha nas revoltas na Costa do Marfim: a crónica africana destes últimos meses é bem reveladora do descontentamento popular que invade um continente sedento de democracia e de liberdade

O medo do esquecimento

Trinta anos após os processos de independência, a África começa, finalmente, a emancipar-se. Abandonada pelos seus «padrinhos» de ontem - que aticaram, por demasiado tempo, as cinzas de uma «guerra morna» - reencontra-se consigo própria, simultaneamente lúcida e inquieta, mas, também, impaciente. Pouco a pouco, despe as máscaras, abandona os «slogans» vazios e os dogmas emprestados. Redescobre a mais bela das ideias - a liberdade - e as suas filhas gémeas: a democracia e a economia de mercado.

É o tempo dos balanços, entre a amargura e a lucidez, das tomadas de consciência e do repensar das grandes questões. Ao varrer o continente africano, a cauda do «ciclone Gorbachev» afastou os últimos eflúvios da «ilusão lírica», que fez acreditar, outrora, nas virtudes do socialismo tropical. Pois o novo «homo africanus» - rebento pródigo de Marx e de Frantz Fanon - ainda não viu a luz do dia. A URSS abandonou à sua sorte os antigos clientes, vulneráveis e desamparados, ou mesmo arruinados por guerras que se tornaram arcaicas (Angola, Etiópia, Moçambique). Um a um, os adeptos do marxismo-leninismo deixaram-no sem pejo, por vezes de um dia para o outro (Benim), fingindo descobrir os méritos do capitalismo. É verdade que a África tinha aclimatado, à sua maneira, a ideologia vinda do frio. E Kim Il Sung, por

metida aos credores, tanto de Leste como do Ocidente. Todavia, não foram as grandes potências do Norte que estrangularam as revoluções africanas. Estas suicidaram-se de forma lenta, à força de insistirem na mentira burocrática. «Progressista» ou não, a África já não tem ânimo para encontrar alibis ou bodes expiatórios. Com o apaziguamento da velha rivalidade soviético-americana, o refluxo da URSS priva o continente da sua última arma, e a chantagem para que passe para o outro campo, brandida por alguns sob o nariz do Ocidente, não passa de uma manobra para procurar encher os seus cofres.

O novo grande receio desta África estrategicamente depreciada é, simplesmente, o esquecimento. Em favor da Ásia, que tem o mérito de «se estar a sair bem», e, sobretudo, da Europa «ex-comunista», igualmente carenciada.

«A Europa de Leste assemelha-se a uma jovem belidade» - observa um dirigente queniano. «E a África a uma velha senhora cheia de rugas». Apesar de o Ocidente se negar a escolher entre uma e outra, a sua generosidade tem limites. Nesta competição pelo «dinheiro do auxílio», a África não é a melhor colocada (não dispõe, por exemplo, de nenhum «lobby» em Washington). Mas a indiferença - o seu pior inimigo - já se vislumbra noutros sinais. As reuniões anuais da OUA não interessam a muita gente. As

Bélgica. As empresas estrangeiras, mesmo as japonesas, retiram os seus capitais. O investimento por cabeça, em África, é três vezes menor, em moeda corrente, do que há treze anos atrás. O marasmo industrial, o envelhecimento dos transportes, o peso da burocracia, os abusos do despotismo, os riscos excessivos que se correm por lucros incertos, explicam esse desinteresse crescente. Em contrapartida, a África mantém-se o beneficiário privilegiado do auxílio público ao desenvolvimento (1/3 do total

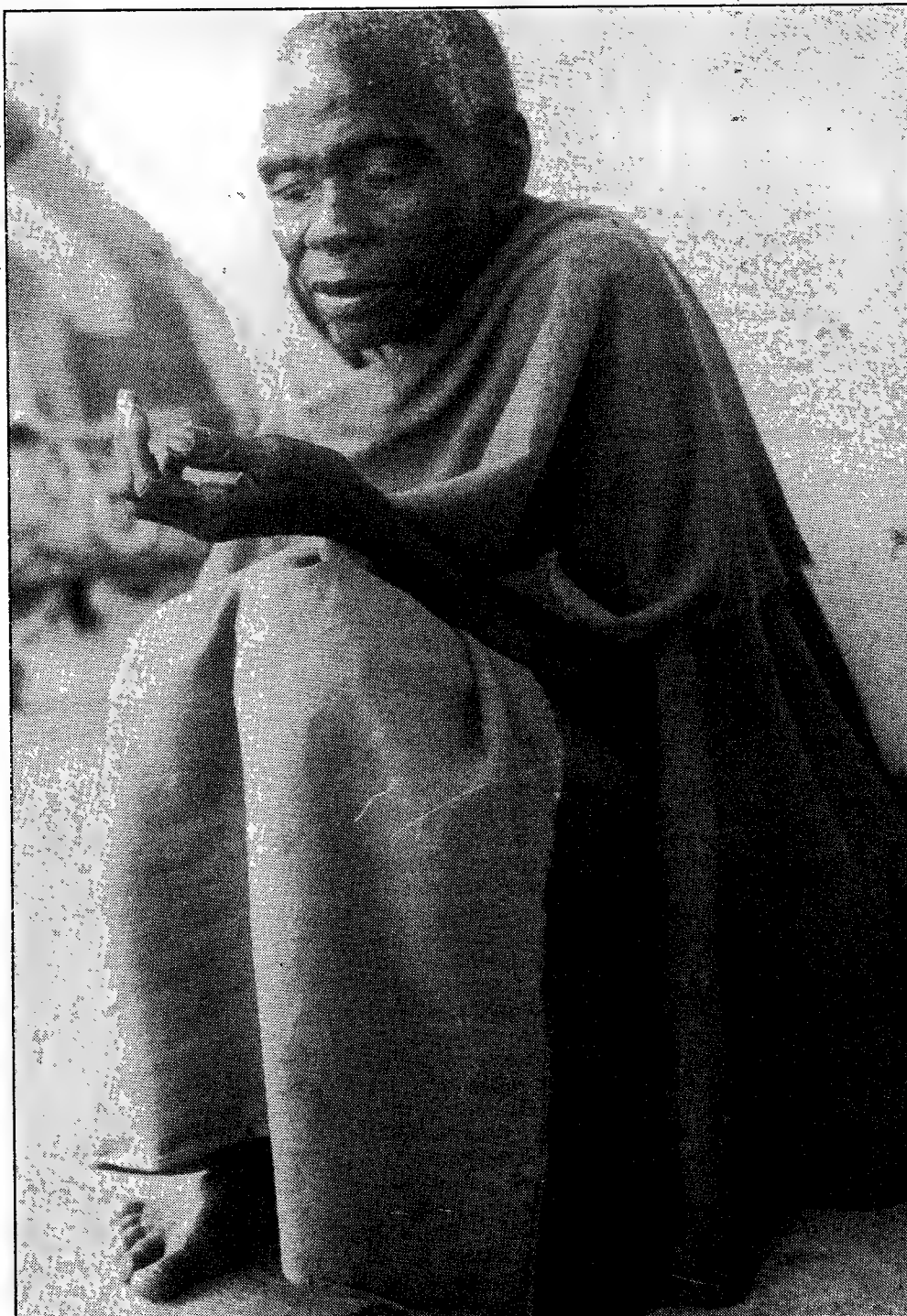
para, apenas, 11 por cento da população mundial).

A África está sujeita - conjugada para a sua salvação - ao «efeito Gorbachev» e ao «efeito Ceausescu»: o primeiro liberta a palavra, restaura a verdade, reanima a burocracia; o segundo acusa as ditaduras familiares, fragiliza os poderes pessoais, faz reflectir os «chefes». Transformados em «cidadãos do Mundo», cada vez melhor informados - mesmo no mato - muitos africanos viveram tanto mais intensamente as revoluções no Leste quanto per-

deram a fé nos seus regimes, mantendo-se na expectativa. A democracia é contagiosa...

Sair organizadamente do Poder

Cinco países na África negra - num total de 46 - funcionam, em graus diversos, em democracia: o Botswana, a Gâmbia, o Senegal, as ilhas Maurícias - o regime mais autêntico - e a recém-formada Namíbia. Nos restantes países, o líder governa sem partilhar o Poder, sem segundos, sem delfins. Herança da tradição dos reinos, resposta às neces-



Perdida pelos outros e, agora, também perdida por si, a Velha África pensa, de mão estendida, enquanto a Jovem África avança para a prática da Segunda Independência

A URSS abandonou à sua sorte os antigos clientes, vulneráveis e desamparados ou mesmo arruinados por guerras que se tornaram arcaicas (Angola, Etiópia, Moçambique)

exemplo, encontrou adeptos tanto à esquerda (Mugabe), como à direita (Mobutu).

A mentira burocrática como suicídio

Por cruel ironia da História, a África «progressista» - a que escolheu, no passado, romper com o neocolonialismo maldito - encontra-se, hoje, exangue - sem nenhuma excepção - e é a mais duramente sub-

cimeiras franco-africanas, transformadas num ritual, vão-se espaçando discretamente.

«Efeito Gorbachev», «efeito Ceausescu»

A marginalização económica do continente contribui para agravar o seu isolamento. A África negra só representa 1,5 por cento do comércio mundial. O seu PNB é semelhante ao da

CONCESSIONÁRIOS



Auto Monumental do Alentejo S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ilha na Libéria, em reveladora democracia

nes, sidades de uma época - a infância dos Estados pós-coloniais - o culto do chefe infalível, do guia cujo destino é determinado pela providência, não desaparecerá tão cedo.

Todavia, para além do estilo, os costumes políticos evoluem rapidamente, um pouco por toda a parte. Hoje, quer tenham ou não conquistado o seu ceptro pela força (cerca de 80 golpes de Estado em 30 anos), alguns líderes do continente já aceitam - é uma verdadeira revolução - encarar a hipótese da sua «saída do Poder», ou mesmo organizá-la, à semelhança dos dois únicos dirigentes que planificaram, tranquilamente, a sua partida: o senegalês Leopold Senghor e o tanzaniano Julius Nyerere.

Mais do que isso: há chefes que renunciam ao instrumento do poder absoluto, esse partido-Estado tentacular que, como no Zaire, recrutava os «cidadãos» logo à nascença. Instauram, ou restauram, o multipartidarismo, por vezes inscrito na Constituição (Costa do Marfim).

Terão esses chefes esquecido os alibis que faziam do partido único o instrumento



«O efeito Gorbachev-Ceausescu»

audaciosos, limitam-se a prometer reformas. Outros, por seu turno, agarram-se ao ceptro. Vêm no multipartidarismo um «regresso à Idade da Pedra» (Kenneth Kaunda), o objecto de uma «conspiração capitalista» (Robert Mugabe), e consideram os seus defensores como «marionetas do colonialismo» (Daniel Arap Moi). Durante quanto tempo poderão resistir às mu-

em vigor no continente, desde o paternalismo à ditadura. A África aspira a uma nova cultura política, e já o afirmou.

O nascimento de uma opinião pública

Está a nascer uma opinião pública, que reivindica a democracia propriamente dita, nem «guiada» nem «popular»; a democracia «sem mistérios» (como observa um antigo ministro ugandês); que recusa essa inexistente «terceira via» entre capitalismo e comunismo, durante demasiado tempo prometida ao Terceiro Mundo; que pretende interpelar os Poderes que perderam a confiança no seu povo à força de só dialogarem consigo próprios.

Nestes últimos trinta anos, sofrendo muito, desde greves a motins logo reprimidos, as sociedades africanas foram bem menos docéis do que se dizia - ainda que mais ávidas do Estado de Direito - apesar do medo acabar sempre por se impor. Para sobreviver de qualquer maneira, fugindo aos excessos do Poder, o africano comum refugiava-se no humor, no escárnio, na fraternidade mística das seitas. Quanto aos intelectuais, expatriados de livre vontade ou à força, estiolavam rapidamente ao sol pálido do exílio. Mas a «elasticidade social» descrita pelos etnólogos, ou seja, a capacidade do povo de suportar a desgraça, de recorrer à resistência passiva, tem os seus limites.

A cólera surgiu nas classes médias, atingidas pelo rigor dominante: funcionários, profissões liberais, estudantes. Na Costa do Marfim, por exemplo, os funcionários citadinos começaram a recuar perder certas regalias, mal a crise financeira atingiu o liberalismo social do qual o Governo tanto se orgulhava. Nas universidades, as queixas corporativistas (bolsas, propinas, qualidade do ensino) adquiriram, rapidamente, o tom de reivindicações políticas. Potenciais desempregados ou funcionários inquietos, estudantes ou jovens no primeiro emprego, estão, em África, na primeira linha face à austeridade.

Democracia e economia de mercado

Na margem de dois mundos e de duas épocas, com um pé no mato e outro na cidade, estão, muitas vezes, os mutantes, já desen-

A marginalização económica do continente contribui para agravar o seu isolamento. A África Negra só representa 1,5 por cento do comércio mundial. O seu PNB é semelhante ao da Bélgica. As empresas estrangeiras, mesmo as japonesas, retiram os seus capitais

hos pais, que tanto investiram nele?

A África «que mexe» reivindica, simultaneamente, a democracia e a economia de mercado, consciente de que o capitalismo é o menos mau dos sistemas de produção, que o desenvolvimento se baseia na livre iniciativa individual e colectiva. Apenas as sociedades que cuidam do seu próprio destino, e onde reinará um mínimo de confiança entre o Poder e o povo, darão a África o dinamismo que precede a modernidade.

Trinta anos depois,

enquanto forjavam a unidade nacional. Estamos a assistir a espantosas transformações: a promoção escolar, a explosão urbana, a mistura étnica. Alguns regimes apostaram a fundo, corajosamente, no ensino, como nos é dado ver pelos enormes progressos da expressão francófona. O continente acumulou, deste modo, um precioso capital intelectual.

Apenas o futuro confirmará a sinceridade de certos dirigentes manifestamente demasiado preocupados em reencontrar, graças a uma cura de reformismo, o seu crédito perdido: só o tempo poderá distinguir entre o oportunismo e a convicção. Mais do que uma revolução pacífica corre o risco de degenerar num Thermidor tropical. Mas, de resto, a África terá, finalmente, a oportunidade de viver a sua «segunda independência».

Jean-Pierre Laigellier
Exclusivo «Le Monde»/
«DL»

(Tradução e adaptação
de Isabel Joyce)

AMANHÃ: Matérias-primas:
do milagre à miragem

...não foram as grandes potências do Norte que estrangularam as revoluções africanas. Estas suicidaram-se de forma lenta, à força de insistirem na mentira burocrática

indispensável para a transformação social ou para a preservação da unidade nacional? Esse sistema, que tanto gabavam, não impediu nem o agravamento das desigualdades, nem os conflitos - ou as rivalidades - étnicas. Também em África, os partidos únicos produziram, como é lógico, a sua «nomenklatura». Em vez de esbaterem o tribalismo, deram-lhe abrigo. A este respeito, as Forças Armadas foram, muitas vezes, um factor de integração nacional. E a grande cidade, agindo como cadinho, é, ainda, o melhor remédio para o tribalismo.

Necessidade dos contra poderes

Alguns líderes, menos

danças?

O multipartidarismo africano não é nem uma panaceia, nem um objectivo em si mesmo. Não garante nem a democracia, nem a moral pública, e ainda menos o desenvolvimento. Pode, mesmo, comportar certos riscos. - dispersão política, aumento do tribalismo - e iludir muitas esperanças. E é por isso que as «sociedades civis», quando se podem, finalmente, exprimir, exigem uma verdadeira democratização dos regimes africanos, qualquer que seja a sua fachada ideológica. Isto implica o funcionamento de contra-poderes, uma profunda descentralização e, sobretudo, o abandono dos métodos de governo actualmente

Está a nascer uma opinião pública, que reivindica a democracia propriamente dita, nem «guiada» nem «popular», a democracia «sem mistérios», como observou um antigo ministro ugandês

raizados mas ainda submetidos à tirania familiar. Quem sabe os tormentos do «bolseiro», perseguido pelos seus inumeráveis primos, que tem de alimentar e alojar? Ou os sacrifícios do jovem casado obrigado a enviar dinheiro aos seus vel-

qualquer balanço das independências; por mais desencantado que seja, exige que se reconheçam os cambiantes, de país para país. Ao lado dos crimes e das misérias, os Estados adolescentes saciaram, parcialmente, a sede de dignidade do seu povo,



COMPRIMIDOS
À BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS

maxiliber®



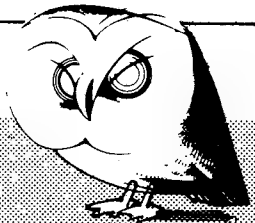
maxiliber®

CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECIONADAS
GOTAS COM
SEIS ESTRATOS



REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

CULTURA



olhar de mocho

Martinho do Ribatejo

O Martinho do Ribatejo acedeu em dar *show* na TV, «Primeira Página», nos folguedos nocturnos do S. João. Tratava-se de explicar o «projecto» do partido e de mostrar a carta de garantias, como se em política as garantias fossem como as dos electrodomésticos: se o projecto não funcionar substitui-se por outro igualzinho.

Na questão da filosofia política, o Martinho do Ribatejo evidenciou logo uma lógica cartesiana: Nelson Mandela e a queda do Muro de Berlim. Há meses atrás ninguém sonharia com a queda do Muro e ninguém prognosticaria um Mandela, solto e sem entraves, nos bastiões do Apartheid. E o raciocínio ribatejano ao que parece, era para ser entendido tanto em Lisboa como no resto do País preocupado com o S. João: se ninguém previu a libertação de Mandela e a queda do Muro, também ninguém poderia garantir que o PRD não subirá à tribuna dos resultados eleitorais para ocupar o lugar de honra que o povo lhe destina. Fica-se com sérias dúvidas que o Martinho do Ribatejo tivesse falado a sério: se estava mesmo a argumentar politicamente, então, o eleitor ficou definitivamente esclarecido. Os futuros comícios para as eleições poderão seguir o método promocional do Totobola, «é fácil, é barato», coloque a cruzinha do PRD a ver se sai o grande prémio. Mas se Martinho pretendeu apenas animar um pouco a noite de S. João, comparando-se indirectamente a Mandela e colocando num dos pratos da balança o Muro e no outro o projecto do PRD, então, os foliões não devem ter achado graça nenhuma. Os alhos-porros não se misturam com o Apartheid nem os bugalhos com o Muro de Berlim.

Mas o famoso «projecto» é que não chegou a ser bem explicado. Vagas alusões à corrupção reinante não fazem projecto. Acresce que uma fatia não despendendo do eleitorado até acha imensa graça às histórias que a Imprensa escrita vem debitando sobre rios de milhões que saltam fora do leito para abastecer causas obscuras. Neste ponto o Martinho do Ribatejo demonstrou não entender muito de psicologia popular portuguesa. Primeiro, quando na Imprensa escrita aparecem grandes espalhafatos sobre desvios de dinheiro, há sempre quem se delicia com o patético dos de cima fazem assim, eu também na minha mercearia poderei vender a clientes de confiança uns quilos de arroz sem factura e sem IVA. Em segundo lugar, desconfia-se que certas categorias de eleitores pretendam mesmo a mudança do *status quo*. Mudar para quê? A regra do desenrascamento passou a ter uma velocidade adquirida e as energias necessárias para travar tal velocidade seriam certamente superiores aos eventuais bens que adviriam se o sistema fosse alterado. Em política, em Portugal, as eleições são para mudar para o sistema o mais parecido possível com o vigente. Daí que, quanto mais parecido for o PS ao partido do Governo mais chances terá de ganhar eleições. O que o português pretende é que venha um estrangeiro endinheirado, a CEE serve, mas um ribatejano, não, para lá de tratar da saúde.



José Sousa Monteiro

Prémios Inasset - Inapa atribuídos na passada sexta-feira

A justiça das letras

Há quatro anos que os Prémios Inasset-Inapa homenageiam os consagrados e estimulam os caloiros nestas coisas de poesia, ficção e literatura infantil. Em tão pouco tempo a atribuição destes prémios tornou-se um ritual importante do calendário artístico português.

Na passada sexta-feira, com a entrega dos prémios relativos ao ano em curso fez-se, no Grémio Literário, mais um pouco de história. Não se atribuiu o Prémio Revelação de Ficção, mas premiaram-se dois jovens até agora desconhecidos do público leitor. Fernando Esteves Pinto conquistou o Prémio Revelação de Poesia com o seu livro «Na escrita e no rosto», enquanto Sara Horta Monteiro se via galardoada com o Prémio relativo aos inéditos de literatura infantil por «As Meninas de La Mancha», uma

história que inicialmente tivera quinze páginas, escritas para entretenimento das filhas da autora. Se estes prémios significam, para os vencedores, a abertura de amplas perspectivas no âmbito da literatura, o Grande Prémio de Poesia limitou-se a homenagear um nome que dispensa apresentações e uma obra que não carece de estímulos. Como de costume, aliás. Tal como os premiados dos anos transactos (Fiamma Hasse Pais Brandão, Fernando Echevarria e David Mourão-Ferreira), Sophia de Mello Breyner Andersen já não necessita de homenagens destas para que o secretário de Estado da Cultura lhe beije a mão ou para que Alcáda Baptista confesse, em plena sessão de entrega dos prémios, o muito que a poesia desta mulher significou na vida dele. Se, no entanto, aceitar-

mos que um prémio literário pode assumir outros objectivos para além da maior ou menor necessidade que o premiado tem de o receber, acabaremos por nos congratular com o facto de «As Ilhas» ser o livro eleito por um júri constituído pelo próprio Alcáda Baptista, por José Saramago e Pedro Tamen. É que, segundo palavras de Sophia de Mello Breyner Andersen, «neste tempo de horizontes confusos, importa assumirmos a subjectividade, para além das modas».

Enquanto obras destas e autores destes forem os premiados não se correrá o risco do mecenato cultural exercido pela Inapa ou por quaisquer outras empresas vir a asfixiar ou a manobrar a criatividade das pessoas. Nem tudo se tornou comércio nos dias de hoje. Por ora, os Prémios Inasset -Inapa são

ainda um momento em que a justiça cabe às letras e estas, conformou declarou Agustina Bessa-Luís durante a cerimónia, fazem-na sempre a seu bel-prazer.

A sessão não acabou, todavia, sem que o Centro Nacional de Cultura galardoasse os seus próprios eleitos. A Francisco Palma e a Madalena Patriarca foram entregues os Prémios Reportagem e Foto-Reportagem relativos ao Concurso Jovem Repórter/88. Com a atribuição destes Prémios elegeram-se as melhores fotografias e o melhor texto inspirados pelas localidades a que o Centro Nacional de Cultura levou a passear os seus associados. No fundo, o que se sabe é que há horas felizes. Os galardoados com todas estas distinções também acham que sim.

M.J.M.



Francisco Paraiso

Verdade se diga: Sophia de Mello Breyner não precisava de homenagens destas para que Santana Lopes lhe beljasse a mão

B R E V E S

Prémio Cristóvão Colombo de Novela para João de Melo

O escritor João de Melo foi contemplado com o Prémio Cristóvão Colombo, instituído pela União das Cidades Capitais Ibero-Americanas.

O prémio foi atribuído ao livro «Gente Feliz com Lágrimas». A cerimónia da entrega do prémio terá lugar a 3 de Julho em Lima, no Perú.

Prémio Literário Miguel Torga - 90 para professor de Aveiro

O professor da Universidade de Aveiro Idalécio Cação foi galardoado terça-feira com o Prémio Literário Miguel Torga - Cidade de Coimbra, instituído pela Câmara local.

A obra premiada é uma colectânea de contos, intitulada «Daqui ouve-se o mar», cuja temática dominante é a ambiência rural da região da Figueira da Foz.

Prémio Imperial para Bernstein, Fellini e Stirling

O compositor americano Leonard Bernstein, o realizador italiano Federico Fellini e o arquitecto britânico James Stirling receberam o Prémio Imperial, de valor equivalente a quinze mil contos, anunciou quinta-feira a Associação de Arte Japonesa. O prémio, equivalente no campo das artes ao Nobel, contemplou também o pintor espanhol António Tapiés e o escultor italiano Arnaldo Pomodoro.

Andrei Tarkovski recebe prémio póstumo

O realizador soviético Andrei Tarkovski, que morreu exilado em Paris em 1986, recebeu a título póstumo o Prémio Lenine de 1990. O Prémio foi-lhe atribuído pela «contribuição que deu ao desenvolvimento do cinema e pelos seus trabalhos inovadores que visavam a afirmação dos valores humanos».

CULTURA E ESPECTÁCULOS

DISCOS

O lado rock do jazz, dizem eles. Fomos ouvir, não as palavras, mas a música, para tirar a prova dos nove...

Nova Iorque downtown

É pelo menos curioso que o guitarrista Marc Ribot, membro dos Lounge Lizards e dos Jazz Passengers (os Lizards sem os irmãos Lurie, entenda-se), acompanha de Tom Waits e Elvis Costello, discípulo do compositor haitiano Frantz Casseus e um antigo adepto da *soul music* à maneira de Wilson Pickett, tenha dito, em certa ocasião, situar-se a sua música «no lado rock do jazz». A afirmação é recente e não serve apenas para definir uma situação pessoal - é toda a cena *downtown* de Nova Iorque que o músico consegue assim descrever, apesar da ambiguidade lacónica da expressão e do facto de ainda muita coisa ela deixar de fora.

Mas até se compreende o mais que Ribot pretendeu expressar. Uma música historicamente caracterizada que inclui em si, como uma faceta inerente e não um simples acrescento, outra música que também dispõe de uma identidade específica, tem de conter mais do que aquilo que refere na equação dos nomes.

O primeiro factor verificável é que já não se trata, longe disso, de um qualquer jazz-rock, na proporção com que o imaginaram na década de 70. A fusão será, segundo este entendimento, a inimiga maior de um projecto de unidade musical que desdenha a síntese.

Outras considerações, porém, têm de esperar por uma reflexão que as prepare e que incide mais concretamente na própria condição musicológica do jazz, enquanto género que resultou do encontro norte-americano entre uma raiz negro-africana em emancipação e as concepções musicais, notadas e institucionalizadas da Europa, englobando no seu corpo outras influências à medida que o tempo foi correndo. O jazz de hoje, na verdade, é mais, muito mais, do que o jazz propriamente dito e sem dúvida alguma que tem esse ascendente para com o rock, se considerarmos este uma «consequência» e não um idioma estranho.

Resta saber se «o lado rock do jazz» contido em «Rootless Cosmopolitans», título recentemente chegado ao mercado alternativo português (via Contraverso) com selo Antilles/Island Records e assinatura de Marc Ribot, é algo que nos elucida apenas sobre uma determinada circunstância tipológica da música ou se, para além disso, nos dá provas de uma metodologia. Entre «Shortly After Takeoff» e «While My Guitar

Gently Weeps» não vai, a bem julgar, uma distância assim tão grande, se tivermos em conta as referências matriciais destes Rootless Cosmopolitans de Ribot no seu trabalho homónimo, designação aliás tirada de um poema de Allen Ginsberg, que se inspirou num dito de Estaline para descrever os «decadentes» americanos.

Don Byron, Anthony Coleman, Melvin Gibbs, Brad Jones, Richie Schwarz, Curtis Fowlkes, Roy Nathanson, Arto Lindsay e o próprio guitarrista que vimos comentando são, já por si, uma boa parte da cena nova-iorquina, e se esta se vem

se na parte rock do jazz, como faz Ribot e outros como ele.

Ou como Eugene Chadbourne, por exemplo, igualmente um guitarrista, e também com um disco acabado de chegar às lojas portuguesas, graças ao programa de importações da pequena mas corajosa Contraverso. «Country Music in the World of Islam» (Fundamental Records) é um objecto situado, precisamente, na facção rock do jazz, no sentido até da sua demasia de elementos: feições *country*, bandas magnéticas com música árabe, humor sarcástico, intervencionismo

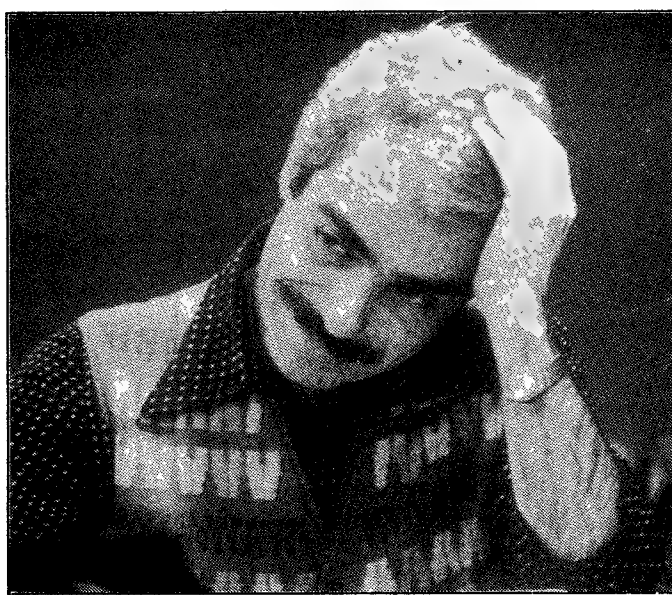
Music From Southeast Australia» ou um «Biker Music From Southeast Cambodia», com companheiros tais como Elliott Sharp, Rick Bishop, Allan Bishop, Charles Goucher, Ben Face e Yamo Kneeme... Pouquíssimos os conhecem, por cá.

É o lado rock do jazz, e o lado jazz das piratarías transculturais da América actual. A fusão, mais uma vez, não tem nada a ver com isto, substituída, enquanto valor e medida, pelo *pastiche*. E no entanto constata-se devidamente o grau de autenticidade destas fórmulas. «One Time Out», outro dos trabalhos recém-comercializados entre nós, um Soul Note introduzido em Portugal pela Dargil que é protagonizado pelo trio de Paul Motian, tem a validade da reinterpretação dos dados com que opera. «If You Could See Me Now», de Tadd Dameron, e «Monk's Mood», de Thelonious Monk, são clássicos do jazz que aqui ganham outras proporções, adequadas à realidade viva da Nova Iorque dos concertos em caves de zonas citadinas «fronteiriças», entre gentes e culturas. Motian com a sua sofisticação percussiva, Joe Lovano enquanto herdeiro das explanações tenorísticas do *rhythm & blues* e Bill Frisell na sua condição de guitarrista-modelo do estilo nova-iorquino, na ala rock do jazz, constituem a paisagem musical de um fenómeno que apesar de tudo ainda está por analisar.

E tanto assim que os críticos não têm sabido muito bem o que dizer a propósito de «Hammer, Anvil, Stirrup», o último de Elliott Sharp executado pelo Soldier String Quartet, sem carimbo visível (edição de autor?), agora importado pela Contraverso.

Técnicas Fibonacci à parte (mas que ocupam um papel central na música de Sharp, já que este outro guitarrista e construtor de instrumentos partilha a noção de que há um igual princípio matemático nas pirâmides egípcias e na arquitectura da Renascença, na molécula de DNA ou nos padrões das pétalas das flores), o que encontramos neste CD? Uma nova música de câmara? Rock *hardcore*? Improvisação pós-jazzística? Tudo isso numa amálgama que nalguns momentos não deixa de nos surpreender, seja pelo virtuosismo como pela loucura intrínseca do quarteto de cordas? Sim, decerto. E não. Ou, simplesmente, Nova Iorque *downtown*..

Rui Eduardo Paes



Morreu o cenógrafo Dalton Salem Asseff

Dalton Salem Asseff, cenógrafo brasileiro radicado em Lisboa desde 1974, morreu no passado dia 5, em São Paulo, onde se encontrava há alguns meses.

Mais do que um excelente colaborador, Dalton foi, ao longo de quase uma década, parte integrante do Grupo Teatro Hoje e elemento fundamental na definição da sua imagem e do seu estilo.

Espectáculos como as trilogias de Joe Orton e de Tennessee Williams e ainda «Lágrimas Amargas de Petra von Kant» de Fassbinder e «O Filho do Ar» de Cocteau-Tchekov-O'Neill (esta que viria a ser a última cenografia que concebeu para o «Teatro Hoje», o ano passado), constituíram, sem dúvida, alguns dos mais brilhantes e significativos momentos dum período particularmente rico da companhia. Em todos eles, Dalton Salem Asseff formou com o encenador Carlos Fernando uma equipa que o público se habituou a identificar com o trabalho produzido no Teatro da Graça.

Nova joalharia catalã no Artefacto 3

No «Artefacto 3» - Tv. da Água da Flor, 3, ao Bairro Alto - inaugura-se terça-feira dia 26 mais uma exposição integrada no projecto de divulgação de joalharia contemporânea portuguesa e estrangeira, com a apresentação de joias da nova geração de artistas catalães.

Maite Vives, Montse Addel, Virginia Belda, Grego Garcia, Angels Arrufat e Francesc Llosa, ex-alunos da Escola Massana de Barcelona, apesar de muito jovens, já afirmaram a sua personalidade, através de exposições efectuadas não só em Espanha como noutros países europeus, tendo o seu trabalho sido reconhecido com diversos prémios internacionais.

Esta exposição, que foi apresentada em Barcelona com o nome «Os Exibicionistas», confirma a atitude dos seus autores perante a joia contemporânea.

A exposição no «Artefacto 3» estará patente ao público até 20 de Julho, de segunda a sexta das 15 às 19 horas.

A fechar a programação para 1990, realizar-se-á em Outubro um a mostra de joalharia contemporânea portuguesa.



caracterizando sobretudo, na zona baixa da metrópole, pelas disposições rock à margem dos circuitos comerciais, convém que se acrescentem que estes mutantes, entre umas colaborações e outras e diversos contextos musicais, acabaram mesmo por dar forma a um estilo com suficiência autónoma e estatuto bastante extrapolado relativamente às vanguardas, tanto do jazz *tout court* como do rock, que lhes estão na imediata origem.

Este disco é, então, como um polaróide circunstancial, demonstrando-nos de modo mais do que razoável que, em termos de procedimento prático, esse «lado rock do jazz» é um mínimo denominador comum: o balanço *bluesy*.

Da Nova Iorque *downtown*, poucos se lembrarão de vaticinar um Cecil Taylor como o símbolo mais ou menos jazz dos *lofts* e dos bares noctívagos com portas abertas para a música. Nem tal função calhará aos Swans, na área do rock. Foi preciso que das ruínas da inovação musical extremista surgissem novos critérios para as perspectivas, de facto, se alterarem.

Nem *free jazz*, nem *punk rock*, mas outra coisa, ainda que seja esse tanto de absurdo que está em alguém afirmar-

político. Chadbourne foi o mentor disso a que se chamou «Shockabilly», termo que diz tudo sobre o colectivo em questão, já desfeito, e o movimento adjacente. A imprensa especializada classifica-o como um «free improvised country & western bebopper», e com a brincadeira se contorna o problema.

Nova-iorquino por adopção (tal como, aliás, a maioria dos nova-iorquinos), este músico que tem por costume misturar materiais estranhos à música nos seus temas, na busca de novos sons e até de ruído puro, é ainda um inventor de instrumentos, fabricando-os ele mesmo. A vocação pelas explorações sonoras levariam a que se contentasse com ser um improvisador radical, como ainda os há neste lado do Atlântico, fiéis aos primados forjados nos anos 60. Passa-se que ele reconquistou o velho gosto pela estrutura e pela métrica: «Quando me encontro agora com improvisadores, a tendência é para tocarmos canções, não nos limitando aos sons. Prefiro a improvisação quando faz parte de um todo», afirmou numa entrevista. É o que acontece, neste volume de uma imaginária «ethnic series» que já teve em anteriores edições um «Country

TRAVASSOS

Venderam no S. João a

TALUDA

25 631 = 70 MILHÕES

(Número certo)

Não tenha embaraços siga os passos dos

TRAVASSOS

e terá dinheiro aos maços!!!

Envia-se jogo para todo o Mundo

Pedidos para:

Apartado 2038 — 1101 LISBOA CODEX

GUARDA-SE SIGILO

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Arte Contemporânea de Moçambique

Para assinalar a passagem do 33º aniversário como livraria, e 4º como galeria de arte, a Barata escolheu algo de diferente

A escolha vem na sequência de um intercâmbio entre a anfitriã e a Horizonte Arte Difusão, empresa responsável em Moçambique pela dinamização das artes plásticas e, de uma maneira geral, da cultura.

Em 1988, uma exposição de Escultura Contemporânea protagonizava na Galeria da Livraria Barata o início dessa actividade, posteriormente retribuída com a divulgação em Moçambique de alguma pintura portuguesa contemporânea, acompanhada de uma significativa Feira do Livro de Arte, de edição nacional.

Na "necessidade de um diálogo Norte-Sul e de especial atenção às culturas periféricas" encontram os responsáveis pela programação da galeria uma justificação que a qualidade dos trabalhos expostos - só por si - dispensa, se tivermos também em conta os problemas com que a população moçambicana se tem vindo a confrontar.

O historiador de arte Paulo Soares afirma que "os anos 80 ficaram marcados por uma fértil e abundante actividade artística, como catarse dos dramas, mitos e aspirações exarcebadas pelo clima de violência e tragédia que a guerra imprime ao país, particularmente desde 1982".

Paradoxalmente ou não, é a partir dessa altura que se "redescobre um novo movimento artístico e começam a surgir com alguma regularidade exposições individuais". Trata-se de um movimento autónomo das exposições colectivas de cariz comemorativo que caracterizaram o período pós-independência, e que possibilitaram aos artistas populares e também aos jovens e artesãos expor, ainda que anonimamente, em pé de igualdade com os artistas já famosos dos anos 70.

De então para cá, não só artistas como Bertina Lopes e - ainda recentemente - Malangatana realizaram exposições retrospectivas e antológicas, como se verifica uma individualização de valores emergentes, daquilo que já se vinha definindo como a arte moçambicana, agora patente na Livraria Barata através dos trabalhos de Samate, Naftal Langa, Shikani e Sansão Cossa.

Como causas directas deste movimento deveremos mencionar a reorganização do Núcleo de Arte, a criação de uma escola de artes visuais e de um Museu Nacional de Arte, bem como a acção das galerias, que vieram a ter um papel preponderante na promoção do trabalho desses artistas, não só em Moçambique como a nível internacional.

A exposição de Arte Contemporânea de Moçambique, que a Horizonte Arte Difusão organizou para a Galeria Barata, permite avaliar não só as novas tendências e recursos técnicos dos que constituem a primeira geração, como, e segundo Paulo Soares, "os que de forma original se lançaram nos anos 80, e que aqui se destacam Govane, Victor Sousa e Maria Senzani".

A presença ainda de Fátima Fernandes e Gilberto Cossa significam para aquele historiador de arte "o despontar de talentos mais recentes, que só vêm reforçar a actual pujança da Arte Contemporânea de Moçambique".

J. F.

ANÚNCIO

FERNANDA MARIA TAVARES, 2.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, certifica para efeitos de publicação, que a fotocópia anexa é a reprodução integral da inscrição da nomeação da direcção e conselho fiscal da «Cooperativa de Habitação Económica Tecto, C.R.L.» com sede em Lisboa, na Rua professor Luís Reis Santos, n.º 5.

AP. 17/900529 — Nomeação de Direcção e Conselho Fiscal, em 900331; Direcção: Presidente: Emanuel Jorge Marques Santos, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 2.º A, Lisboa; Secretário: Manuel Gabriel Mota Cordeiro, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 7, 2.º B, Lisboa; Tesoureiro: João Manuel Correia Martins, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 2.º B, Lisboa; Vogal: Mário Plácido Miranda Garcia, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 2.º D, Lisboa; Vogal: Orlando Gaspar Serrenho, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 2.º E, Lisboa; Suplente: Eduardo Manuel Silva Pereira, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 7, 1.º F, Lisboa; Suplente: José Manuel Lopes Teixeira, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 1.º B, Lisboa; Suplente: Oscar Luís Batista Costa, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5, 3.º G, Lisboa; Conselho Fiscal: Presidente: Eduardo Jorge Leal Silva, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 9, 2.º G, Lisboa; Vogal: Artur Oliveira Lopes, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 9, 2.º F, Lisboa; Vogal: Joaquim Gomes Veríssimo, casado, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 3, 1.º F, Lisboa; Período: 2 anos. ART.º 54 N.º 2.

A presente certidão compõe-se de 3 folhas.

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 1.ª Secção.

Em 6 de Junho de 1990.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Maria Tavares.

«DL» — 25/6/90

Organizada pelo Ministério da Cultura do Brasil, para inaugurar um novo Centro Cultural no Palácio Gustavo Capanema, à exposição de pintura e desenho de Júlio Pomar - agora reposta na Gulbenkian - junta-se a réplica do painel de azulejos que integra o Gran'Circo-Lar de Brasília

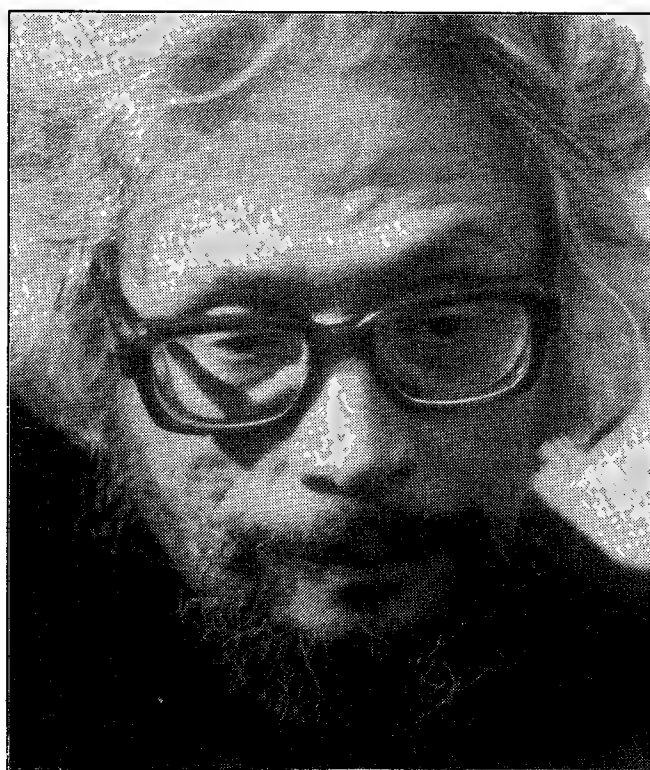
Os índios de Pomar

Sob o título genérico «Pomar/Brasil», esta exposição de certo modo itinerante reúne a quase totalidade da produção do pintor desde a sua retrospectiva (1986) em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, e um ano depois apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian.

Numa e noutra os organizadores contaram com a colaboração do Centro de Arte Moderna, sendo aliás comissariadas pelo seu director, o arquitecto Sommer Ribeiro, também autor do catálogo.

Antecedentes

Júlio Pomar visitou pela primeira vez o Brasil integrado na representação portuguesa para a «18ª Bienal de São Paulo» (1985), muito embora já tivesse participado nas suas edições de 1953 e 1976. Foi na sequência daquela visita que surgiu o convite para a retrospectiva nos museus de Arte de Brasília, de São Paulo e de Arte Moderna do Rio de Janeiro/Paço Imperial. No ano seguinte, a convite do então governador José Aparecido de Oliveira (a quem se deve a iniciativa desta exposição) realizou a decoração mural em azulejos para o Gran'Circo-Lar de Brasília, tendo exposto os desenhos preparatórios deste trabalho nas galerias Paulo Figueiredo (Brasília e São Paulo) e Ana Maria Niemeyer, no Rio de Janeiro.



Júlio Pomar

Estes mesmos desenhos foram editados pela Galeria 111 no álbum. «Pomar - os desenhos do Circo de Brasília», com texto de Paulo Herkenhoff, director do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano (1987) Pomar assistiu às festas populares do Divino em Pirenópolis. Essa experiência determinou o regresso ao Brasil (1988) do pintor de «Os Tigres», permanecendo dois

meses no planalto do Xingú, Mato Grosso.

Quatro andamentos

A exposição é composta por quatro núcleos. O primeiro inclui alguns dos desenhos preparatórios da decoração em azulejo do Gran'Circo-Lar, bem como a réplica desse trabalho em azulejos executados pela Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. Vária documentação fotográfica, de inegável in-

teresse para a compreensão de uma disciplina que Pomar tem vindo a perseguir com maior pertinência (estações de metro, por exemplo), completam este núcleo.

Do segundo, fazem parte 15 pinturas da série denominada «Os Mascarados de Pirenópolis» (1987/88), tendo por tema as referidas festas do Divino naquela cidade do estado de Goiás. Esta série foi pela primeira vez exposta na Feira de Arte Contemporânea de Madrid (ARCO'88) e posteriormente na Galeria 111. Refira-se ainda que é com esta apresentação individual naquele certame que se passará a definir a estratégia da 111 relativamente à ARCO.

O terceiro núcleo constitui uma selecção de desenhos a esferográfica dos cadernos que Pomar utilizou durante os dois meses em que permaneceu entre os índios da reserva do Alto Xingú, em 1988, por ocasião da rodagem do filme «Kuarup», de Ruy Guerra. O último conjunto de trabalhos - também inédito - reúne dez pinturas da série «Xingú», duas delas realizadas durante a estadia nesse microcosmos e as restantes realizadas já em Lisboa e Paris. Recorde-se que foi com sete outros quadros desta série que a Galeria 111 participou - com êxito - na ARCO deste ano, em Madrid.

Jorge Fallorca

Concerto dos Madredeus provocou grande corropio ontem no Tivoli
Ainda há pessoas...

No tema "O Ladrão" os Madredeus dizem que já não há pessoas. Fazem a negação da sua existência, e no entanto se este grupo existe é precisamente porque ainda há aldeias. E essa a razão por que o público aplaudiu de pé o quinteto, enchendo completamente o Cinema Tivoli. O concerto de ontem não terá tido basicamente nada de novo. Quase todos os temas são conhecidos, quer sejam do primeiro trabalho discográfico ou do último - "Existir". As fífiás do Pedro Aires, que todos ouviram, tornaram-se no cinema da Avenida tão insignificantes quanto das outras vezes acontecidas.

Não se pretende aqui fazer a apologia da má qualidade de execução suplantada pela alma da interpretação. Nada disso. O importante é que todos esses conceitos estabelecidos deixam de fazer sentido porque o que passa a contar é o sentimento comum.



Helena Aleixo

Madrdeus: a voz da portugalidade

De quem faz com quem ouve. E aí não há nada nem ninguém que impeça o momento mágico da portugalidade que nos é comum. Não tem a ver (pelo menos para mim), com nacionalismos ou patriotismos construídos sobre exaltações de feitos, que hoje nos merecem admiração e respeito mas pouco são com-

parados com batalhas bem mais urgentes, como por exemplo a de uma inflação agora reconhecida publicamente. Tem a ver, isso sim, com o que desde sempre faz parte da nossa identidade. Os cheiros, os gostos e os sons da gente portuguesa.

É por isso que a emoção e as lágrimas estão sempre pre-

sentes quando se ouve Madredeus. É por isso também, que ainda há pessoas. Independentemente da consciência que todos temos de que a pior coisa do mundo é «sermos enganados!» «Ai/Mas onde é que estão/as aldeias todas/Não veio o ladrão/Já não há pessoas.» Mentira! Maria José Belo Marques

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Cartier-Bresson, a fotografia é estupro

Paris- De onde é que ele saiu? Há um centésimo de segundo não estava debaixo das arcadas da Rue de Rivoli. A sua cara de anjo anglosaxão irradiava uma mistura de ironia e bom humor: «è a surpresa que conta na fotografia.» Não é uma das suas máximas? Devia estar à espera disso: Henri Cartier-Bresson não entra em cena. Aparece. Leve como uma sombra.

Veste um blusão e tem uma pequena mochila às costas. Um lenço atado ao pescoço tem um não sei quê de malicioso. Oitenta e dois anos? Não é que os esconda, é que não existem. Um bocado como aconteceu a Faust. «Acompanhe-me até ao atelier», diz. E parte com passada veloz e desenvolta. A passada ampla de Cartier-Bresson. A mesma com que deu a volta e fotografou, com a sua Leica, o «deserto dos homens».

-O que tem nessa mochila? grito atrás dele.

«As poesias da minha mulher. Você quer saber se eu trago a Leica. Para fotografar é preciso tê-la à mão e depois é preciso concentrar-se. Às vezes digo a mim mesmo: olha que linda fotografia é já demasiado tarde.»

Lembro-me de ter lido que a primeira mulher de Cartier-Bresson chamava-se Ratna e que tinha nascido na Ilha de Java. Eram os anos trinta. Ratna e o jovem fotógrafo militavam juntos pela independência da Indonésia.

Agora, as poesias de Ratna, que foram muito apreciadas por Paulhan e Michaud, foram recolhidas num livro que Henri comentou. Deve ter sido Ratna a semear na sua alma as sementes filosóficas do Oriente. E talvez as sementes do infinito.

Os tempos longínquos da Magnum

Vinham ainda longe os tempos da agência Magnum, fundada em 1937, com Seymour, Capa e Rodger para não serem «mercenários». Capa morreu com a explosão de uma mina. Seymour com uma rajada de metralhadora.

Aqui estamos, à frente de cinco andares a subir a pé. A escada é estreita e em caracol. «Você assusta-me» digo. «Tolices», responde claramente sem qualquer sinal de fadiga na voz. Não se deve falar de fotografia com Cartier-Bresson.

Não se lhe deve lembrar que ele é o mais célebre fotógrafo do nosso tempo. Apenas se deve falar dos seus desenhos e, depois, se ele tiver vontade de dizer alguma coisa, muito melhor.

Entramos no atelier. Cavalotes, lápis, canetas, algumas lembranças dos seus amigos pintores, nem um desenho porque estão todos - com uma selecção de fotografias - numa exposição na Villa Medici em Roma. O atelier é um lugar

anónimo. Faz-me lembrar a casa de Samuel Beckett: nada havia que exprimisse o seu génio. Cartier-Bresson faz uma careta de repugnância ao ver o gravador. «Encontrei esta passagem do 'Aurore' de Nietzsche enquanto lia numa viagem de metro», diz. «Leia aqui, em voz alta, aforismo 67.»

Que vantagem - leio - poder falar aos homens sem se ser conhecido. Os deuses tiram-nos metade da nossa virtude quando nos arrancam do anonimato e nos tornam célebres.

Tira-me Nietzsche da mão e diz: «Ser conhecido é uma forma de poder. Odeio o poder porque sou um libertário. Porque é que temos de falar de Cartier-Bresson? Estou-me nas tintas para ele. Cartier-Bresson fotógrafo

fotografia deve ser uma aventura. O editor Tériade, que conhecia desde 1934, era o meu guru. Éramos amigos. E havia o Giacometti, Chagall e Matisse. Um dia, Tériade disse-me: No passado, encorajei-te a tirar fotografias; hoje, já disseste tudo aquilo que podias dizer, volta à tua verdadeira paixão, volta para a pintura.

De resto é sempre preciso voltar a pôr-se em discussão, senão o célebre fotógrafo pode morrer da sua própria celebridade, como disse uma vez a Philippe Boegner. Desde então usei muito pouco a Leica.

Estávamos em 1970. A fotografia, quando eu comecei, era algo de diferente. Eu estava marcado pelo surrealismo. Tinha Breton como amigo. A fotografia era de-

«Claro, nunca se sabe. Eu nunca jurei... Ouça, três coisas tiveram realmente igual importância na minha vida: pintura e desenho, a fotografia e o cinema. Fui assistente de Renoir, mas sabia que não me poderia tornar um realizador, não tinha imaginação literária. Posso escrever um postal, mas sou incapaz de escrever um romance. A magia da fotografia reside na sua possibilidade de concretizar tudo.»

- É possível colher a alma de uma personagem «disparando» uma fotografia?

«A fotografia é uma espécie de estupro. Apropriamo-nos de algo. Há terras onde as pessoas não querem ser fotografadas. Esta atitude deve ser respeitada. Eu continuo a tirar retratos. Uma coisa que ainda me apaixona. Para as reportagens tem de realmente calhar... Mas as reportagens saem-me mal porque não consigo concentrar-me. O desenho chama-me. É a minha vida há vinte anos. Não como disciplina, mas como alegria. Passo os meus dias a olhar. Há pouca gente a olhar. Estou-me a referir ao olhar que pesa. Quando as pessoas pensam é uma loucura. O primado da inteligência. Amava o meu gato que morreu há algum tempo. O seu modo de pen-

sar apaixonava-me. Manifestava-se pondo-se, de manhã, entre as minhas pernas e as da minha mulher. Fiz muitos desenhos do meu gato. Mas o meu desenho nunca foi bem conseguido.»

- Você é aquele que vê, mas não quer ser visto. Descrevem-no como um libertário, um «revoltoso». Em 1936 estava próximo do partido comunista.

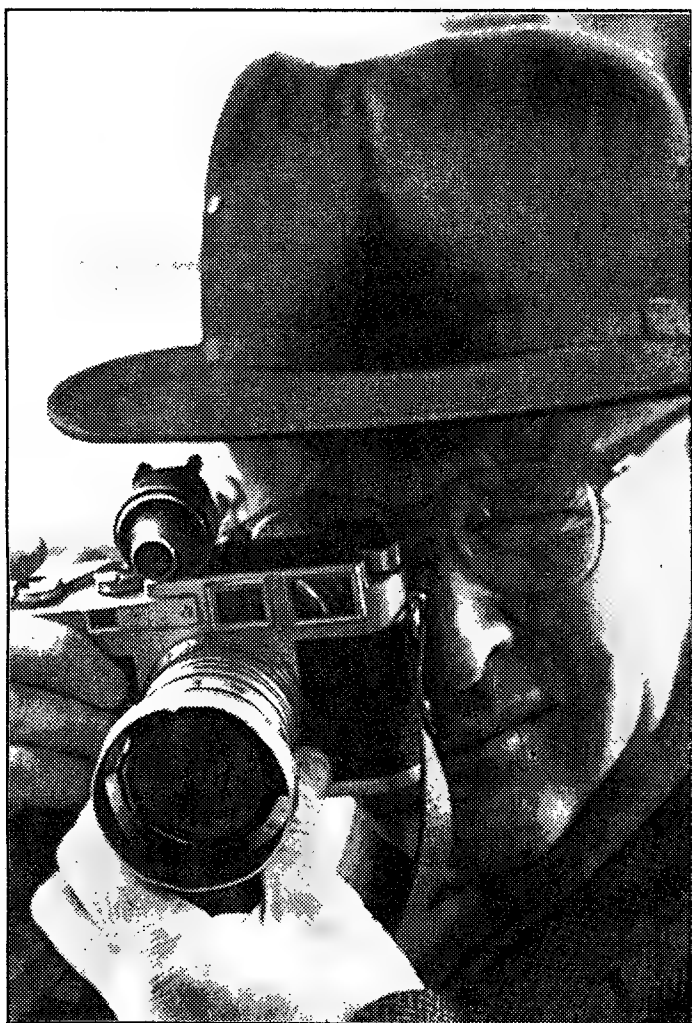
«A minha mulher diz que faço parte de uma seita extremamente rara: a dos budistas inquietos. Quanto ao PCF, é preciso ver a época. Havia Hitler, Franco, Mussolini. Porém, quero dizer-lhe que a Revolução Russa foi maravilhosa até Kronstadt. A revolta de 1921 reprimida por Trotskij. Tudo parou em Kronstadt. Depois, como todos os intelectuais, rocei o PCF em 1936. Não sou um revolucionário. Ser um homem em revolta é muito diferente. É a tensão, é a própria vida. É por isso que sou um libertário: normalmente tudo começa muito bem e depois acaba muito mal. Pense na Longa Marcha. Um acontecimento extraordinário. E veja o que acontece agora em Pequim. E a Revolução Francesa? Espendido princípio. Tinha que parar na Declaração dos

Direitos do Homem. Havia até o direitos dos animais. Por essa razão voto nos ecologistas. São os únicos que falam no futuro do mundo.»

- O vento libertário de Leste? «Dá-me alegria e ao mesmo tempo angustia-me. O que vai acontecer? O que vai dar o Ocidente? A sociedade dos consumos dará os seus diâmetros e os seus preços. E ao mesmo tempo a diferença entre os países pobres e os países ricos tornar-se-á cada vez maior. Pense na África. Somos nós os responsáveis. Pense nas nossas leis sobre inserção social. A primeira vista são óptimas, mas cavam um fosso cada vez mais profundo entre os jovens quadros e os outros jovens. Tem de os observar, os jovens lobos, nos placards publicitários. Veja os seus longos dentes. Têm a informática no lugar do coração e do cérebro. Onde está o ser humano em tudo isso? Apesar disso ainda há o amor, a amizade e a poesia. Até ao último instante confiarei muito no homem e nada na sociedade. Isso não se deve dizer às crianças porque horrível.»

Ulderico Munzi
Corriere della Sera/«DL»

Trad: Alessandra Balsamo



Henri Cartier-Bresson: 82 anos que não existem

ou Cartier-Bresson desenhador? O desenho e a fotografia, para mim, são a mesma coisa: uma alegria visual. Apenas os instrumentos são diferentes e devem ser respeitados. A máquina fotográfica deve colher o instante que não voltará a repetir-se. Isso torna-me muito nervoso, como uma truta que fita uma mosca num torrente. O desenho, pelo contrário, é meditação.»

Uma pausa e depois um sorriso amavelmente sarcástico: «Você vai querer perguntar-me porque me consagrei ao desenho a partir de 1973. Como desenhador sou um jovem: tenho apenas dezassete anos. A fotografia correspondia a um aspecto da minha identidade. A do aventureiro. Herdei-o, talvez, dos meus antepassados. A

senho intuitivo. Adorava adivinhar e depois disparar.»

Os vocabulário da morte

O artista interrompe-se: «Você deveria perguntar-me porque digo disparar em vez de fotografar ou tirar fotografias. Todo o vocabulário da fotografia é prisioneiro de termos que lembram a morte: fixador, câmara escura, obturador.

Prefiro a palavra tiro. Expressa a própria ideia da fotografia. Braque tinha-me oferecido um livro de Hérigél: o Zen na arte do tiro com arco. Eu acredito, como dizia Breton no *hasard objectif*. Não se deve reflectir, o esforço cerebral é muito perigoso para uma fotografia.»

-Naquela mochila ainda há lugar para a Leica?



ORQUESTRA DO PORTO

Aula Magna

27 de Junho (4.ª feira) 21.30 horas

Maestro

Jan Latham-Koenig

Trio

Golub/Kaplan/Carr

(Piano, Violino e Violoncelo)

R. Vaughan Williams — *Fantasia sobre um tema de Thomas Tallis*

L. v. Beethoven — *Concerto para Piano, Violino e Violoncelo em Dó Maior op. 56 (Tripla)*

L. v. Beethoven — *Sinfonia n.º 8 em Fá Maior, op. 80*

Para o Concerto de Lisboa

Bilhetes à venda na Secretaria de Estado da Cultura — Av. da República, 16, Agências de espectáculos. No dia do concerto estão à venda a partir das 14 horas no local do concerto

Preços: Doutorais-1500\$00, 1.º Anf.-1000\$00, e 2.º Anf.-750\$00

Descostos de 60% p/jovens até 18 anos ou portadores de Cartão Jovem e p/todas as pessoas a partir dos 60 anos de idade nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro. Os alunos das Escolas de Música terão direito a desconto de 80% também nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro.

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Brasil e Holanda: as quedas anunciadas

Agora, apressadamente, sem dar tempo a ganhar fôlego para emendar o pé, a mão ou a cabeça, continua o desmanchar da feira. No *roda-bota fora*, como nos nossos tempos de trapeira, quem perde vai logo à vida.

O 2.º patamar de esforço deste Mundial atirou pela janela dois resistentes sul-americanos: Colômbia (do hilariante e destrambelhado Higuaita, pagando na pele aquele louco raide que o velho senhor Roger Milla aproveitou com toda a sagacidade), Costa Rica (incapaz de resistir à terrível pontaria de Skuhravy, comandante do lote de goleadores, grande vedeta vinda de Leste para animar as hostes dizimadas pelo fracasso soviético). Mas, ao dia C (jogaram Camarões, Colômbia, Checoslováquia e Costa Rica) sucedeu-se a quase abissal do Brasil e o claro inebriamento holandês.

Os contestatários alunos de Lazaroni reparando agora que

não têm no exército um general que prolonge Pelé, tão pouco que minimamente se equipare a Didi ou Garrincha, Tostão ou Vavá, Gerson ou Zico, Rivelino ou Jairzinho, ao soberano comandante Carlos Alberto ou a essa laboriosa formiguinha que foi Mário Zagalo, já para não falar em Paulo Falcão ou Sócrates, Júnior ou Toninho Cerezo, gente que ficava léguas-luz adiante de Jorginhos e alguma companhia limitada, realmente pouco aptos a ripostarem com aproximado talento à arte e habilidade de Burruchaga, Basualdo ou Monzon, porque Diego Armando Maradona é de outra galáxia e não admite paralelos e já moram na bancada os dois que lhe podiam dividir o ceptro: os senhores Eusébio da Silva Ferreira e Edson Arantes do Nascimento.

Aliás, o futebol brasileiro, exportando para a Europa centenas de praticantes de to-

das as craveiras, feitos e artes obriga a um longo, dilatadíssimo e cuidado trabalho de prospecção para poder apresentar-se em terreiro com a pequena certeza de que o *escrete canarinho* que sai à liça é espelho da autêntica validade do futebol do país do samba, do Carnaval, da cachaça e, neste instante, de acumuladas e desesperadas lágrimas pelo murro no estômago recebido em Itália.

Receita falhada

Sebastião Lazaroni cometeu erros? Vários, muitos e em quantidade. Pouco actualizado com o moderno futebol que conjuga poder atlético com exímio toque de bola, o seleccionador brasileiro limitou-se a pescar em diversos clubes os artistas mais salientes, juntá-los em semaninha de sombra e água fresca, colocar (infalivelmente) um

homem a «trinco», nem que tivesse de jogar com a 2.ª reserva do Gulpilhães ou do Freamunde, quatro homens em linha na defensiva (ordem para apenas o benfiquista Ricardo ou o ex-leão homônimo irem lá adiante recolher um *canto* ou um livre), espinha média estática e atiradores sem qualquer calibragem para acompanharem Careca, o único resistente, sempre esperando que caíssem do céu Bebeto ou Renato Portaluppi (os mais à mão de semear) para não falar em Romário, que (pelo que se conhece) não é muito querido pelos colegas da camisola amarela mas, ao serviço dos holandeses do PSV, marca golos que se farta.

Vendo bem, o descalabro da selecção brasileira não foi apenas provocado em Itália: teve origem mais remota, quando desde o Rio de Janeiro a São Paulo, da Baía ao Rio Grande do Sul a generalidade da Imprensa vergastava Lazaroni e antigas estrelas também o não poupavam ao chicote.

Em fins de Abril, dizia Elso, o *volante* que esteve no Benfica e alinha agora no Palmeiras:

— Sou melhor do que Dunga, pois levo a vantagem de desarmar, fazer lançamentos e ajudar o ataque. Em 86, no México, saí como reserva e acabei como o maior destaque da equipa. Só não fui convocado desta vez porque nasci em Minas Gerais e jogo em São Paulo...

Rivelino, que venceu o Mundial de 70, foi cáustico. Ainda em Maio, afirmou:

— Com esta equipa, Lazaroni mostrou que vive em pânico, que tem um horrível medo de perder. Por isso bota defesas por atacado!

Falcão, médio dos Mundiais de 82 e 86, desancou-o fartamente:

— Não se pode recorrer a um jogador de uma única característica, para servir de modelo: com é Dunga no desarme ou Careca pela habilidade. Em seus lugares, há jogadores-ideias que Lazaroni desconheceu.

Tostão comentou a falta de um jogador mais talentoso a meio-campo, Zagalo não se privou de bater uma tecla: «O futebol brasileiro carece hoje de jogadores fora-de-série. Temos de rapidamente nos compenetrar disso e converter o país à nova realidade.» Valdir Espinosa (treinador do Internacional de Porto Alegre e antecessor de Lazaroni) pôs o dedo na ferida: «No futebol-

força os europeus são insuperáveis, porque sempre se alimentaram bem e têm a disciplina a que o brasileiro não obedece. Ora, como a Argentina apresentou no México (86) um jogo de tanta força como o europeu, mas tinha e continua a ter um génio chamado Maradona, não vamos chegar ao título em Itália...

Foi isso mesmo: o futebol-energia, atlético e galopante dos campeões argentinos veio mais uma vez pôr em equação a validade de brasileiros que se adornam e requintam com requiebras e filigranas mas são incapazes de um endosse certo para 30 metros, de romperem uma barreira defensiva razoavelmente organizada, de terem pernas para evitar aquele permanente susto chamado Jorginho, que só por bondade Jorgina alinha no medianeiro Bayer Leverkusen, na fatia do Campeonato germânico onde o título passa à distância.

Sebastião Barroso Lazaroni, mineiro de nascimento é teimoso: mas foi totalmente virado do avesso, a partir do instante em que o genro de Havellange (o federativo Ricardo Teixeira) o mandou dar *sopa nos petrodólares da Arábia Saudita* e, em Janeiro do ano passado, vir tomar conta do *escrete*. Claro que, a partir daí, pode (ou deve...) ter ficado permeável às escolhas dos patrões: e, sucessivamente, foi deixando de fora Washington, Roberto Gaúcho, Batista, André Cruz, Eduardo Uldemar, Zé do Carmo, Geovani, Toninho, Vivinho, Zinho, João Paulo, Cristóvão, Marcelo, Mazinho, Nelsinho, Paulo Roberto, Tita, Baltazar, Josimar, uma vasta legião a que pode unir-se o fraco aproveitamento de Silas e Bebeto, o claro esquecimento de Aldair e o sinal negro que traçou Romário, quando alguns colegas ficaram invejosos dos seus lucros no futebol holandês e entenderam que ele não tinha treinado o suficiente para provar que estava totalmente recuperado da fractura da perna direita.

No caso de Aldair, o defesa do Benfica está em brasa: não apenas lesaram o clube português em muitas dezenas de milhar de contos em eventual transferência como o interesse do Roma pelo seu concurso esfriou muito a partir do instante em que o rapaz nem sequer constava no bloco de 16 que vestia camisola e calça botas nos jogos do Brasil. Lazaroni, já com contrato firmado com a Fiorentina, preferiu validar o antigo sportinguista Ricardo Rocha, avançar com

ele para o novo patrão e, logo ali, arranjar aliado até ordens dentro da nova entidade patronal. Só quem não conhece os meandros do futebol de alta competição é que pode ficar cismando na razão de abstinência em relação a Aldair, o homem que tinha entregue a sua propaganda a Eriksson e os seus destinos ao empresário Manuel Barbosa que, certamente, se esqueceu de, a tempo e horas, conversar suficientemente bem (\$\$\$) com quem podia valorizar a sua mercado-ria...

Enfim: se a selecção brasileira foi uma manta de retalhos mal urdida, congestionada intestinalmente, o mesmo aconteceu com a Holanda, desde o 1.º minuto sabendo-se que os jogadores queriam Cruyff como técnico e zombavam de Leo Beenhakker mesmo na sua cara, não respeitando os seus planos táticos, cada qual julgando-se mais vedeta que o colega do lado, os mosqueteiros do Milão sempre imaginando-se em céu diferente dos mortais terrenos. O gesto de Reijkaard na noite de ontem, cuspiendo na cara do alemão Voeller, foi a gota que ultrapassou o conteúdo do copo: os *laranjas* (outrora mecânicos) sempre foram de mau perder. E, laranja ao cair do dia já não é ouro ou prata. Pesa como chumbo: e a Holanda chumbou perante quantos ficaram de cara fechada ao verem como também os reis podem, na hora de andarem para a guilhotina, enfiar a coroa no saco e ficarem apenas mortais comuns.

MARCADORES

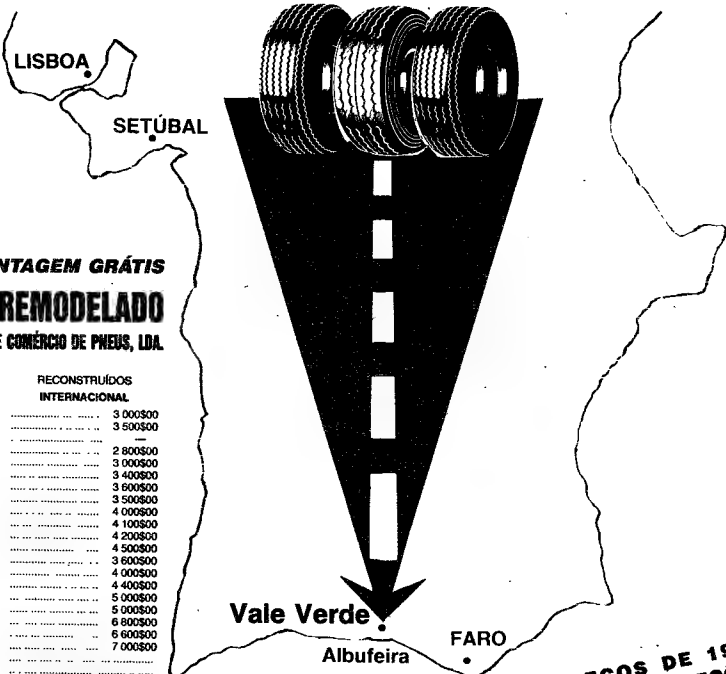
Checo lidera o grupo

Nos 40 jogos já realizados, foram marcados 94 golos, (média de 2,35) cabendo ao checoslovaco Tomas Skuhravy a liderança com cinco remates perfeitos. Com quatro tentos, encontram-se o espanhol Michel e camaronês Milla e com três, os germânicos Klinsmann e Matthäus e Voeller. Seguem-se com dois golos: Balint (Roménia), Bilek (Checoslováquia), Careca (Brasil), Jozic (Jugoslávia), Lacatus (Roménia), Muller (Brasil), Pancev (Jugoslávia), Redin (Colômbia) e Schillaci (Itália).

Com um golo marcado surge uma lista de 54 elementos.

AGORA TAMBÉM NO ALGARVE

PNEU RECONSTRUÍDO



MONTAGEM GRÁTIS
PNEU REMODELADO
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

PNEUS NOVOS		RECONSTRUÍDOS	
NACIONAIS		INTERNACIONAL	
145x10	3 900\$00		3 300\$00
155x12	4 600\$00		3 000\$00
175x12	5 800\$00		2 800\$00
185x13	3 900\$00		3 000\$00
195x13	4 600\$00		3 400\$00
205x13	5 000\$00		3 400\$00
215x13	5 500\$00		3 600\$00
225x13	5 200\$00		3 500\$00
235x13	5 600\$00		3 500\$00
245x13	5 900\$00		4 100\$00
255x70x13	6 400\$00		4 200\$00
265x70x13	7 000\$00		4 500\$00
275x70x13	5 000\$00		3 600\$00
285x14	6 000\$00		4 000\$00
295x14	6 500\$00		4 400\$00
305x14	7 000\$00		4 800\$00
315x14	8 500\$00		5 000\$00
325x14	8 500\$00		6 800\$00
335x14	11 000\$00		5 000\$00
345x14	12 000\$00		6 800\$00
350x14x10PR	10 288\$00		6 800\$00
350x14x10PR	11 994\$00		7 000\$00
370x16	13 318\$00		
205x16	12 400\$00		

MUNDIAL



Golo alemão: Klinsman esfusiente, Van Brekelen abatido

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política.

São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Não há direito!

É por estas e por outras que não gramo nada ver jogos de futebol! Está um cidadão sentado durante uma bela tarde de domingo em frente de um televisor, a entusiasmar-se a sério com o desenrolar do jogo, a torcer o mais que as circunstâncias lho permitam pela equipa canarinha desse PA-LÓP (país americano de língua oficial portuguesa) que é o Brasil dos nossos amores e telenovelas, a gritar de vez em quando prá família «ninguém agarra o Brasil», como dizia o Kubitschek, e quando faltam nove misérrimos minutos para a hora e meia de jogo, lá vem o Dieguito das mãos de fada, fazer das suas, avançando de meio campo uma jogatana individual, aguentando o encosto de um canarinho, para depois passar a esferinha ao louraço Camigia que a chuta ao Taffarel para logo de seguida a enfiar no arco e bater no fundo, no «véu da noiva», como diria o Neves de Sousa, marcando o golo solitário do tango contra o samba.

Não há direito! Isto devia ser proibido! Então o «nosso» Brasil ali representado em Turim em azul e amarelo vai perder um jogo decisivo depois de dominar durante 81 minutos a partida em belas jogadas ofensivas de grande versatilidade e imaginação? E ainda garante o Jair no seu samba, se não erro, que o Brasil «é um país tropical abençoado por Deus! Uma ova! Com tantas oportunidades de enfiar meia dúzia de golos no arco do Goicochea que lhe desse o conforto e a alegria de uma vitória histórica, saltam fora da carroça nos oitavos de final e regressam ao Rio de ore-lha murcha (as imagens finais colhidas pelo operador de câmara após o jogo mostravam o abatimento profundo que grassava nas hostes de apoio, dos mais velhos aos brotos, que rofiam, desesperadas, todas as unhas), enquanto a equipa do Bilardo, que se meteu sempre nas encolhas, faz três remates à baliza, e mete golo ao terceiro, com grande limpeza e mérito,

digam-se em abono da verdade.

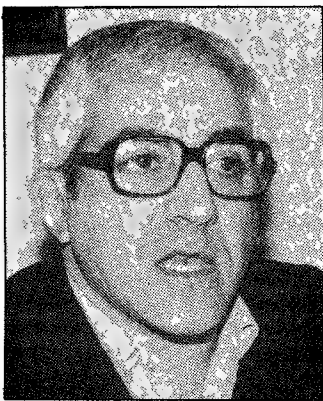
Em jogo bem jogado, duro e viril, com algumas «picardias», como diria o Alves dos Santos (e continuo a citar os clássicos), que levaram à expulsão do Rudi Völler e do Rijkard logo na 1.ª parte, vimos mais tarde as equipas da RFA e da Holanda. Com esta, aconteceu coisa semelhante à da equipa dos nossos primos: montanhas de oportunidades de golo em ambas as partes e o Gullit e o Van Basten a não acertarem no alvo nem por decreto. Mas com a diferença de que a equipa dos tedescos não é pera doce e o rapaz Klinsmann tem ganância de bola maior do que a do Futre.

Estas sensações frustrantes, de se ficar com um nó na garganta quando vemos a equipa da nossa aposta ou coração a ganhar só moralmente, não são novas para mim. Embora nunca tenha pago um tuste para ir ver um jogo de futebol e jamais me prenda a um televisor para gastar hora e meia do meu tempo a ver a transmissão de jogos em directo ou em diferido quaisquer que eles sejam (e nisso tem a família uma sorte monstra, pois pode assim apreciar outros programas, o que não aconteceria se eu fizesse exigências incontornáveis de aficionado), recordo com saudade as minhas actividades de treinador e «manager» da equipa do pelotão que comandava na minha primeira comissão em Angola, em 61-63, durante a guerra colonial a que em boa hora pusemos fim.

Não tínhamos muito por onde escolher, em termos de «prata da casa» e ali não havia possibilidade e muito menos interesse em reforçar a equipa com elementos vindos de fora. Criámos orgulhosamente a nossa equipa, a que demos o nome honroso e raro dos Palancas Negras, escolhida entre os 40 e poucos que constituíam o pelotão destacado da companhia independente. Consegui comprar camisolas, calções, meias pretas e botas

para todos, com emblemas da palanca negra no peito e nos vivos brancos para dar contraste. Comprei ou mandei comprar em Luanda um manual do treinador que ainda tenho praí guardado em qualquer baú de recordações. Lembro-me até que tinha capa em azul e amarelo, como as cores do equipamento brasileiro. E de manual em punho, ministrei a preparação física e tracei as táticas de jogo aconselhadas, durante meses, nos intervalos das patrulhas e das operações de normalização, no excelente campo pelado da povoação de oito casas em que estávamos aquartelados. Só que, depois de tanta preparação e disciplina na organização da equipa, os resultados alcançados eram sempre um desastre. A equipa jogava «muito bem», demonstrava excelente preparação e tática, mas lá marcar golos é que tá quieto. Ganhámos sempre moralmente às equipas dos outros pelotões da nossa companhia ou a outros que visitávamos de outras companhias. E tive sempre de chegar à conclusão óbvia de que sem ovos não é possível fazer as omoletas. Faltava-nos quem chutasse à baliza, pronto!

Mas tudo isso era giro, mesmo as derrotas sucessivas, porque, além da diversão, havia o saudável gozo da competição e o «amor à camisola». Tal como

Otelio Saraiva de Carvalho
Tenente-Coronel

eu conheci quando era miúdo e conhecia de cor e saltado os nomes de todos os jogadores que constituíam as equipas da 1.ª Divisão. Era fácil. Pois se eles nunca mudavam de clube e desde que entravam até à festa de homenagem, tinham sempre com eles em campo a sua camisola, com o mesmo número e a mesma cor!

Hoje, a diferença é abismal! Do futebol-desporto passou-se ao futebol-indústria, ao negócio de milhões para valorização e lucro do espectáculo, pagando-se fabulosas quantias por transferências e colocando-se os artistas da bola na posição dos técnicos ou gestores que aceitam ir trabalhar para empresa que mais lhes pague e que melhores condições lhes ofereça, já que é de curta duração a capacidade física dos que fazem do futebol sua profissão e destino. E se pensarmos que à custa do talento desses artistas do chute há os tubarões que ganham posições políticas e sociais consideráveis a troco de um investimento financeiro que se lhes afigura rentável (e é com certeza, pois senão não haveria sempre tanto capitalista ávido de se candidatar e ser eleito grande patrão de um clube de nomeada), mais desiludidos ficamos com a situação de permanentes escândalos, tortuosas corrupções e «guerras» públicas que no vasto campo do futebol constantemente se vão verificando e nos afastando do interesse antigo pelo chamado, pelos entusiastas, desporto-rei. Mas é desgostoso verificar como o zé pagode, para quem «Fátima, Futebol e Fado» constituía a trilogia fundamental para melhor suporte de existência durante 48 anos de regime salazarista, engrena hoje no mesmo sistema e é capaz de esportular maquia choruda em cada fim-de-semana só para ver o «seu» (!) clube jogar em campeonato.

No meio de tudo isto, já estou como o Reis: ao menos, neste Mundial que ganhem os Camarões!

Rescaldo de Turim

Depressão no Brasil euforia nas pampas

Os brasileiros entraram num estado de depressão colectiva, depois da eliminação do «escrete canarinho» do Mundial ao perder nos oitavos de final com a Argentina, actual campeã do mundo por 1-0.

«Não posso aceitar isto, não posso aceitar isto» — repetia, continuamente, em plena avenida paulista, a mais movimentada de São Paulo, um adepto brasileiro frente às câmaras da televisão Manchete.

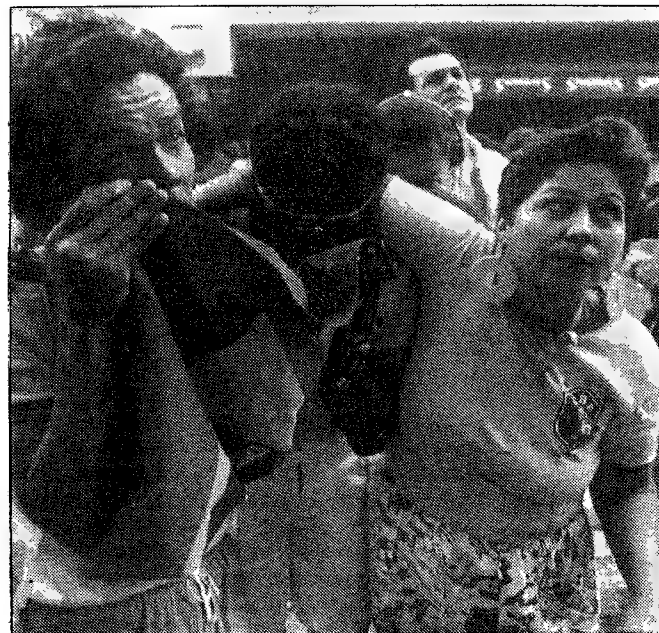
Três camiões com um poderoso equipamento de som estavam à mão para ajudar a pestear o aguardado carnaval, mas nenhum acorde musical saiu dos seus altifalantes.

Em vez da festa que se desejava, as câmaras de televisão mostraram um êxodo silencioso da zona por parte dos adeptos brasileiros, muitos deles a chorar convulsivamente, numa depressão quase geral, em contraste com as cores alegres dos seus trajes.

O Brasil, que perseguia em Itália o quarto título mundial, ganhou o grupo C da fase preliminar, apenas com vitórias, apesar de escassas, e a Argentina conseguiu o apuramento por «repescagem» pelo que ninguém esperava um desaire do escreve no jogo de Turim. Contudo, a Argentina, batida no jogo inaugural pelos Camarões por 1-0, surpreendeu, contra todas as expectativas, o Brasil, com um golo de Claudio Caniggia, a 10 minutos do final do jogo, o que, além de tristes, deixou furiosos parte dos adeptos brasileiros.

«Agora vou torcer pelos Camarões. Eles têm uma equipa muito melhor do que a nossa, formada por um lote de preguiçosos» — disse à Manchete um homem que assistira ao jogo num clube do Rio de Janeiro.

Na famosa praia de Copacabana, os adeptos aglomeraram-se na marginal e choraram em conjunto a eliminação antecipada do «escreve» e muitos deles abanavam continuamente a cabeça,



Lágrimas no Rio

sem poder acreditar no «escândalo» ocorrido em Turim.

Os habitantes de Florianópolis, no Sul do país, preferiram passar os momentos difíceis em casa, apresentando-se às ruas quase desertas. Porém, alguns condutores dos poucos carros em movimento desfraldaram bandeiras negras, em sinal de luto pela «morte precoce» da equipa dirigida por Sebastião Lazaroni.

Lazaroni pede desculpa

O treinador do «escrete», Sebastião Lazaroni, era, no termo do encontro, um homem naturalmente abatido. «Desculpem-se aos meus amigos a quem decepcionei. O futebol prega-nos partidas muito tristes. Tivemos tantas oportunidades de golo e acabámos por perder na única ocasião em que o nosso adversário conseguiu chegar à nossa baliza. Para nós é um momento muito difícil e toda a equipa sente uma profunda dor. Estou decepcionado e ao mesmo tempo contente com o futebol praticado pela equipa. Podem apontar-me como culpado, mas eu não sinto qualquer responsabilidade na eliminação do Brasil. Fizemos o nosso melhor.»

Euforia nas pampas

Desde o presidente Carlos Menen aos demais milhões de argentinos todos festejaram o triunfo (inesperado) por todas as ruas de todas as localidades do país das pampas. Durante a transmissão do encontro, Buenos Aires era uma capital despo-vada porque todos se recolhiam onde se situava o aparelho de televisão. No final, foi o silêncio.

Em Turim, Maradona beijava o presidente federativo, Carlos Bilardo (o técnico) reclamava o alento para caminhar na rota da renovação do título depois de, pela primeira vez, ter vencido o Brasil numa fase final do Mundial.

MUNDIAL



Há de tudo nos estádios



Argentina, 1 - Brasil, 0

Maradona: o toque de génio

No único momento em que se escapou ao cerco contrário, Maradona fez um passe de morte para Caniggia e o colega apenas teve de contornar o guarda-redes Taffarel (totalmente desamparado) para fazer o golo que atirou para a derrota brasileiros sempre confundidos tacticamente (cinco defesas perante dois ou três dianteiros), vanguardistas que perderam oportunidades soberanas, ostracismo votado por Lazaroni a atiradores

como Bebeto, Romário ou Renato Portaluppi, um geral mau-estar no «escrote» que já vinha na bagagem para a Europa a partir do instante em que dirigentes e atletas não acertaram o valor dos prémios e das receitas publicitárias.

Sem possuírem vedeta capaz de, por si só, resolver um duelo (Pelé é saudade) o Brasil paga os erros acumulados a partir do instante em que se julgou intocável soberano máxi-

mo no futebol. Com o 1.º grande êxito sobre os vizinhos, a Argentina prossegue bela defesa do seu título.

Joel Quiniou, o controverso juiz francês, perdoou duas grandes penalidades ao Brasil e teve outras falhas de monta.

BRASIL: Taffarel; Mauro Galvão; Jorginho, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes e Branco; Alemão (Silas, 83), Dunga e Valdo; Muller e Careca.

ARGENTINA: Sérgio Goycochea; Pedro Monzon, Juan Simon, Oscar Rugger e Pedro Troglio (Gabriel Calderón, 62), Ricardo Guisti, Jorge Burruchaga, Jose Basualdo e Julio Olarticochea; Claudio Caniggia e Diego Maradona.

Golo: Caniggia. Cartão amarelo para Monzon, Guisti, Ricardo Rocha (ex-Sporting), Mauro Galvão e Goycochea, Cartão vermelho a Ricardo Gomes (Benfica).

Checoslováquia, 4 - Costa Rica, 1

Skuhravy: salto para a fama

Acabou o fôlego costarriquenho: Cayasso, Jara e parceiros saem do circo de cabeça erguida mas sem ponta de força. Carregando no acelerador, os checos ganharam avanço, ainda permitiram regresso ao nulo mas, quando foi necessário mostrar que havia reserva de energia, os alunos do professor Venglos arrumaram a questão, não apenas face ao atirador Skuhravy estar no

seu dia mas também porque os centrais sul-americanos ficavam pela cintura do latagão camisa dez. A lesão de Marchena (choque de cabeças que lhe provocou diminuição de faculdades) merecia imediata substituição do atleta: o técnico Milutinovic, obrigando-o a continuar em jogo, passou a dispor de menos uma unidade, erro que paga agora bem na pele. Por outro lado, não

podendo alinhar com o titular Conejo (lesionado) entregou as redes a Hermidio Barrantes, que ficava siderado de cada vez que lhe aparecia Skuhravy...

O juiz Siegfried Kirschen (RDA) não teve problemas graúdos para resolver: com o cartão *icterícia* pôs toda a gente em sentido.

CHECOSLOVÁQUIA: Stejkal; Kocian; Kadlec, Stra-

ka e Bilek; Hasek, Chovanec e Kubik; Moravcik e Knoflíček; Skuhravy.

COSTA RICA: Barrantes; Flores; Chavarria (Guimarães, 65), Marchena, Montero e Chavez; Ramirez, Gonzalez e Obando (Medford na 2.ª parte): Cayasso e Jara.

Golos: Skuhravy (3), Kubik e Gonzalez. Cartão amarelo para Hasek, Kocian, Straka, Gonzalez e Marchena.

D I G E S T

Irlandeses não terão feriado «pateta»

O primeiro-ministro da República da Irlanda, Charles Haughey, rejeitou um pedido da oposição para declarar a tarde de hoje como «feriado», de forma a permitir aos irlandeses seguir pela televisão o encontro com a Roménia.

O líder do Partido Trabalhista, Dick Spring, antigo jogador internacional de rúgbi, sugeriu o «feriado» por prever que se vai registar um absentismo em massa nas fábricas e escritórios.

Haughey, impedido de assistir ao jogo por ser anfitrião numa cimeira da Comunidade Europeia, rejeitou categoricamente a proposta, qualificando-a como «pateta». «A melhor coisa que posso fazer perante pedidos patetas como este é ignorá-los simplesmente» — disse o primeiro-ministro irlandês.

Camisola de Pelé foi roubada

A camisola «10» envergada pelo legendário Pelé no final do Campeonato do Mundo do México, em 1970, na qual o Brasil ganhou o seu terceiro título, ao bater a Itália, por 4-1, foi roubada de uma exposição em Roma.

A «réliquia» foi aparentemente roubada quinta-feira à noite, após o encerramento do pavilhão onde está instalada a exposição, onde podem ver-se objectos históricos das várias edições do Mundial.

«Tudo estava bem de manhã, incluindo as fechaduras, excepto a camisola de Pelé, uma bola autografada por este e emblemas de várias federações, que desapareceram» — revelou Lucia de Marchi, responsável pelo certame.

Adeptos ingleses regressam a casa

Cerca de 2000 adeptos ingleses regressaram já a casa em aviões fretados desde Cagliari, desde que terminou a primeira fase do mundial.

Os primeiros grupos, no total de 1200 pessoas, partiram na sexta-feira para a Grã-Bretanha, em 12 voos charters, e ontem saíram mais seis aparelhos, transportando cerca de 750 adeptos.

Entretanto, algumas centenas de adeptos ingleses deixaram a Sardenha de barco, a caminho de Bolonha, onde a Inglaterra discute amanhã com a Bélgica a passagem aos quartos de final, e outros permanecem na ilha, como simples turistas.

O lucro dos espanhóis

Cada jogador da selecção espanhola de futebol recebeu 50 000 dólares (7500 contos) pela passagem aos oitavos de final do Campeonato do Mundo nos quais lhes caberá defrontar (amanhã) a Jugoslávia.

Os prémios por vitória foram estabelecidos antes da selecção viajar para Itália, em negociações havidas entre a Federação Espanhola de Futebol e uma comissão dos jogadores, composta por Zubizarreta, Michel e Butragueño.

Estes prémios por vitória podem chegar a um total de 280 000 dólares (42 000 contos), caso a Espanha ganhasse a final do Campeonato, calendarizada para o dia 8 de Julho próximo.

Cada pupilo de Luis Suarez receberá 30 000 dólares (4500 contos) se conseguir eliminar a Jugoslávia nos oitavos de final, e 40 000 (6000 contos), 60 000 (9000 contos) e 100 000 dólares (15 000 contos) por vitórias nos quartos de final, meias-finais e final, respectivamente.

O momento da bilheteira

Durante a primeira fase do Itália-90 foram vendidos mais de 1,6 milhões de bilhetes, o que passa a constituir novo recorde na história dos «mundiais» de futebol.

Segundo dados fornecidos pelo Comité do Itália-90, nos 40 encontros até agora disputados foram vendidos mais 400 mil bilhetes do que em idêntico período da competição no México-86.

O encontro que até agora teve maior assistência foi o Alemanha Federal-Jugoslávia com 75 mil espectadores, enquanto a cerimónia inaugural que teve ainda o Argentina-Camarões, foi presenciado por 73 800 pessoas.

Em contrapartida, o desafio com menos espectadores foi o Jugoslávia-Emirados Árabes, disputado em Bolonha com 27 000 pessoas nas bancadas.

Cartolina para 133

Nos 40 encontros já efectuados os árbitros exibiram a cartolina amarela a 133 futebolistas, sendo mostrado a 111 durante a primeira fase. Curiosamente, o argentino Juan Carlos Lostau, que nos jogos Bélgica-Espanha e Costa Rica-Escócia não havia tocado no bolso, «vingou-se» no jogo de ontem entre alemães e holandeses exibindo o amarelo a cinco elementos e o vermelho a dois. Entre os mais «disciplinadores» encontram-se o sírio Jamal Al-Sharif e o italiano Tullio Lanese que puxaram da cartolina dez vezes. Refira-se que a Áustria foi, na fase preliminar, a mais «desordeira» com 12 cartões em três jogos e a mais «disciplinada» foi a Irlanda com apenas um jogador a ser admoestado.

Osim em «guerra» com jornalistas

O seleccionador jugoslavo de futebol, Ivica Osim, cancelou uma conferência de Imprensa, como forma de protesto por os jornalistas do seu país terem noticiado que «gostava muito de bebida e tinha 11 garrafas de uísque no quarto».

O mau ambiente entre a selecção e os elementos da comunicação social jugoslavos estende-se igualmente aos companheiros de Ivkovic, alguns dos quais negam lesões que lhe foram supostamente atribuídas.

RELÓGIOS
300 modelos
à escolha

Qualidade e
modernidade
preços acessíveis



PARA UMA IMAGINAÇÃO
SEM LIMITES OS RELÓGIOS
DE OPÇÃO ILIMITADA

Fabricado por
JAPAN CBM CORPORATION
Tóquio

Representante oficial
DJR - Importação e Exportação, Lda.
Rua de Benfornosa, 69 - 2.º 1100 Lisboa
Telef. 87 68 29 - 87 40 41 Fax 87 43 21 - 87 07 54

Camarões, 2 - Colômbia, 1 (após prolongamento)

Higuaita: zeros na cabeça

Graças a uma louca saída do destrambelhado Higuaita (que abandonou as redes ao desbarato para ir por aí fora, como se fora um centro-campista) e à sensacional eficiência de Roger Milla (autor de mais dois golos) os Camarões tornaram-se a 1.ª equipa africana a conseguir, através dos tempos, chegar aos quarto de final de um mundial futebolístico. A melhor técnica individual dos colombianos foi ultrapassada pela força de vontade e companheirismo dos colegas de Roger Milla, que viram no seu veterano (38 anos) um notável

exemplo: fazendo o gosto ao pé, apenas de vez em quando jogando pelos secundários franceses do St. Pierreise, foi «convocado» pelo presidente camaronês para defender o país. Com êxito pleno para o «seleccionador» que o colocou em campo: apenas chamado ao relvado em momentos de apuro (125 minutos num total de quatro jogos) já rubricou um quadrunvirato de golos!

Pela 3.ª vez o italiano Túlio Lanese foi chamado a dirigir um jogo do mundial, protecçãoismo que defendeu calmamente.

CAMARÕES: N'Kono; Ta-



taw, N'Dip, Onana e Ebwelle; Maboang, Kana Biyick, M'Bouh e M'Fede (Milla, 59), Makanaki (Djonkep, 70); Omam Biyick.

COLÔMBIA: Higuaita; Herrera, Perea, Escobar e Gildardo Gomez; Fajardo (Iguaran, 62), Alvarez, Gabriel Gomez

(Redin, 76) e Rincon; Valderama; Estrada.

Jogo com necessidade de prolongamento (0-0 no termo dos 90 minutos). Golos: Milla (2) e Redin. Cartão amarelo para Onana, Kana Biyick, N'Dip, M'Bouh, Perea e Gabriel Gomez.

RFA, 2 - Holanda, 1

Reijkaard: triste exemplo

Mais que a eliminação holandesa que se aceita perfeitamente face ao fracasso do seu *trio de ouro* e à péssima preparação física que atrai Leo Beenhaker para o despedimento e a quase garantia de apelo a Cruyff com vista ao Campeonato europeu, a representação laranja ficou altamente maculada pelo infeliz e triste gesto de Reijkaard, ao cuspir na cara de Voeller no momento da sua expulsão. Esperando que a FIFA tenha mão drástica no comportamento daquele que fingiu um dia ser jogador do

Sporting, diga-se que o triunfo germânico está perfeitamente correcto face a uma Holanda que vinha com três empates em outros tantos testes, sem produtividade atacante, não acreditando na chefia técnica, sem réstea de força perante um parceiro que tinha ainda asas nos pés nos últimos minutos do espectáculo. O árbitro perdeu dois «penalties» (um a cada emblema) mostrando que só por acaso chega a este degrau do Campeonato.

Arbitragem do argentino Juan Carlos Lostau, com mui-

tos erros, o principal dos quais o completo alheamento dos fiscais de linha.

ALEMANHA FEDERAL: Bodo Illgner; Stefan Reuter, Klaus Augenthaler, Guido Buchwald e Juergen Kohler; Andreas Brehme, Thomas Berthold, Pierre Littbarski e Lothar Matthaeus; Rudi Voeller e Juergen Klinsmann (Karl-Heinz Riedl, 79).

HOLANDA: Hans Van Breuklen; Berry van Aerle (Wim Kieft, 66), Ronald Koe-

man; Frankaard e Adri van Tiggelen; Arope Winter, Jan Wouters, Richard Witschge (Hans Gillhaus, 80), e John Van't Schip; Ruud Gullit e Marco Van Basten.

Golos: Klinsmann, Andreas Brehme e Ronald Koeman (de grande penalidade). Cartão amarelo: Reijkaard, Voeller, Wouters, Van Basten e Matthaeus. Cartão vermelho para Reijkaard e Voeller.

OS JOGOS NA TV

HOJE

Roménia - Irlanda

RTP 1 16H00

ITÁLIA URUGUAI

RTP 2 20H00

Walter Zenga	1	Fernando Alvez
Franco Baresi	2	Nelson Gutierrez
Guiseppi Bergomi	3	Hugo de Leone
Luigi Agostini	4	José Herrera
Ciro Ferrara	5	José Perdomo
Riccardo Ferri	6	Alfonso Dominguez
Paolo Maldini	7	António Alzamendi
Pietro Vierchowod	8	Santiago Ostolaza
Carlo Ancelotti	9	Enzo Francescoli
Nicola Berti	10	Ruben Paz
Fernando de Napoli	11	Ruben Sosa
Stefano Tacconi	12	Eduardo Pereira
Giuseppi Giannini	13	Daniel Revelez
Giancarlo Marocchi	14	Jose Pintos Saldana
Roberto Baggio	15	Carlos Correa
Andrea Carnaval	16	Pablo Benguechea
Roberto Donadoni	17	Sergio Martinez
Roberto Mancini	18	Carlos Aguilera
Salvatore Schillaci	19	Daniel Fonseca
Aldo Serena	20	Ruben Pereira
Gianluca Vialli	21	Willam Castro
Gianluca Pagliuca	22	Javier Zeoli

AMANHÃ

Espanha - Jugoslávia

RTP 1 16H00

Inglaterra - Bélgica

RTP 2 20H00



Rijkard, Van Brekelen e Voeller: lance feio resultou em duas expulsões



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

AV. BERNAL, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16x31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

Gaveto entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.ª c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrit. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frente e 12 m empena. Aprova-do para 10 fogos + 2 lojas.

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

JUNTO novo edifício CMA, r/c c/ 3 ass., e grande logradouro, viabilidade escrit. ou comércio.

Edifício do Trib. Trabalho, andar c/ 4 ass.

COVA DA PIEDADE, armazém c/ 200 m².

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

C. CAPARICA — VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

SOBREDIA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

C. CAPARICA — QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, coz., desp. e garagem. Bom preço.

AROEIRA — PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA — ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c/ infra-est. e serviços.

PRAIA DO VAU — ROCHA — VOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turíst. e habit.

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única.

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m², urbanizado c/ infra-est.

CRUZ DE PAU — AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m², 1.ª e 2.ª andares c/ 5 ass. cada.

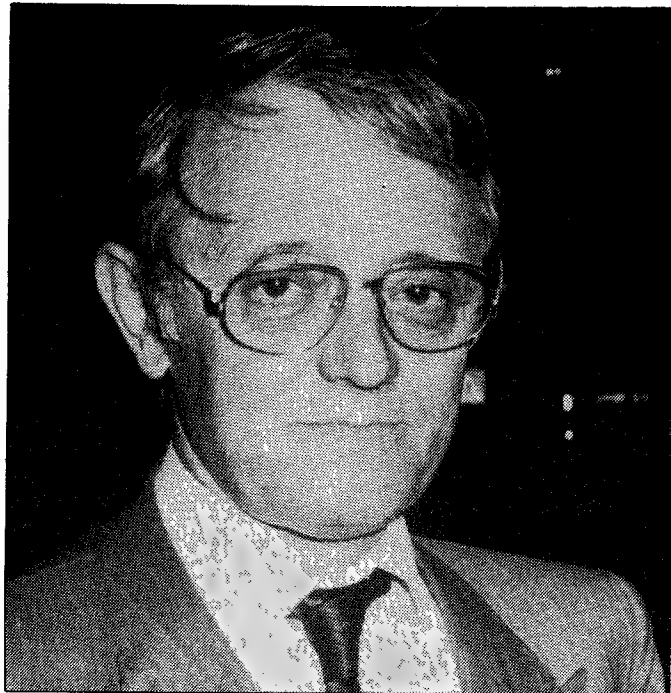
FERRERIA DO ZÉZERE — LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, electri. e telefone, junto estrada.

DESPORTO

Federação: o medrar dos fracassos

As associações vão ter de resolver se há, ou não, lugar para o Famalicão na I Divisão, enquanto a direcção de João Rodrigues está na corda bamba

O processo Famalicão terminou finalmente por sair do elevador, depois de ter andado durante 700 dias, no «sobe e desce» entre os Conselhos de Disciplina e de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol. O clube famalicense foi despenalizado (bem como o seu presidente, Fernando Costa) mas quanto à sua admissão no campeonato dos «maiores», é assunto para as associações resolverem em assembleia geral. Quer isto dizer que cessou a fase judiciária restando saber-se o que irá ser solucionado na fase administrativa. Há quem sustente que esta decisão (advinda da sentença reabilitante ditada pelo Tribunal de Vila Nova de Famalicão) contraria os preceitos instituídos pela Federação Internacional de Futebol, no caso da FPF ficar a «promoção» através dessa determinação e isto porque existe um entendimento de que as questões afectas ao futebol, apenas se vinculam à legislação determinada por aquele organismo. Não será bem assim, porque, o art.º 208.º (n.º 2) da Constituição da República Portuguesa, determina que «as decisões dos tribunais são obrigatórias para todas as entidades públicas e privadas, e prevalecem sobre as de qualquer outra entidade». Mas há mais: no sistema do novo Có-



digo do Processo Penal (em vigor desde 1 de Junho de 1987) as sentenças transitadas em julgado, tornam-se indiscutíveis, logo a confissão do arguido (o famigerado António Veiga, protagonista de todo este complicado e demorado processo) implica a renúncia à produção de provas relativas aos factos imputados e consequente consideração destes como provados».

Vetar a entrada do Famalicão na 1.ª Divisão, será atitude que naturalmente, ne-

hum representante das associações ousará assumir: porque seria contrariar o Direito e atentar contra a moral. Só que no reino do futebol, quando «jogado» nos gabinetes, tudo é possível. Espera-se que o bom-senso impere e que os «jogos de bastidores» se finquem na defesa da dignidade dos preceitos desportivos.

Direcção da federação na «corda bamba»

Depois de tanta asneira, de

tantas promessas falhadas e diversos atentados às normas institucionais, para não citar a tremenda crise de preceitos morais desviados da rota traçada em tempos idos por Ângelo Ferrari, Maia Loureiro, Matos Correia, Pinheiro Machado, Martins Canaverde, Silva Resende e tantos outros dirigentes que passaram pela «coordenação» da Federação Portuguesa de Futebol, é bem provável que, no próximo sábado, o elenco, que tem como seu condutor o dr. João Rodrigues, venha a receber um voto de desconfiança e, a avaliar pelo somatório do constante avolumar de atitudes que contrariam as normas mais civilizadas de estar no dirigismo, é bem provável que nos dias do actual executivo estejam contados. As associações estão atentas e através das decisões tomadas no passado sábado, quer em Setúbal quer no Porto, o elenco chefiado por João Rodrigues deverá estar condenado à queda.

De saudades ninguém morrerá. Um elenco que surgiu com muita pompa e que foi eleito por força das circunstâncias.

Agora, e porque os fracassos estão a medrar e os êxitos não se vislumbam, é tempo de saír. Amanhã será tarde.

Alves Henriques

«Dragões» dominam hóquei europeu

O Futebol Clube do Porto conquistou, pela segunda vez, o título de campeão europeu de hóquei em patins, ao derrotar, em Barcelona, a equipa do Noia, por 5-2, no jogo da segunda mão da final.

A vitória, indiscutível, dos portistas, começou logo no primeiro minuto da partida, com um excelente gol do «capitão» Vítor Hugo, deixando desde logo transparecer que a vantagem de seis tentos trazidos das Antas (1.ª mão) era para dilatar e não deixar-se envolver no jogo «matreiro» dos espanhóis.

Sempre sem soluções atacantes, e quando as tinham lá estava o guarda-fórmula Franklin, o Noia perdeu as esperanças de revalidar o título conquistado na época passada, quando Vítor Bruno marcou o segundo gol da equipa nortenha, num período em que se começou a despoletar toda a imaginação do hóquei dos «dragões», com rápidas trocas de bola, a deixar completamente baralhada a turma adversária.

Perante a arbitragem do italiano Giovanni Monttini, as equipas alinharam e marcaram:

Noia: Emilio; Buxaderas, Hom, Gabriel Cairo (1), Juan Torner, Enrique Torner e Ballabriga (1). Não jogaram: Canalda e Polan.

FC Porto: Franklin; Alves, Realista (1), Vítor Hugo (1), Tó Neves (1), Vítor Bruno (2) e Diego. Não jogaram: Paulo Freitas, Rui Neto e Rui Félix.

Ao intervalo: 1-3.

Ação disciplinar: cartão amarelo para Tó Neves, Hom, Diego e Realista.

«Liguilla»

Disputada a quarta jornada da «liguilla», a Quimigal solidificou o comando da classificação, ao vencer, fora, o Santa Cita, o que lhe permite, até ver, continuar o seu «reinado» entre os «grandes» do hóquei.

Resultados: Sesimbra - Cucujães, 3-2; Santa Cita - Quimigal, 4-5. A Quimigal soma agora 10 pontos, seguida do Sesimbra, Cucujães e Santa Cita, todos com 8.

A próxima jornada (sábado, dia 30), engloba os encontros Quimigal - Sesimbra e Cucujães - Santa Cita.

Totoloto: 184 mil contos para emigrante na Suíça

De acordo com informações prestadas, no final da manhã, ao «DL» pelos serviços de escrutínio do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, até ao momento em que encerramos esta edição somente havia sido encheado o primeiro prémio do totoloto, que embolsará cerca de 184 mil contos. O candidato ao mais alto prémio pago em Portugal é emigrante na Suíça e entregou o seu boletim em Lisboa no qual referiu o direito ao anonimato. Para o 2.º prémio aqueles serviços prevêem que sejam encontradas 416 matri-

ças cabendo uma distribuição individual de 5210 contos; enquanto a previsão do 3.º prémio se enquadra entre 458 e 500 apostadores, cabendo a cada um, cerca de 169 contos. O 4.º prémio deverá contemplar cerca de 30 000 correspondentes ao valor de 2 700\$00 e, finalmente, o 5.º prémio deverá ser distribuído por 650 000 matrizes, com um valor individual de 200\$00.

Totobola

1.º prémio (13 resultados certos): 138 (41 295\$00); 2.º prémio (12 acertos): 3241 (1 814\$00); 3.º prémio (11): 25 653 (222\$00).

A chave

Farense - G. Vicente X
Esposende - Anadia 1
Montijo - S. Clara 1
Benfica - Sporting X
Guimarães - Porto X
Farense - G. Vicente X
Esposende - Anadia 1
Montijo - S. Clara 1
Benfica - Sporting 1
Guimarães - Porto 2
1.º Maio - J. Lunda X
Cabinda - Benguela 1
Petro L. - D. Taag X

Totoloto

8 - 26 - 32 - 35 - 36 - 43 (31)

A nosa aposta Concurso n.º 26

Lingby - Neuchatel 1
St. Galen - Tirol X
Bochum - Slávia Sôfia 1
Veje - Slovan Bratislava 1
MTK - Norrköping 1
Kaiserslautern - Bohemians X
Nitra - Lucerna X
Aarhus - Vasas X
Ploumest - Karl Marx 1
Struim Graz - Dusseldorf 1
Ljubljana - Grasshoppers 1
Berlim - B. Uerdingen X
Odense - Sportul Bucuresti 1

Futebol por cá

II Divisão: título em suspenso

O Farense empatou (0-0) com o Gil Vicente, adiando a atribuição do título nacional de futebol da Segunda Divisão para a última jornada da fase final do Campeonato.

O salgueiro, que ontem folgou, necessita apenas de um empate em Faro para assegurar o título secundário, mas uma eventual vitória do Farense deixará as três equipas finalistas empatadas, com quatro pontos cada.

O campeão da Segunda Divisão será então determinado pela diferença entre golos marcados e sofridos pelos três finalistas, uma situação em que o Salgueiro também tem actualmente vantagem.

Classificação após a penúltima ronda:

Salgueiros J V E D G P
3 2 - 1 4 1 4

Gil Vicente 4 1 2 1 1-3 4
Farense 3 - 2 1 0-1 2

III Divisão: Lousada e Montijo na final

Lousada (Zona Norte) e Montijo (Zona Sul) são os dois clubes apurados para a final do Campeonato Nacional da III Divisão, cuja segunda fase ficou ontem concluída.

O Lousada, que descansou na derradeira ronda, qualificou-se graças à escassa vitória (2-0) obtida em casa pelo Esposende frente ao Anadia, e o Montijo confirmou a presença na final ao vencer no seu terreno o Santa Clara, por 4-0.

Porto campeão de juniores

O FC Porto confirmou on-

tem o título de campeão nacional de juniores, após vencer tangencialmente o Guimarães (3-2), no terreno deste, na sexta e última jornada da fase final do Campeonato.

O Benfica, campeão nas duas últimas épocas, classificou-se na segunda posição, ao vencer na Luz o Sporting, por 1-0, terminando a prova com 9 pontos, menos dois que o Porto, que obtém o seu décimo quarto título na categoria.

O Sporting acabou em terceiro, com 4 pontos, e o Guimarães ficou na quarta e última posição, contando por derrotas os seis encontros que disputou na fase final.

Juvenis

Para o Nacional de juvenis, o

Porto derrotou, nas Antas, o Sporting, por 2-1, enquanto o líder da prova, Boavista, venceu o Benfica pelo mesmo resultado, no Bessa.

A quarta jornada, primeira da segunda volta, joga-se depois de amanhã, com o seguinte calendário: Benfica-Sporting e Boavista-Porto.

Torneio de Loulé

O Benfica foi o vencedor do 6.º Torneio Internacional de Futebol Infantil de Loulé, ao derrotar na final a equipa espanhola do Bétis, por 2-1.

No historial da prova é a terceira vez que o Benfica inscreve o seu nome como vencedor deste torneio algarvio, repetindo os triunfos obtidos no último ano e em 1986.

DESPORTO

Atletismo

Três vitórias portuguesas na Westathletic

A participação dos portugueses na Westathletic, que decorreu no fim-de-semana em Kapfenberg, na Áustria, pode dizer-se que teve um saldo positivo, com o quarto lugar colectivo obtido em masculinos e o sexto em femininos, após as duas jornadas.

Foi na verdade uma participação recheada de subidas ao pódio, nas quais se destacam os primeiros lugares de Dionísio Castro (Sporting), nos 5000 metros e da bracarense Conceição Ferreira nos 10 mil, e de Ana Oliveira, no salto em comprimento.

Em relação ao resto, uns quantos segundos e terceiros lugares e muitos sextos, não deixaram ficar mal o atletismo nacional, onde a nota máxima continua a pontificar no fundo e meio-fundo.

Registe-se, entretanto, que na véspera da Westathletic,

Dionísio Castro, em Paris, perdeu a melhor marca mundial no ano dos 5000 metros para o marroquino Khalid Skah, durante o Meeting de Saint-Denis, onde o atleta africano correu a distância em 13.16,73 minutos. O tempo de Dionísio e recorde mundial da distância (13.21,39) tinha sido obtido em 30 de Maio, em Sevilha.

Ainda no Meeting de Saint-Denis, José Moreira ganhou a prova de 1500 metros, com o tempo de 3.41,34 minutos.

Voltando à Áustria e à vitória de Dionísio Castro nos 5000 metros, o atleta «leoniño» fez a marca de 13.33,38, portanto, muito aquém do seu melhor, mas o suficiente para se impor ao helvético Arnold Machler e ao irlandês Johj Treacy, e cortar isolado a meta com cerca de dois segundo-

sa de avanço sobre o segundo classificado.

Por seu lado, a bracarense Conceição Ferreira cumpriu os 10 mil metros em 31 minutos, 41 segundos e 75 centésimos, superando-se por mais de um minuto à segunda classificada, a suíça Isabella Moretti.

Outro atleta em evidência na ronda inaugural da competição foi Ezequiel Canário, segundo classificado nos 10 mil metros, com 28.30,49, contra 28.25,72 do vencedor, o espanhol Carlos de La Torre.

Destaque ainda para Fernando Alves, no lançamento do peso, com um terceiro lugar, lançando o engenho a 16,72 metros, atrás do austríaco Klaus Bodenmuller, primeiro, com 20,35, e do espanhol Victor Roca Castillo, segundo (16,84).

Circuito Cidade do Porto

O polaco V. Lepeck e a portista Aurora Cunha foram os vencedores do primeiro Circuito Internacional do Porto em Atletismo, corrido ontem, na Cidade Invicta por cerca de 1100 atletas, de ambos os sexos.

Aurora Cunha correu os 1500 metros, gastando 52 minutos e 47 segundos, impondo-se à campeã olímpica, mundial e europeia da Maratona, Rosa Mota, do CAP, e a Manuela Machado, do Braga, segunda e terceira classificadas, respectivamente.

Em masculinos, na mesma distância, o polaco Lepeck gastou 47,14 m, tendo o segundo e o terceiro lugar pertencido, respectivamente, ao benfiquista Carlos Monteiro e a António Rodrigues, do ND Silva.

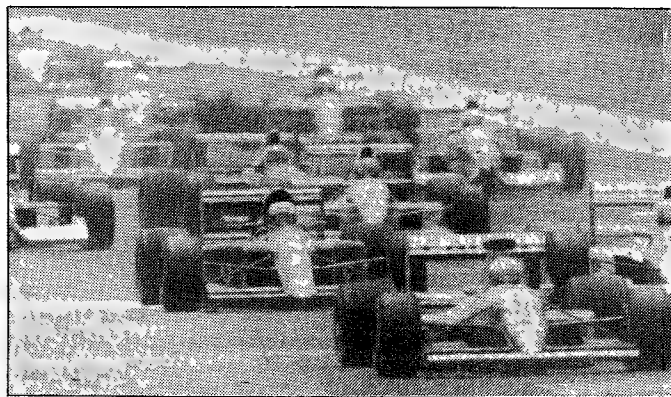
B R E V E S

Dobradinha da Ferrari

A Ferrari obteve ontem uma preciosa vitória no Circuito mexicano Hermanos Rodriguez, ao colocar os seus dois carros, pilotados por Alain Prost e Nigel Mansel, nas primeira e segunda posições, respectivamente. A seguir, classificaram-se Berger, Nanini, Boutsen e Piquet.

Alain Prost conquistou assim a 41.ª vitória da sua carreira, e a segunda da presente temporada, e partilha agora a segunda posição do Mundial de Pilotos com o austríaco Gerhard Berger, da McLaren, com 23 pontos cada, menos 8 que o líder Ayrton Senna.

O GP do México voltou a evidenciar a já sentida quebra de rendimento da McLaren que, no entanto, se mantém ainda isolada na liderança do Mundial de Construtores, com 54 pontos, mais 18 do que a Ferrari. Senna comandou até perto do fim mas um furo lento pô-lo fora de prova.



A partida para o Grande Prémio do México

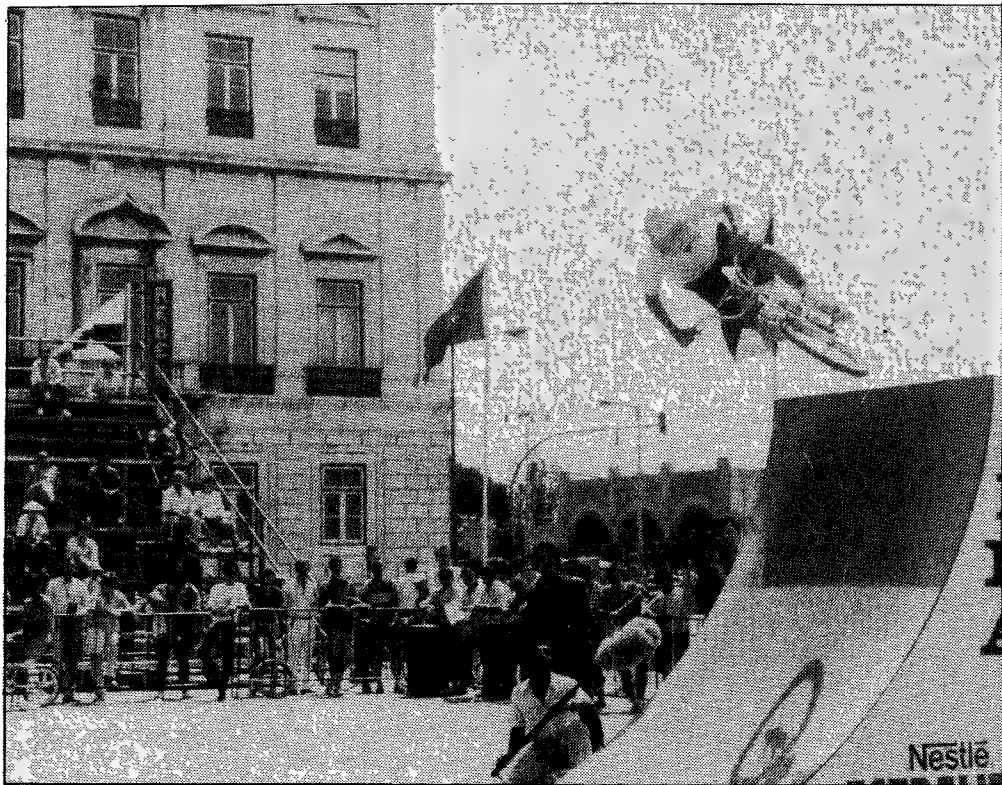
CICLISMO

Jorge Silva ganhou o «JN»

Jorge Silva, da Sicasal/Acril, ganhou o Grande Prémio «JN» em ciclismo, ao terminar a última etapa na 13.ª posição, com mais 7 segundos que Vítor Gamito, vencedor da tirada. Na geral, Jorge Silva totalizou 26 horas, 43 minutos e 42 segundos, terminando com 29 segundos de vantagem sobre José Xavier e 44 em relação a Eduardo Correia, ambos do Avibom/Valouro/Lousa. Os diversos prémios tiveram por vencedores os seguintes ciclistas: pontos — António Pinto (Orima); montanha — José Ferreira (Recer/Boavista); metas volantes — José Dias (Alguerra/Camponauto); combinado — José Santiago (Recer); juventude — Orlando Rodrigues (Motai/Águias).

Taça de voleibol para a Luz

O Benfica conquistou a Taça de Portugal em voleibol masculino, ao vencer por 3-0 o Leixões, campeão nacional, em encontro disputado no Pavilhão do Castelo da Maia. Os encarnados impuseram-se pelos parciais de 15-4, 15-7 e 15-11, dominando sem grandes problemas a formação do Leixões, que acusou problemas físicos que a impediram de discutir o resultado. Entretanto, o Estrelas da Avenida venceu o Boavista, por 3-1, em encontro da primeira mão da Supertaça feminina de voleibol, disputado no Pavilhão da Escola Secundária Carolina Michaelis, no Porto.



Maria Emilia Prazeres

Desporto

na

cidade

Organizado pelo

Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa culminou, ontem, no Terreiro do Paço, mais uma edição dos Jogos Desportivos da Cidade que, durante vários meses, mobilizou dez mil jovens em representação de centenas de colectividades sediadas em todas as freguesias lisboetas. O desporto desceu ao Terreiro e houve festa no Paço. Para além das finais das modalidades de basquetebol, andebol e futebol estiveram presentes 2300 atletas fazendo evoluir em todo o recinto a ginástica, judo, aikido, boxe, ciclismo, atletismo, skate, entre outras.

Andebol: título brilha na Luz

O Benfica conquistou pela sexta vez o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de seniores masculinos, ao bater pela diferença mínima o Vitória de Setúbal, em jogo correspondente à 13.ª jornada da fase final, que teve por palco o Pavilhão Borges Coutinho.

Ambiente de festa antecipada aguardava a formação encarnada para este derradeiro encontro intramuros, com os seus simpatizantes a confiarem plenamente no segundo êxito consecutivo na mais importante prova do calendário andebolístico, após a vitória da semana anterior nas Antas. Adversário deste penúltimo confronto da prova, o conjunto superiormente orientado por Manuel Manita, uma das

agradáveis surpresas (confirmação) da temporada que, sem sombra de dúvidas, não foram à Luz para participarem na festa. Prova disso, a grande exibição feita pelos sadinos, nomeadamente na primeira metade em que chegaram a ter 5 tentos de vantagem (9-4) aos 25 minutos, para Armando Pires «ser patrão» na recuperação até aos 9-7 do intervalo. Razões do domínio setubalense: a optimização do contra-ataque apoiado a aproveitar, normalmente, más prestações atacantes dos visitantes, com Appelgreen a destacar-se neste ponto (negativamente).

Na 2.ª parte, a história quase se repetiu, com melhoria encarnada que só passou para

comando (16-15) a oito minutos do final.

Resultados completos da 13.ª ronda: Benfica, 18-V. Setúbal, 17; Sporting, 17-Boavista, 17; Belenenses, 24-ABC, 23 e Académica, 24-FC Porto, 24. Na classificação, 1.º lugar para o Benfica com 67 pontos, seguido de FC Porto (62), V. Setúbal (54), ABC (52), Académica (46), Sporting (45), Belenenses (44) e Boavista (39).

Entretanto, no grupo B, o Francisco de Holanda assegurou na derradeira jornada a continuidade na divisão maior, ao bater o Clube TAP por 20-19.

Jorge Marques



Francisco Paraiso

Festa na cabina encarnada

APRENDA

ELECTRICIDADE, ELECTRONICA, RADIO E TV. DURANTE 10 MESES, AULAS TEÓRICAS E PRÁTICAS DE 3 HORAS DIARIAS DAS 08:00 AS 23:00. MAIS DE 500 CONTOS DE MATERIAL DIDACTICO POR ALUNO.

INÍCIO DO CURSO 5 DE MARÇO ASSISTA A UMA SEMANA DE AULAS GRATUITAMENTE QUANDO DESEJAR.

4.ª OU 6.ª CLASSE (16 anos)

DIPLOMA
CARTÃO PROFISSIONAL
De: Técnico de Electrónica,
Rádio, TV, e de Electricista de
Baixa Tensão

PREÇO: 170+6 MIL ESCUDOS, EM 10 PRESTAÇÕES MENSIS DE 17 MIL

ESCOLA LASER

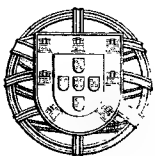
CAPACIDADE PARA 870 ALUNOS

Praça Bernardo Santareno, 3
1900 LISBOA - Telef.: 80 58 01 - 80 95 57
Metro Areeiro, Autocarros 15-27-35-40

(ALUGAMOS SALAS-AULA)

AGENDA

I Série N.º 144
Dia 25 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 205/90:
Altera o Regulamento e a Tabela Geral do Imposto do Selo.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Despacho Normativo n.º 39/90:
Determina que sejam aceites no Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola pedidos de ajuda à armazenagem privada.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 31 529 contos.

N.º 143
Dia 23 de Junho

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/90:
Estabelece o Programa Nacional Relativo às Embalagens para Líquidos Alimentares.

Ministério das Finanças

Portaria n.º 468/90:
Cria um lugar na carreira de consultor jurídico no quadro de pessoal da Direcção-Geral do Património do Estado.

Portaria n.º 469/90:
Cria dois lugares de programador de aplicações principal e um lugar de programador de aplicações de 1.ª classe no quadro de pessoal da Direcção-Geral das Alfândegas.

Ministério da Administração Interna

Despacho Normativo n.º 38/90:
Atribui ao Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC) a missão de estudar e avaliar as declarações de prejuízo de natureza social e pedidos de subsídio formulados pelas vítimas dos incêndios florestais ocorridos na época estival de 1990.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 470/90:
Determina que no mês de Julho de cada ano os pensionistas dos regimes de segurança social tenham direito a receber, além da pensão mensal, uma prestação adicional de igual montante.



uma cidade limpa
é uma cidade viva
CML

H O J E

CONTINENTE

Em todo o território
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas, em especial nas regiões do interior. Pequena descida da temperatura máxima.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do interior para a tarde, onde há possibilidade de ocorrência de aguaceiros e trovoadas. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais. Possibilidade de trovoadas nas regiões do interior durante a tarde.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento de Norte moderado.

Mar de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

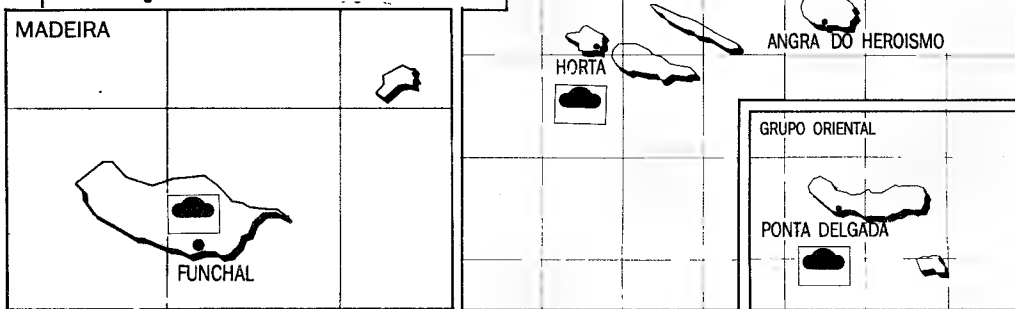
AÇORES

Grupo Ocidental
Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva fraca.

Grupo Central
Céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste.

Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoadas
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

M A R É S

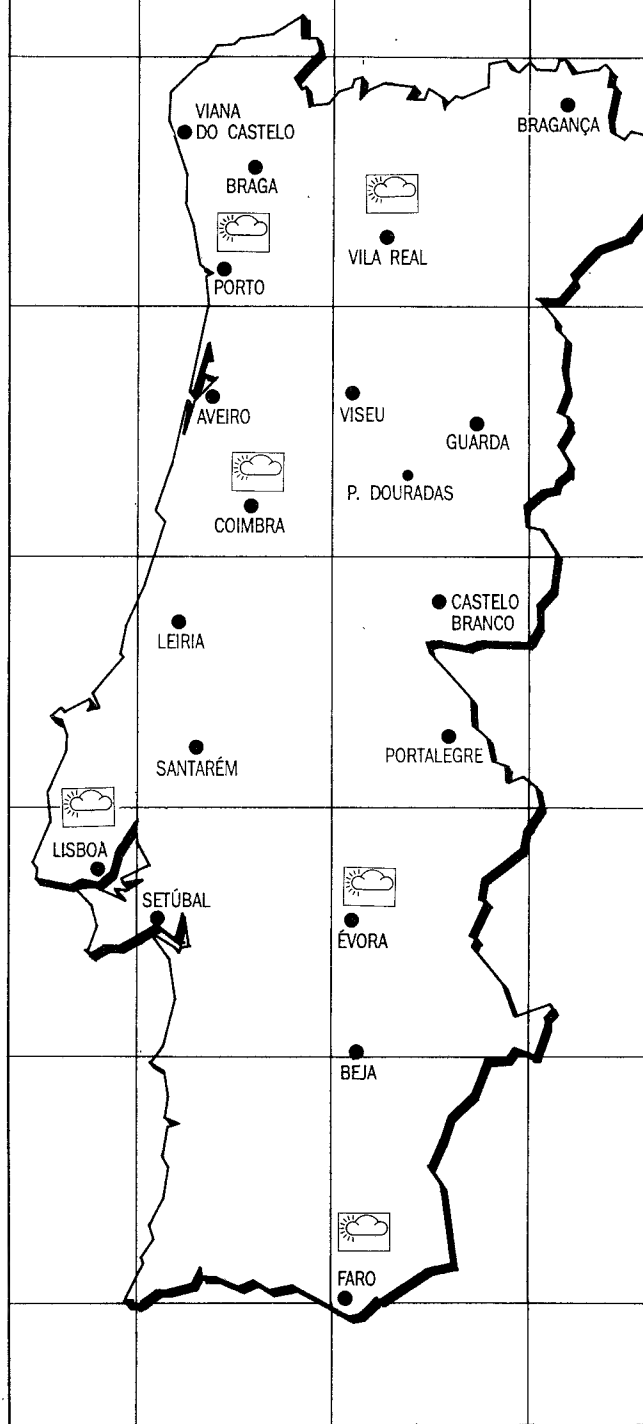
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.51 3,6m	11.18 0,6m
18.07 3,9m	23.57 0,6m

Amanhã

06.36 3,5m	12.03 0,8m
18.52 3,8m	00.45 0,7m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	15	21	P. nub.
V. Castelo.....	14	23	Trovoadas
Vila Real.....	16	21	P. nub.
Porto.....	13	18	Trovoadas
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	16	19	P. nub.
C. Carveiro.....	17	18	Encoberto
C. Branco.....	19	21	P. nub.
Portalegre.....	19	23	P. nub.
Lisboa.....	17	19	Limpo
Évora.....	16	19	Neblina
Beja.....	16	21	M. nub.
Faro.....	21	21	Neblina
Sagres.....	18	19	Nevoeiro
P. Delgada.....	18	18	M. nub.
Horta.....	19	19	M. nub.
Funchal.....	18	20	M. nub.
Sines.....	-	-	-

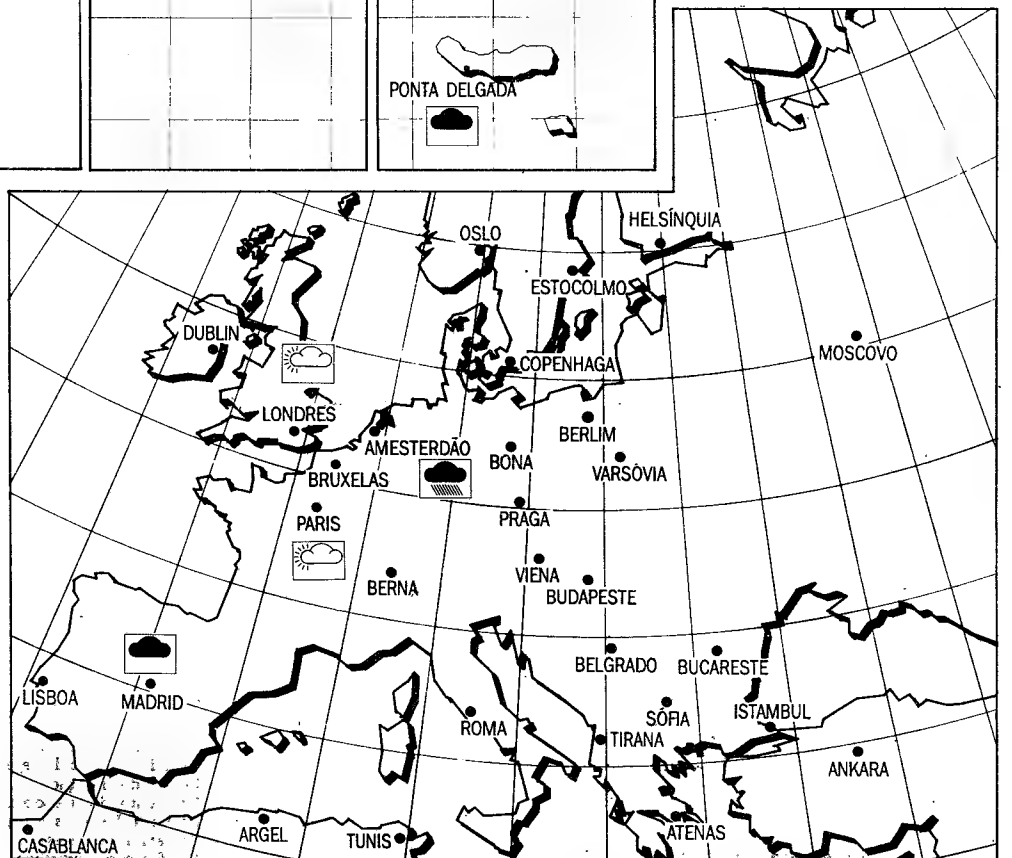
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 27; Faro, 27; P. Delgada, 24; Funchal, 24.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	19	21	M. nub.
Londres.....	15	16	Encoberto
Paris.....	13	16	P. nub.
Bruxelas.....	16	16	Encoberto
Amsterdão.....	16	16	Chuvisco
Genebra.....	12	16	P. nub.
Roma.....	18	22	Neblina
Oslo.....	13	14	M. nub.
Copenhaga.....	13	14	Chuva
Estocolmo.....	14	16	M. nub.
Berlim.....	14	15	Chuva
Viena.....	12	16	P. nub.
Varsóvia.....	10	13	Encoberto
Atenas.....	23	27	Neblina
Moscovo.....	10	18	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	10	22	Nublado
Houston.....	22	35	Encoberto
Los Angeles.....	16	23	M. nub.
Montreal.....	14	23	Trovoadas
Nova Iorque.....	18	26	Aguaceiros
S. Francisco.....	12	20	Encoberto
Toronto.....	10	19	Aguaceiros
Vancouver.....	13	20	Aguaceiros
Washington.....	19	30	Trovoadas
Hong Kong.....	25	31	Aguaceiros
Melbourne.....	9	17	Nublado
Pequim.....	19	23	Nublado
Perth.....	7	18	Nublado
Singapura.....	24	31	Encoberto
Sydney.....	7	16	P. nub.
Tóquio.....	21	29	P. nub.
Wellington.....	6	13	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; Alvalade: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; Anjos - Chile: Antolin, Av. Almirante Reis, 88, B-C, Tel. 821773; Av. República: Cardote, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; Baixa - Coliseu: Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; Beneficência - Sete Rios: Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; Cemitério Ingleses: Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; Chelas - Liceu D. Dinis: Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A - Loja B, Tel. 8596565; Lapa - Santos: Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; Lumiar: São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Santo Amaro - Calvário: Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; Odivelas: Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944;

Alcântara: Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; Areeiro: Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; Benfca - Estação - Uruguai: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; Camões: Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; Campo Grande: Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732069; Campolide: Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Encarnação: Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; Estefânia: Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; Gomes Freire: Salutar, Rua Conde Freire, 9-B, Tel. 683694; Graça: Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; São Sebastião: Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; Xabregas - Madre Deus: Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Brandosa - Amadora: Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; Linda-a-Velha: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente;



Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavilos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; Parede: Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; Cascais: Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; Damaia: Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Permanente; Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 972530.

MÉDICO
DE
URGÊNCIA

795 06 80/9

971023. Permanente; Queluz: André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; Algueirão: Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; Sintra: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Pendor, Tel. 9232747; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; Cova da Piedade: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Feijó: Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Barreiro: Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; Baixa da Banheira: Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; Corroios: Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; Amora: Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lote 401, Tel. 2216355

HÁ 20 ANOS

Grave carência

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, «continua a verificar-se uma grave carência de mão-de-obra agrícola». Na folha relativa a Maio diz-se ainda que «alterações bruscas de temperatura e chuvas por vezes intensas foram as características climatológicas. De uma maneira geral, a agricultura foi afectada pelas condições climáticas verificadas na última quinzena».

Televisão em disco

Segundo uma notícia oriunda de Berlim Ocidental, em breve os espectadores de televisão poderão comprar e ter em seu poder programas a cores com tanta facilidade como os discos normais, devido a um engenho anglo-alemão apresentado ontem, pela primeira vez, em Berlim. O «video-disc» é transmitido através de uma unidade que se liga ao aparelho de televisão, a qual custará cerca de seis contos.

URSS aumenta auxílio

Enquanto as forças comunistas continuam a ocupar os templos de Angkor, após pela primeira vez terem atacado Kompong-Spen, 40 quilómetros a oeste de Phnom-Penh, a União Soviética, que não reconheceu o governo do príncipe Sihanouk, e que mantém relações diplomáticas com o regime de Lon Nol, decidiu intensificar o seu auxílio económico e militar ao Vietname do Norte.

EFEMÉRIDES
1876

• A força de cavalaria do general George Custer é massacrada pelos índios sioux na batalha de Little Big Horn, no Estado de Montana, nos EUA.

1927

• Em Portugal, é fundada a Associação «Luís Braille», para invisuais.

1948

• Morre o escritor e activista político português Bento de Jesus Caraça.

1962

• Em Moçambique, então sob administração portuguesa, é fundada a Frente de Libertação de Moçambique, sob a presidência de Eduardo Mondlane.

1975

• Sob a presidência de Samora Moisés Machel, Moçambique ascende à independência.

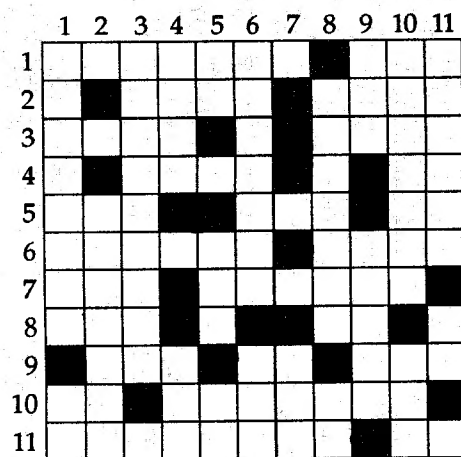
1984

• Lord Carrington, antigo ministro britânico dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, toma posse do cargo de secretário-geral da NATO, sucedendo ao holandês Joseph Luns.

• Morre o filósofo e historiador francês Michel Foucault.

1986

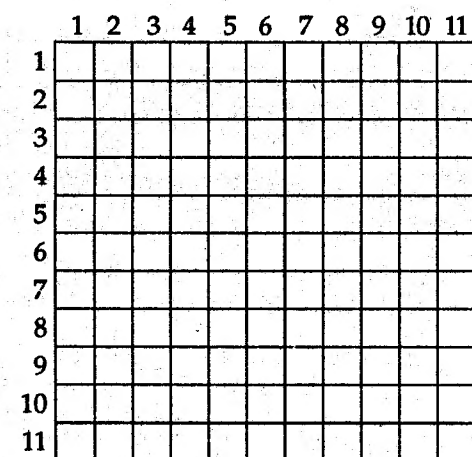
• Cuba e Brasil restabelecem relações diplomáticas, cortadas há 20 anos.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17945
HORIZONTAIS:

- 1 - Recompensação. O sustento.
- 2 - Formar as abas a. Encolheriza.
- 3 - Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar ouro. Portanto.
- 4 - Possuirá. Nota musical.
- 5 - Concelho do distrito do Bié-Cubango. Abreviatura de diclorodifeniltridoretano, substância insecticida.
- 6 - Duzentos em romano.
- 7 - Falsificação. A Pérsia.
- 8 - Ágora. Pertences.
- 9 - Telegrafia-sem-fios (abrev.). Arsénio (s.q.). Preposição.
- 10 - Concede. Abrilhantaram.
- 11 - Região da Europa Central, dividida, em 1949 em dois Estados. Ósmio (s.q.)

VERTICAIS:

- 1 - Impedido de se fazer. Quinto filho de Jacob.
- 2 - Glorioso.
- 3 - Tocadoras de gaita.
- 4 - Descerra. Termo.
- 5 - Batráquio. Fedor. Rádio (s.q.).
- 6 - Região montanhosa da Grécia antiga, na parte central do peloponeso. Rio de França.
- 7 - Artigo definido. Tens.
- 8 - Vontade de comer. Rádio (s.q.).
- 9 - Devoto. Apará.
- 10 - Esquivas. Espádua.
- 11 - Relativo a oásis. Senhor.


PROBLEMA N.º 16755
HORIZONTAIS:

- 1 - Ilhas do oceano Atlântico a NE das Antilhas, pertencentes à Inglaterra. Despido.
- 2 - Atomo. Desejaremos.
- 3 - Antigo tecido da Índia. Nome de mulher.
- 4 - Carta de jogar. Satélite de Júpiter.
- 5 - Rio de França. Suaviza.
- 6 - Peso turco, cerca de um quilo. Ligando pelo casamento.
- 7 - Relato. Brisa.
- 8 - Terceiro. Sobre.
- 9 - Artilharia antiaérea. Domestico. Samário (s.q.).
- 10 - Ilha inglesa no mar da Irlanda. Vou para fora.
- 11 - Pegar. Pronome pessoal.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade da Antiguidade, cujas ruínas à beira do Eufrates se encontra a 160 km a SE de Bagadá.
- 2 - Letra grega. Amante (Bras.).
- 3 - Assassinar.
- 4 - Madres. Miriara.
- 5 - Artigo indefinido. Despertar.
- 6 - Cortesã que, segundo a Bíblia, entregou Saneão aos filisteus, após ter-lhe cortado os cabelos, nos quais residia a sua força. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte de czarina Isabel.
- 7 - Brisa. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Sua Majestade.
- 8 - Catedrais. Amplos.
- 9 - Ruim. Prefixo de negação. Prefixo de privação.
- 10 - Vento frio que sopra do Norte. Fecho as asas para descer mais depressa.
- 11 - Emprega. Rezamos.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17 944

HORIZONTAIS: 1 - GORAZ. DE. Cá. 2 - Aturavam. At. 3 - Zara. Amarro. 4 - Rameia. Na 5 - Jiló. Escoem. 6 - Ao. UU. Cali. 7 - Lot. Re. 8 - Enófia. Amor. 9 - Iara. Ans. 10 - Rovuma. Sa. 11 - Ossadas. **VERTICAIS:** 1 - Gaz. JANEIRO. 2 - Otário. Não. 3 - Rural. Corvo. 4 - Aramou. Paus. 5 - Za. Ms. 6 - VALE. La. Aa. 7 - Damasco. 8 - Ema. Catanga. 9 - Lo. SM. 10 - CARNEIRO. 11 - Atoam. Er-ras.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16 754

HORIZONTAIS: 1 - Al. Manto. Fé. 2 - Ais. Barini. 3 - Lascados. La. 4 - Sô. Pana. Sim. 5 - Cid. Alapo. 6 - Croas. Mir. 7 - Cana. Ana. 8 - Rui. Aterras. 9 - Tiara. Srs. 10 - Ma. Na. 11 - Chã. Mimosos. **VERTICAIS:** 1 - Aalsmeer. MC. 2 - Lião. Utah. 3 - SS. CCCII. 4 - Caíra. An. 5 - Abandonaram. 6 - Nada. Aatá. 7 - Tropas. Em. 8 - Ois. Rs. 9 - Samarras. 10 - Filipinas. 11 - Amoras. Ms.

PROVÉRBIO:
GORAZ
DE JANEIRO
VALE CARNEIRO

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Barbet
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg

TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Processo N.º 1466
2.ª Secção
FAZ-SE SABER Por este
tribunal correm, editos de
30 dias, que começarão a
contar-se da segunda e últi-
ma publicação do anúncio,
citando o seu INÁCIO AN-
TONIO LOPES, com última
residência na Rua Conde
Almostrer n.º 10A-2.º Dt.º
1500 Lisboa, para no prazo
de VINTE dias, findo o dos
editos, contestar a acção
ORDINÁRIA n.º 1466 na
qual o Autor NUNO JOSÉ
DE OLIVEIRA SANTOS, pe-
de a condenação do réu, tal
como duplicado da petição
inicial que fica nesta secção
a aguardar o seu levanta-
mento.

Lisboa, 8 de Junho de
1990.
O Juiz de Direito,
Guilherme Augusto Igreja
A Escrivã Adjunta,
Madalena Rodrigues

«DL» — 1.º Pub. 25/6/90

M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10

UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tamar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
O CALOR DAS CALOIRAS
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
A FRONTEIRA DO PERIGO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
SALTEADORES DA SELVA PERDIDA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A CONDESSA DE VASSA
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
O DESEJADO
Filme de Paulo Rocha, às 18.30
SEMPRE GOSTEI DE TI
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.00, 17.00
e 21.15

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487265
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 508 - T. 7145088
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

CARTAZ

Já em exibição nos cinemas
S. Jorge - Fonte Nova - Estú-
dio A.C. Santos

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00
e 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcantara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3

M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua das Condes, 13 - T. 325309
SEXO E ROCK AND ROLL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTEITO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTEITO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTEITO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTEITO 4

QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
TANGO & CASH
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O BEIJO DA MULHER ARANHA
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
ROMERO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
PARA IRIS COM AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA
MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
STAR TREK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
UM NINJA AMERICANO 3
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sonhos; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Abriço.

Emissoras de Onda Média do Interior
e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio
e no Estúdio; 20.15: Musical; 20.30:
O Som dos Negócios; 21.30:
Imaginar, Notícias de hora a hora.

PROGRAMA 2

17.00: Lugar à História; 17.30: O
«Orfeu» de Gluck na voz de Rita Gorr;
18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00:
Integrals - As 32 sonatas para piano de
Beethoven, por Alfred Brendel; 19.27:
Álbum Musical

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Roménia-Irlanda
- 17.50 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
35º episódio
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.15 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
Primeiro episódio
- 21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES
- 21.45 - O INESPERADO ACONTECE
Produzido pela cadeia alemã ZDF, este programa foi premiado no Rosa de Ouro de Montreux. Trata-se de um recreativo em que as situações são levadas a extremos de comicidade, ainda que o inesperado não aconteça...
- 22.30 - BASTIDORES DA NOTÍCIA
3º episódio. Sam Courtney investiga para a TNC o caso de três estranhos homicídios em que estão implicadas algumas personalidades públicas. Entretanto, Anita Markham voa do Vaticano para Paris, para cobrir uma importante passagem de modelos. Na realidade, Anita está mais interessada em revelar os meandros da Alta Costura. Eddie, por seu turno, quer uma peça sobre o sexismo nos anos 90 e envia Lucy Trent a clubes exclusivos para homens.
- 23.30 - 24 HORAS
- 00.05 - REMATE

RTP-2

- 16.30 - BATALHA PELO PLANETA
- 16.45 - A IRMÃ KATE
- 17.15 - VER OU NÃO VER OS MUSEUS DE PORTUGAL
- 17.45 - FORA DE HORAS



No 1º Canal às 20.15, Início da telenovela «Roda de Fogo»

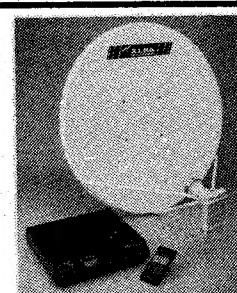
- 18.05 - TELEMERCADO
- 18.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
133º episódio
- 19.00 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.30 - VIA RÁPIDA
- 19.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Itália-Uruguai
- 22.00 - JORNAL DAS NOVE
- 22.30 - TEATRO PORTUGUÊS
«Andam Ladrões cá em Casa».
- Esta comédia dramática da autoria de António Pedro, escrita em 1950, proclama-se contra as regras e conveniências da ordem burguesa e evidencia os sagrados direitos da liberdade. É, por outro lado, a afirmação do "teatro diferente" com que o autor sonhava.
- Trata-se de uma peça inédita realizada para a RTP por Bento Pinto da França, com o apoio na produção de Atilia Cargaleiro, cenografia de Fernando Filipe e interpretação dos actores Glicínia Quartín,



O 4º episódio da série «A Irmã Kate», às 16.45 no 2º Canal

Teresa Roby, Alexandre Melo, Canto e Castro, Alina Vaz e Amílcar Botica.
Duração: 90 minutos.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOSINFORME-SE NA
AUDIMAXTEL. 410 62 75
ALGÉS

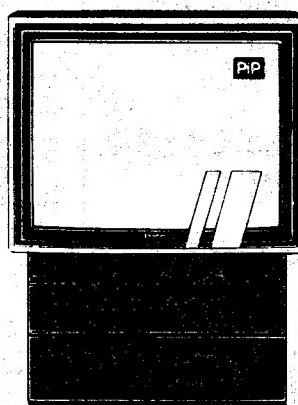
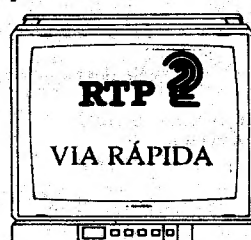
AMANHÃ

RTP-1

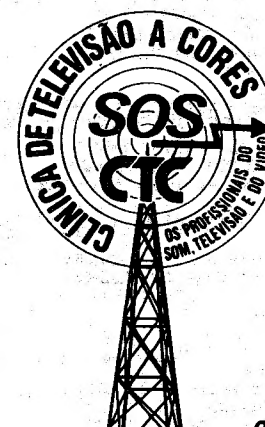
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - DALLAS
- 14.15 - LUGAR À NATUREZA
- 14.45 - PONTO POR PONTO
- 15.50 - MATINÉE
«Fim-de-semana no ascensor»
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 19.50 - DIREITO DE ANTENA: CGTP
- 19.55 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Inglaterra-Bélgica
(No intervalo, O Tempo)
- 21.50 - BOLETIM AGRÁRIO
- 22.00 - RODA DE FOGO
- 23.00 - CRÓNICA DO CRIME
- 23.55 - BOLSA
- 00.00 - 24 HORAS
- 00.35 - REMATE

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.35 - FILHOS E FILHAS
- 15.00 - O MASCARILHA
- 15.20 - FORA DE HORAS
- 15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Espanha-Jugoslávia
- 18.20 - TELEMERCADO
- 18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.50 - VIA RÁPIDA
- 20.00 - CLÁSSICOS DA TV
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - CINEMAGAZINE
- 21.50 - CINEMADOIS
«Chuvas de Verão»
- 23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...● BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Trabalhamos hoje com a
tecnologia do amanhã27 ANOS AO SERVIÇO DA
ELECTRÓNICAReparamos hoje em
sua casa o seu TV ou VÍDEOFrota equipada com
rádio-teléfono para maior

RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

24 horas antedimento

899762 • 899826 • 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa



«Em Portugal constrói-se com muito maior facilidade e entusiasmo um palácio de justiça, um banco, um estádio... que um hospital»

Manuel Hermínio Monterlo, «O Independente», 22.06.90

A PERGUNTA DO DIA



Rui Godinho
vereador
da Câmara de Lisboa

Em que consiste o programa de combate à poluição dos dejectos caninos?

«Pretende-se lançar um projecto e uma campanha para garantir a limpeza dos passeios e dos muitos espaços públicos que hoje, notoriamente, se apresentam sujos porque há uma indisciplina total com os cães que as pessoas têm quando, por necessidades fisiológicas, os têm de levar à rua. O projecto pretende pôr à disposição, em sítios estratégicos, alguns dispositivos com a indicação clara de que devem ser utilizados para este fim. Isto implicará algum investimento por parte da Câmara estando-se ainda a estudar o tipo de dispositivo a utilizar. Entretanto, deverá ser preparado um regulamento ou uma postura municipal de sensibilização das pessoas. Tal regulamento contém também as penalidades por infracção, embora se pretenda que seja moderadamente sancionador. Haverá ainda uma campanha de esclarecimento e de sensibilização. O programa deverá entrar em execução em 1991, embora não se excluam também algumas novidades antes do fim deste ano. Concomitantemente, vai-se intensificar a prática de limpeza dos passeios, para o que a Câmara já adquiriu duas viaturas que varrem, aspiram e lavam.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

A Internacional dos cabeças rapadas

A crónica de Umberto Eco

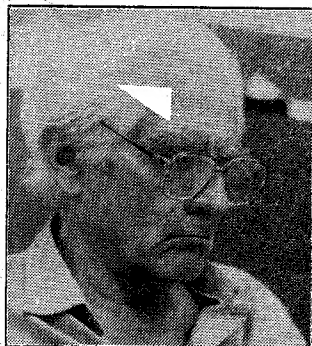
«O Barrosão» por Artur Portela

APLAUSOS A...

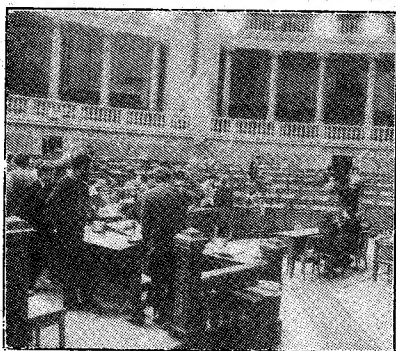
Comissão da Rádio, pela sua coerência de critérios e uniformidade de decisões. Já quando se tratou de atribuir as frequências radiofónicas locais, a digníssima comissão tinha optado por atribuir o maior comprimento de onda ao «Correio da Manhã» Rádio. Agora, colocada perante as candidaturas às regionais, não teve dúvidas a seguir a mesma opção. Só no caso da frequência regional do Norte é que a Comissão cometeu o pequeno deslize de contrariar a decisão do anterior concurso, elegendo a Rádio Press em detrimento da Rádio Nova. Mas quem somos nós, os humanos, para exigir a perfeição aos nossos semelhantes?

Álvaro Cunhal, por mostrar que a verdadeira *perestroika* se faz com actos e não com palavras. Ao mesmo tempo que os críticos acusam o secretário-geral do PCP de não ceder aos novos ventos que sopram de Leste, o líder comunista demonstra o contrário: segue a mais elementar regra capitalista do lucro e põe um terreno - que o partido comprou por 50 mil contos - à venda por 600 mil. Em vez do projectado edifício para trabalho e lazer dos comunistas, o terreno vai albergar um prédio de requintados apartamentos. Mais *perestroika* do que isto...

COMISSÃO DA RÁDIO



& PATEADAS A...



Parlamento, pela sua intenção de impedir o acesso das câmaras da RTP ao hemiciclo. Cansados da imagem negativa que dão de si próprios cada vez que aparecem nos ecrãs da televisão, os deputados estão empenhados em resolver a situação. Só que em vez de alterarem o seu comportamento, passando a frequentar com maior assiduidade e atenção as sessões parlamentares, preferem contratar uma empresa privada que capte, em exclusivo, imagens de ângulos mais favoráveis. E pensar que foram eles que aprovaram a Lei de Imprensa, que garante o acesso dos jornalistas aos locais dos acontecimentos...



Renascimento do anti-semitismo na Europa. Menos de 50 anos após o final da II Guerra Mundial e do holocausto que matou milhões de judeus, o ódio por esta raça está a renascer com uma força perfeitamente inesperada. Da União Soviética à França, chegam-nos todos os dias notícias de profanações de túmulos em cemitérios judaicos e de inquietantes manifestações anti-semitas. Tal onda está a gerar, por oposição, um acentuar do conservadorismo em Israel e uma emigração massiva de judeus provenientes, sobretudo, da União Soviética. Está na hora de as televisões europeias recomencarem a emitir filmes e documentários sobre o holocausto para refrescar algumas memórias mais esquecidas.

Qualidade:
o cliente determina
sucesso das
empresas

Leia no

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

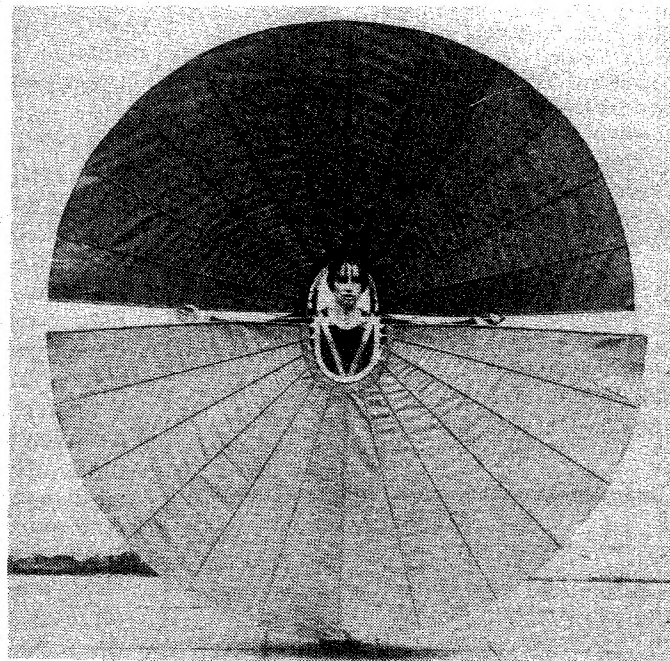


Os novos pintores

Um imperador da China, de nome Tchuen, prometeu, há muitas centenas de anos que toda a Humanidade havia de «voar como os pássaros»; ele próprio tentou algumas vezes nesse sentido, tendo as próprias filhas como instrutoras, mágicas do ofício. O prometido é devido: a Humanidade já voa, sempre que os funcionários das torres de controlo não se declaram em greve.

Lautréamont, dos *Cantos de Maldoror*, poeta dos poetas, profetizou, no século passado, que um dia todos os homens seriam poetas.

A profecia ao que se saiba, ainda não se realizou, mas estão a nascer os poetas-pintores: ao passear pelas praias lusitanas ainda tímidas, pelos pátios escolares, mas sobretudo pela Europa Central das praças eufóricas, ou de outro modo apaixonadas, verifica-se uma excelente moda, cultivada sobretudo pelos jovens — inclusive os da geração da escolaridade obrigatória — pintam as suas *t-shirts*. Já não as querem com escrita e desenhos estampados, pintam-nos (com os *textil-markers* ou doutro modo) eles próprios. Os desenhos são de tipo realista, mas muito mais fascinam as manchas abstractas, sem já falar dos *slogans* e metáforas escritas. Alguns revelam-se definitivos, até tecnicamente perfeitos, irreconhecíveis das obras dos artistas-designers oficiais.



Época de novel criatividade? Comunicação pessoal necessária? Pintura gestual dentro e fora dos modelos culturais? Afinal, uma nova cultura popular? Curiosa experiência esta, fazendo da sua própria camisa um campo visual. Vejamos: três milhões de potenciais pintores em Portugal — parafraseando o outro.

Atenção às futuras lavagens.

Jorge Listopad

A.M.A. *Auto Monumental do Acervo*

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75